

SARA HUNGARO LAZARETTI

**EDUCAÇÃO SEXUAL:** possibilidades de trabalhar  
prevenção à violência sexual na Educação Infantil a luz da  
BNCC



SARA HUNGARO LAZARETTI

**EDUCAÇÃO SEXUAL:** possibilidades de trabalhar  
prevenção à violência sexual na Educação Infantil à luz da  
BNCC

Dissertação de Mestrado, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Sexual. Exemplar apresentado para a defesa.

**Linha de pesquisa:** Desenvolvimento, sexualidade e diversidade na formação de professores.

**Orientador:** Prof. Dr. Ricardo Desidério da Silva

ARARAQUARA – S.P.  
2023

L431e

LAZARETTI, SARA HUNGARO

EDUCAÇÃO SEXUAL : possibilidades de trabalhar prevenção à  
violência sexual na Educação Infantil à luz da BNCC / SARA  
HUNGARO LAZARETTI. -- Araraquara, 2023

159 p.

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Estadual  
Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara  
Orientadora: Ricardo Desidério da Silva

1. Educação infantil. 2. Educação sexual. 3. Prevenção a violência  
sexual. 4. BNCC. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de  
Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

**SARA HUNGARO LAZARETTI**

**EDUCAÇÃO SEXUAL: possibilidades de trabalhar  
prevenção à violência sexual na Educação Infantil a luz da  
BNCC**

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Sexual. Exemplar apresentado para defesa.

**Linha de pesquisa:** Desenvolvimento, sexualidade e diversidade na formação de professores.

**Orientador:** Prof. Dr. Ricardo Desidério da Silva

**Data da defesa:** 27/11/2023

**MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:**

---

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Ricardo Desidério da Silva  
**UNESP – Universidade Estadual Paulista – Campus Araraquara**

---

Membro Titular: Profa. Dra. Raquel Baptista Spaziani  
**UNESP- Universidade Estadual Paulista – Campus Araraquara**

---

Membro Titular: Profa. Dra. Andréa Cristina Martelli  
**UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná**

**Local:** Universidade Estadual Paulista

Faculdade de Ciências e Letras

UNESP – Campus de Araraquara

Dedico este trabalho, aos meus pais, Paulo e Adelaide, que me educaram com muito amor e sacrifício, sempre me incentivando a não desistir, apesar de todas as adversidades.

Ao meu esposo e companheiro Luciano.

À minha filha Maria Júlia.

Às minhas amigas Jéssica e Elaine.

E a todos aqueles que acreditam na prevenção à violência sexual na Educação Infantil, por meio da Educação Sexual

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida, por trilhar meus caminhos e me fortalecer nessa jornada quando eu já não tinha forças.

Ao meu pai Paulo, que enquanto esteve lúcido e ativo, valorizou a Educação, embora não tenha concluído o ensino fundamental, sempre me apoiou e se esforçou para que eu concluísse o ensino superior. Não teve um só dia que não pensei no quão orgulhoso ele estaria, se tivesse capacidade de compreender o significado desse mestrado em minha vida.

À minha mãe Adelaide, que também não concluiu o ensino fundamental, mas com seus gestos de amor, sempre esteve ao meu lado me fortalecendo e oferecendo seu colo para me acalmar.

Ao meu esposo e companheiro Luciano, por me apoiar, organizar as viagens para Araraquara, ser meu motorista, compreender minhas ausências e as várias oscilações de humor durante cada fase do processo.

À minha filha Maria Júlia, que me ensina diariamente sobre como uma criança compreende a sexualidade, demonstrando na prática as possibilidades de aplicar a teoria. É por ela que mergulhei nessa temática, me sinto extremamente orgulhosa a cada aprendizado relacionado à Educação Sexual demonstrado em sua fala e comportamento. Sim, é possível orientar uma criança desde bebê para que desenvolva uma sexualidade saudável e também compreenda a existência da violência sexual, assimilando de forma gradativa conhecimentos de autoproteção. Minhas ausências sempre foram pensando na sua proteção, Maju.

Ao meu sogro Armelindo, minha sogra Maria Aparecida e minha cunhada Alessandra, obrigada por serem minha rede de apoio e me incentivar a seguir em frente.

Ao meu irmão Paulo Cesar, minha cunhada Andrea e minha sobrinha Amanda, obrigada por me apoiar e cobrir minhas ausências nos cuidados com meu pai.

À minha amiga Jéssica por me apoiar com a escrita do projeto, me incentivar a encaminhá-lo para a Secretaria Municipal de Educação, antes mesmo de imaginarmos que se tornaria o projeto de mestrado. Sempre muito atenciosa paciente e companheira. Oferece-me sua mão amiga nos momentos difíceis e comemora ao meu lado cada alegria dessa trajetória.

À minha amiga Elaine, que também acreditou nas minhas ideias iniciais, fez as correções ortográficas, me apoiou desde o início para que o Projeto de Prevenção à Violência Sexual na infância saísse do papel e se tornasse realidade, me ouvindo e aconselhando ao longo do percurso, com muita sabedoria e responsabilidade, vibrando com as conquistas, me acolhendo nos momentos delicados.

À Secretaria Municipal de Educação do município de Umarama-Pr, que recebeu o projeto de Prevenção à Violência Sexual na Infância, colocou em prática e deferiu minha licença para qualificação profissional, cobrindo minhas ausências. Sem esses dias, seria impossível concluir o mestrado.

Ao meu orientador Professor Dr. Ricardo Desidério, que é um ser humano incrível, sensível, acolhedor e compreensivo com a minha forma de escrever e compreender a academia. Agradeço pelas valiosas partilhas e considerações. Jamais vou esquecer tudo que você representou nesse momento em minha vida, seus apontamentos e reflexões foram fundamentais para meu crescimento como pesquisadora e ser humano. Cada reunião que tínhamos era um misto de emoções, você me acalmava e me incentivava a seguir em frente com seu jeito único de ser.

Aos professores da academia que partilharam seus conhecimentos, de forma virtual ou presencial, foi muito importante observar a metodologia de cada um (a), vocês contribuíram imensamente para minha formação.

Ao Professor Dr. Milton Milanez e a Professora Dra. Mary Neide Damico Figueiró, agradeço pela atenção, incentivo e orientação por meio das redes sociais, a disponibilidade de tempo para responder meus questionamentos foram fundamentais para meu ingresso neste programa de mestrado.

À Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Raquel Baptista Spaziani que aceitou o convite para participar da banca de qualificação e da banca de defesa deste trabalho, meu muito obrigada. Suas aulas foram muito significativas e reflexivas durante o curso de pós-graduação, minha admiração por você se iniciou ali e a partir das suas contribuições e apontamentos neste trabalho minha admiração por você só aumentou, seu olhar sensível foi um presente.

À Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Marta Regina Furlan, que surgiu em minha vida em uma visita a instituição que trabalho, se colocando à disposição para participar da minha banca de qualificação, meu muito obrigada. A primeira vez que te ouvi falar de Educação Infantil me impactou positivamente por transmitir conhecimento teórico e prático, agradeço por contribuir de uma forma tão detalhada e atenta para a construção deste trabalho.

À Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Andréa Cristina Martelli, que aceitou o convite para a banca de defesa e trouxe contribuições muito importantes para a finalização deste trabalho, meu muito obrigada, suas palavras trouxeram muita alegria ao meu coração.

As/aos minhas/meus companheiras/os de curso, Gretta, Juliana, Mariluci, Marcos, obrigada pelas partilhas sinceras e apoio durante essa caminhada e também a Maria Fernanda que adequou esse trabalho nas normas da APA. Foram trocas e reflexões marcantes que levarei para a vida.

Aos meus colegas de trabalho do CMEI Maria Montessori, obrigada pelo incentivo, apoio, por valorizar minha pesquisa e pedir orientação de como proceder diante das expressões sexuais que surgiam nas salas de referência e também dentro dos seus lares. Cada pergunta, cada partilha, era um sinal que a temática precisa quebrar paradigmas e vencer inúmeros tabus.

As crianças que passaram pelos meus cuidados ao longo da minha caminhada como professora de Educação Infantil, que demonstraram a presença da sexualidade na rotina diária me desafiando e incentivando a buscar formas de mediar com base na ciência. Em especial as duas últimas turmas que passaram por inúmeros desafios de adaptação ocasionados pela minha ausência, obrigada por me lembrar diariamente a importância do vínculo e da amorosidade.

Enfim a todos(as) que direta ou indiretamente contribuíram para que eu concluísse este trabalho.

“Criança molestada  
Acaba ficando triste e amuada,  
Vamos virar esse jogo  
E dizer não á covardia!  
Vamos combater o abuso com valentia!  
Toda criança tem o direito de ser protegida e viver feliz!”

Andrea Viviana Taubmann (2020, pp. 34-35)

## RESUMO

A violência sexual na infância é um problema grave presente em toda a sociedade, atinge todas as faixas etárias, pode estar presente em todas as classes sociais e exige intervenções integradas de todas as áreas para promover a prevenção e a proteção integral da criança. Este trabalho tem como objetivo identificar possibilidades de trabalhar a temática de prevenção à violência sexual contra a criança a partir de uma proposta de Educação Sexual na etapa da Educação Infantil por meio da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), um documento de caráter normativo, que reúne um conjunto de aprendizagens essenciais, mas que não evidencia as temáticas da sexualidade, Educação Sexual ou prevenção à violência sexual na infância. Este estudo se justifica da necessidade de enfrentamento à violência sexual contra a criança, visto que o Fórum Brasileiro de Segurança Pública apresentou em 2022, que mais de 10% das vítimas de estupro de vulnerável tinham entre de zero a cinco anos de idade, tal faixa etária corresponde ao atendimento realizado pela Educação Infantil, tanto na esfera pública como rede privada de ensino. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica qualitativa, descritiva tipo documental. Foram analisados os objetivos de aprendizagens descritos nos cinco campos de experiência da BNCC etapa Educação Infantil (zero a cinco anos) e a partir da descrição do seu conteúdo, organizou-se três categorias temáticas: (1) o explícito, (2) o oculto e (3) o inexistente. Denota-se assim, a evidência de objetivos de aprendizagens que suscitam para que a temática seja trabalhada com as crianças. Assim, com o intuito de contribuir com a prática pedagógica dos professores que atuam na educação infantil, o estudo ainda descreve sequências didáticas por faixa etária por meio de olhares a partir da temática violência sexual que o documento não aborda explicitamente, mas que é evidenciado. Com base neste material, ressalta-se a importância da Educação Sexual na Educação Infantil, considerando-se possível ampliar o olhar para a sexualidade das crianças e contribuir com o enfrentamento à violência sexual.

**Palavras – chave:** Educação infantil; Educação sexual; Prevenção a violência sexual; BNCC

## RESUMEN

La violencia sexual en la infancia es un problema grave presente en toda la sociedad, afecta a todos los grupos de edad, puede estar presente en todas las clases sociales y requiere intervenciones integradas desde todos los ámbitos para promover la prevención y la protección integral de la infancia. Este trabajo tiene como objetivo identificar posibilidades de trabajar el tema de prevención de la violencia sexual contra la niñez a partir de una propuesta de Educación Sexual en la etapa de Educación Infantil a través de la Base Curricular Común Nacional (BNCC), documento de carácter normativo, que reúne un conjunto de aprendizajes esenciales, pero no destaca los temas de sexualidad, Educación Sexual o prevención de la violencia sexual en la infancia. Este estudio se justifica por la necesidad de combatir la violencia sexual contra los niños, dado que el Foro Brasileño de Seguridad Pública presentó en 2022 que más del 10% de las víctimas de violación vulnerable tenían entre cero y cinco años de edad, rango de edad que corresponde a la Servicio que presta la Educación Infantil, tanto en el ámbito público como en la red educativa privada. Se trata de una investigación bibliográfica cualitativa, descriptiva y de tipo documental. Se analizaron los objetivos de aprendizaje descritos en los cinco campos de experiencia de la etapa de Educación Infantil (cero a cinco años) del BNCC y a partir de la descripción de su contenido se organizaron tres categorías temáticas: (1) los explícitos, (2) los ocultos y (3) lo inexistente. Esto denota evidencia de objetivos de aprendizaje que incentivan a trabajar el tema con los niños. Así, con el objetivo de contribuir a la práctica pedagógica de los docentes que trabajan en educación infantil, el estudio también describe secuencias didácticas por grupo etario a través de perspectivas basadas en la temática de la violencia sexual, que el documento no aborda explícitamente, pero que se resalta. A partir de este material se destaca la importancia de la Educación Sexual en la Educación Infantil, considerando que es posible ampliar la perspectiva sobre la sexualidad infantil y contribuir al combate de la violencia sexual.

**Palabras-clave:** Educación infantil; Educación sexual; Prevención de la violencia sexual; BNCC

## LISTA DE FIGURAS

<i>Figura 1.</i> Gráfico 1 - Faixa etária das vítimas de estupro no Brasil.....	23
<i>Figura 2.</i> Gráfico 2 - Relação entre vítima e autor de estupro no Brasil.....	29
<i>Figura 3.</i> Gráfico - 3: Sexo das vítimas de estupro de vulnerável. ....	30
<i>Figura 4.</i> Gráfico 4 - Classificação dos objetivos de aprendizagens descritos na BNCC.....	102
<i>Figura 5.</i> Livro Fifi e Pipo Para Bebês.....	104
<i>Figura 6.</i> Luva pedagógica da música “Não pode tocar não”. ....	109
<i>Figura 7.</i> Chocalho construído com materiais reciclados. ....	109
<i>Figura 8.</i> Fifi.....	114
<i>Figura 9.</i> Fifi.....	115
<i>Figura 10.</i> Hora do banho.....	115
<i>Figura 11.</i> Ninguém mexe.....	116
<i>Figura 12.</i> Capa do Livro Pipo e Fifi. ....	119
<i>Figura 13.</i> Partes íntimas femininas. ....	119
<i>Figura 14.</i> Partes íntimas masculinas. ....	119
<i>Figura 15.</i> “Meu Pé meu querido Pé – Castelo Rá – Tim – Bum”.. ....	122
<i>Figura 16.</i> Vídeo Toque do Sim, Toque do Não – Tio Som e Tia Laila. ....	126
<i>Figura 17.</i> Tambor construído com materiais reciclados.. ....	126
<i>Figura 18.</i> Semáforo do Toque.....	127
<i>Figura 19.</i> Kiko e a mão. ....	129
<i>Figura 20.</i> Não me toca seu boboca. ....	134
<i>Figura 21.</i> Vídeo da música “Ninguém mexe comigo”. ....	138
<i>Figura 22.</i> Caixa Surpresa. ....	141
<i>Figura 23.</i> Coleção Sentimentos.....	144
<i>Figura 24.</i> Emoji de sentimentos.....	144

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 <i>Função da pornografia infantil na internet</i> .....	35
Tabela 2 <i>Possíveis consequências que a criança pode apresentar ao ser vítima de violência sexual</i> .....	41
Tabela 3 <i>Conceitos chaves de Educação Sexual, necessários para a formação do individuo</i> 63	
Tabela 4 <i>Tabela do Campo de Experiência “O eu, o outro e o nós”</i> .....	84
Tabela 5 <i>Tabela do Campo de Experiência “Corpo, gestos e movimentos”</i> .....	85
Tabela 6 <i>Tabela do Campo de Experiência “Traços, sons, cores e formas”</i> .....	86
Tabela 7 <i>Tabela do Campo de Experiência “Escuta, fala, pensamento e imaginação”</i> .....	86
Tabela 8 <i>Tabela do Campo de Experiência “Espaço, tempo, quantidades, relações e transformações”</i> .....	89
Tabela 9 <i>Objetivos de aprendizagens classificados na temática “o explícito”</i> .....	89
Tabela 10 <i>Objetivos de aprendizagens classificados na temática “o oculto”</i> .....	92
Tabela 11 <i>Objetivos de aprendizagens classificados na temática “o inexistente”</i> .....	100
Tabela 12 <i>Identificação dos campos de experiências e objetivos de aprendizagens descritas na BNCC, contempladas no primeiro momento da sequencia didática para bebês (0 a 1 anos e 6 meses)</i> .....	104
Tabela 13 <i>Identificação dos campos de experiências e objetivos de aprendizagens descritas na BNCC, contempladas no segundo momento da sequência didática para bebês (0 a 1 anos e 6 meses)</i> .....	106
Tabela 14 <i>Letra da música Não pode tocar Não</i> .....	108
Tabela 15 <i>Identificação dos campos de experiências e objetivos de aprendizagens descritas na BNCC, contempladas no terceiro momento da sequência didática para bebês (0 a 1 anos e 6 meses)</i> .....	109
Tabela 16 <i>Identificação dos campos de experiências e objetivos de aprendizagens descritas na BNCC, contempladas no quarto momento da sequência didática para bebês (0 a 1 anos e 6 meses)</i> .....	112
Tabela 17 <i>Identificação dos campos de experiências e objetivos de aprendizagens descritas na BNCC, contempladas no quinto momento da sequência didática para bebês (0 a 1 anos e 6 meses)</i> .....	116
Tabela 18 <i>Identificação dos campos de experiências e objetivos de aprendizagens descritas na BNCC, contempladas no primeiro momento da sequência didática para crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)</i> .....	120
Tabela 19 <i>Identificação dos campos de experiências e objetivos de aprendizagens descritas na BNCC, contempladas no segundo momento da sequência didática para crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)</i> .....	122
Tabela 20 <i>Letra da música Toque do Sim, Toque do Não</i> .....	124
Tabela 21 <i>Identificação dos campos de experiências e objetivos de aprendizagens descritas na BNCC, contempladas no terceiro momento da sequência didática para crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)</i> .....	127
Tabela 22 <i>Identificação dos campos de experiências e objetivos de aprendizagens descritas na BNCC, contempladas no quarto momento da sequência didática para crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)</i> .....	129
Tabela 23 <i>Identificação dos campos de experiências e objetivos de aprendizagens descritas na BNCC, contempladas no quinto momento da sequência didática para crianças bempequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)</i> .....	131
Tabela 24 <i>Identificação dos campos de experiências e objetivos de aprendizagens descritas na BNCC, contempladas no primeiro momento da sequência didática para crianças pequenas (4 a 5 anos e 11 meses)</i> .....	134

Tabela 25 <i>Identificação dos campos de experiências e objetivos de aprendizagens descritas na BNCC, contempladas no segundo momento da sequência didática para crianças pequenas (4 a 5 anos e 11 meses)</i> .....	136
Tabela 26 <i>Letra da música Ninguém Mexe Comigo</i> .....	137
Tabela 27 <i>Identificação dos campos de experiências e objetivos de aprendizagens descritas na BNCC, contempladas no terceiro momento da sequência didática para crianças pequenas (4 a 5 anos e 11 meses)</i> .....	139
Tabela 28 <i>Identificação dos campos de experiências e objetivos de aprendizagens descritas na BNCC, contempladas no quarto momento da sequência didática para crianças pequenas (4 a 5 anos e 11 meses)</i> .....	141
Tabela 29 <i>Identificação dos campos de experiências e objetivos de aprendizagens descritas na BNCC, contempladas no quinto momento da sequência didática para crianças pequenas (4 a 5 anos e 11 meses)</i> .....	144

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<b>AI – 5</b>	Ato Institucional
<b>BNCC</b>	Base Nacional Comum Curricular
<b>CID</b>	Classificação Internacional de Doenças
<b>CONANDA</b>	Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente
<b>CONSEDE</b>	Conselho Nacional de Secretários de Educação
<b>COVID -19</b>	Doença do Coronavírus
<b>DSM</b>	Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais
<b>ECA</b>	Estatuto da Criança e do Adolescente
<b>ECEPAT</b>	End Child Prostitution Pornography and Trafficking of Children for Sexual Purpos
<b>IST</b>	Infecção Sexualmente transmissível
<b>LDB</b>	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
<b>LIAPS</b>	Literatura Infantil de Abordagem Preventiva
<b>MEC</b>	Ministério da Educação e Cultura
<b>OMS</b>	Organização Mundial da Saúde
<b>PCN</b>	Parâmetros Curriculares Nacionais
<b>PNE</b>	Plano Nacional de Educação
<b>UNDINE</b>	União Nacional dos dirigentes municipais de Educação

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>16</b>
<b>2 PANORAMA GERAL DA VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA A CRIANÇA .....</b>	<b>22</b>
2.1 Recortes históricos de atos sexuais envolvendo adultos e crianças .....	24
2.2 O fenômeno da violência sexual contra a criança .....	28
<b>3 EDUCAÇÃO SEXUAL NO BRASIL: UMA REFLEXÃO DA HISTÓRIA .....</b>	<b>46</b>
3.1 Sexualidade da criança e educação .....	49
3.2 Expressões sexuais de meses a cinco anos.....	53
3.3 Educação Sexual como possibilidade ao enfrentamento da violência sexual contra a criança.....	63
<b>4 EDUCAÇÃO INFANTIL E SEXUALIDADE: POSSÍVEIS ARTICULAÇÕES COM A BNCC .....</b>	<b>70</b>
<b>5 POSSIBILIDADES DE TRABALHO SOBRE A EDUCACAO SEXUAL NA EDUCACAO INFANTIL A PARTIR DA BNCC.....</b>	<b>81</b>
<b>5.1 Método .....</b>	<b>81</b>
5.1.1 <i>Tipo de Pesquisa</i> .....	81
5.1.2 <i>Objeto de análise</i> .....	82
5.1.3 <i>Procedimento</i> .....	82
5.1.4 <i>Descrição do material</i> .....	83
<b>5.2 Resultados e Discussão .....</b>	<b>88</b>
5.2.1 <i>Categorias temáticas: olhares para a prevenção a violência sexual na infância         a partir da BNCC</i> .....	89
5.2.1.1 TEMA 01: O EXPLÍCITO.....	89
5.2.1.2 TEMA 2: O OCULTO .....	92
5.2.1.3 TEMA 03: “O INEXISTENTE” .....	100
5.2.2 <i>Sugestões de práticas pedagógicas por grupos etários</i> .....	102
5.2.2.1 BEBÊS (0 À 1 ANO E 6 MESES).....	102
<b>1º MOMENTO</b> .....	103
<b>2º MOMENTO</b> .....	105
<b>3º MOMENTO</b> .....	107
<b>4º MOMENTO</b> .....	111
<b>5º MOMENTO</b> .....	113
5.2.2.2 CRIANÇAS BEM PEQUENAS (1 ANO E 7 MESES A 3 ANOS E 11 MESES).....	117
<b>1º MOMENTO</b> .....	118
<b>2º MOMENTO</b> .....	121
<b>3º MOMENTO</b> .....	124

<b>4º MOMENTO</b> .....	128
<b>5º MOMENTO</b> .....	130
5.2.2.3 CRIANÇAS PEQUENAS (4 A 5 ANOS E 11 MESES).....	132
<b>1º MOMENTO</b> .....	133
<b>2º MOMENTO</b> .....	135
<b>3º MOMENTO</b> .....	137
<b>4º MOMENTO</b> .....	140
<b>5º MOMENTO</b> .....	143
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>147</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>150</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Ao iniciar este texto, recordo<sup>1</sup> das minhas primeiras aulas de Ciências no Colégio Estadual Lúcia Alves de Oliveira Schoffen – Altônia/PR em 2011, como professora temporária em uma turma do oitavo ano no período da tarde, sobre sistema reprodutor feminino e masculino. O cenário era composto por estudantes ávidos em discutir sobre sexualidade e uma professora preparada apenas para explicar os conteúdos apresentados no livro didático. O professor Dr. Ricardo Desidério da Silva (2009) considera que “no universo escolar as questões da sexualidade são muitas vezes pautadas por debates/discussões polêmicas” (p.21), esclarece ainda que o conhecimento teórico necessário, alicerce para abordar essa temática, é inexistente na formação inicial do professor, fato confirmado na minha graduação em Ciências Biológicas com ênfase em Biotecnologia (bacharelado e licenciatura) ofertada pela Universidade Paranaense, turma 2007. A professora Dra. Mary Neide Damico Figueiró (2001) reforça a necessidade de inserir a temática no currículo de Ciências Biológicas, informando sobre a importância dos estudantes participarem ativamente das aulas, que não deve ser reduzida a aulas expositivas de informações, mas deve se abrir para o diálogo, explicando a necessidade de trabalhar a sexualidade de forma ampla, “aquele que abrange além do sexo, sentimentos, valores, atitudes e normas socioculturais ligadas à sexualidade, construídas e transformadas pelo homem ao longo da história” (p. 249). Na época, desconhecia essa abordagem e diante daquele contexto, me sentia completamente despreparada para esclarecer as dúvidas que surgiram dos meus alunos. Admito que não imaginava até aquele momento, como as questões trazidas pelos estudantes iam muito além do biológico, embora “a biologia é a base primeira do homem e determina o ciclo de sobrevivência” como explica Isaura Guimarães (1995, p. 31), mostrando-me que os conteúdos trabalhados no currículo pedagógico eram insuficientes para a formação integral dos educandos.

Sentia-me amedrontada, receando forte reprovação, e mesmo sem ter pesquisado a história da Educação Sexual, estava ciente que o tema era repleto de interditos, preconceitos e tabus. Todos esses sentimentos, somados à insegurança em relação às famílias dos estudantes, e caso alguma informação fosse descontextualizada, à vida profissional de uma professora iniciante, poderia ser prejudicada.

---

<sup>1</sup> Trata-se de um memorial de trajetória acadêmica da pesquisadora.

Historicamente, os projetos de Educação Sexual no Brasil foram marcados de forma negativa durante o período militar em 1964, como nos explica Rita de Cássia Pereira Bueno e Paulo Rennes Marçal Ribeiro (2018), nesse período escolas foram fechadas e professores denunciados quando insistiam em dar continuidade em projetos que abordavam essa temática.

Diante dessas dúvidas, tanto minhas quanto dos meus educandos, e buscando soluções práticas para o problema enfrentado no ambiente escolar, partilhei minhas angústias com uma profissional da mesma área, esta por sua vez, demonstrou o constrangimento que o tema lhe causava, deixando para trabalhar o conteúdo no último bimestre do ano letivo, na espera de não haver tempo hábil para nem ao menos iniciá-lo com os alunos, evitando assim, passar por tal situação, para ela, aflitiva. Isto posto, me questionava, se o conteúdo básico de anatomia e fisiologia reprodutiva não chegava a ser trabalhado em algumas turmas, como seria possível realizar um trabalho para além?

Tal problema me inquietou, vez ou outra aparecia uma adolescente grávida na escola, as mentes dos estudantes fervilhavam de questionamentos que o livro didático não contemplava. Percebia que nós, enquanto professores, poderíamos contribuir com informações que auxiliariam os adolescentes a vivenciarem uma sexualidade mais responsável, mas como? Na busca por melhorar a prática pedagógica e ampliar minha abordagem biologicista<sup>2</sup> iniciei uma especialização em Metodologia do Ensino de Biologia e Química, durante as aulas o tema não foi contemplado, mas na escrita do trabalho final optei por pesquisar a origem da minha preocupação comecei a ler meus primeiros textos sobre Educação Sexual e compreender sobre a repressão que envolve a temática, nascia ali meu primeiro registro, intitulado “Orientação Sexual: curiosidade X constrangimento” onde busquei abordar a curiosidade dos estudantes e o constrangimento dos docentes ao trabalhar conteúdos relacionados à sexualidade. De maneira ainda tímida e receosa, fui abrindo espaço para discussões e questionamentos em sala de aula sobre a temática. Ocasionalmente um estudante me abordava nos corredores, fazendo partilhas íntimas buscando orientações, das quais eu respondia com afetividade, mas, ainda insegura.

Posteriormente, conclui mais duas especializações, uma na área de Educação Especial, outra em Gestão Escolar, onde busquei compreender sobre a Educação Sexual para pessoa com deficiência e qual era o papel do gestor diante da sexualidade dos educandos. O tema sempre me despertou interesse, pois era nítido o quanto esse conteúdo atraía a atenção

---

<sup>2</sup> Abordagem biologicista, seus assuntos e conteúdos devem versar sobre o conhecimento do corpo e da prática do sexo seguro, culminando em temas como aparelho reprodutor masculino e feminino, puberdade, menstruação, Ist's, gravidez na adolescência, virgindade, iniciação sexual (Furlani, 2017).

dos estudantes, e assim eu sentia que meu trabalho de alguma forma contribuía para o desenvolvimento dos mesmos.

Eu buscava ser enquadrada em um plano de carreira, mas como professora contratada temporariamente não era possível, então voltei a estudar e me graduei em Pedagogia no ano de 2015 pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Novamente a Educação Sexual foi o tema do meu trabalho de conclusão de curso, pesquisei sobre como trabalhar a temática na infância, nas séries iniciais do ensino fundamental. E em 2016, passei a fazer parte do quadro próprio do magistério na cidade de Umuarama como professora de Educação Infantil.

Foi na prática diária que observei as expressões sexuais das crianças, desde bebês durante as brincadeiras, nos momentos de higienização, na hora do descanso... Partilhando experiências com minhas colegas de trabalho, novamente identifiquei dificuldades em mediar situações que envolviam a sexualidade das crianças pequenas, por mais que eu já tivesse contato com leituras sobre Educação Sexual na infância, não tinha lido nada até aquele momento sobre a faixa etária ao qual estava lecionando, não me sentia amparada, percebia o quanto esse tema causava desconforto entre os professores e até mesmo com a equipe pedagógica da instituição da época, o tema era pauta de muitas conversas entre integrantes da equipe, mas sempre de maneira informal, baseada no senso comum e nas experiências de cada uma.

Foi após a maternidade no ano de 2019 que identifiquei a relação entre Educação Sexual e violência sexual na infância. Com o nascimento da minha filha Maria Júlia, surgiu uma busca intensa por proteção de todos os perigos possíveis, e a violência sexual contra a criança é um deles, um crime cruel que faz inúmeras vítimas pelo país, que traz consequências por vezes inimagináveis e com muita frequência é destaque nas reportagens nos diversos veículos de comunicação. O fato de saber que as crianças podem passar por tais cenários, desde bebês, causam em mim, angústia e sofrimento. Essa foi a motivação para realizar um curso sobre Prevenção ao Abuso Sexual com a psicóloga Leiliane Rocha. A partir de então, compreendi que a Educação Sexual é uma das possibilidades de prevenção a violência sexual na infância, e meu desejo desde então é que todos os professores sejam capacitados sobre a temática, para que juntos, possamos fortalecer a rede de proteção a criança em contexto educativo.

O incentivo para transformar esse desejo em realidade partiu de duas grandes amigas que também atuam na Educação Infantil, Jéssica e Elaine que compreendem a relevância do tema para a formação dos professores. Encaminhei a Secretaria de Educação do município em que trabalho. O projeto foi acolhido e depois de algumas adaptações por parte da equipe

responsável, surgiu à primeira formação sobre Educação Sexual na Infância com a participação de duas psicólogas. Nesse projeto foi elaborado um fluxograma onde cada instituição de ensino preencheu coletivamente expressões sexuais em brincadeiras, comportamentos, falas e desenhos, também descreveram mediações possíveis de serem realizadas. Compilei todas as respostas e ao final do projeto me oportunizaram partilhar com todos os envolvidos. Um fato que preciso registrar é sobre o número de relatos de violência sexual que recebi ao apresentar o tema, várias professoras haviam passado por situações assim na infância e também haviam atendido crianças nas instituições vítimas desse crime. Foi um grande impacto e ao mesmo tempo um estímulo para continuar estudando o fenômeno.

A partir da realização do projeto, sugeriram-me a inscrição no VI Congresso Brasileiro de Educação Sexual no ano de 2021, como vivíamos um momento de pandemia por COVID-19, foi realizado na modalidade remota, o que permitiu o acompanhamento das palestras da Profa. Dra. Andreza Marques de Castro Leão que partilhava seus conhecimentos sobre violência sexual contra a criança e da Profa. Dra. Eliane Rose Maio, que mencionava o cotidiano de uma escola de Educação Infantil e discutia as (des) igualdades de gênero presentes nas rotinas educacionais. Foi por meio deste Congresso que passei a conhecer o Programa de Mestrado em Educação Sexual na Unesp – Campus Araraquara, e nos dias que seguiram, foi lançado o edital de abertura para o Programa. Enviei meu projeto, que a princípio não foi aprovado, mas um recurso possibilitou uma entrevista. Ainda me recordo do nervosismo durante a conversa com o Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro e Prof. Dr. Ricardo Desidério da Silva, este último também paranaense, ambos me aprovaram e o Professor Dr. Ricardo me concedeu o privilégio de ser sua orientanda neste programa.

No dia 15 de julho de 2021 meu nome saiu na lista de aprovados da sétima turma do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual, o início de um sonho que parecia distante. Iniciei minha jornada como acadêmica, entrei em contato com uma equipe de professores com quem tive a oportunidade de aprofundar meus conhecimentos à luz da ciência e do rigor que a academia exige. A pandemia contribuiu com a modalidade de aulas remotas e híbridas. Percorri 3000 Km em duas viagens de Pérola-PR a Araraquara-SP, cada uma durou cerca de 18 horas (ida e volta), com direito a várias intercorrências pelo caminho, mas o desejo de concluir o curso sempre foi maior que as dificuldades existentes.

Após cumprir as exigências do programa, este trabalho foi, aos poucos, ganhando forma e aqui compartilho minha pesquisa, que teve por objetivo geral identificar possibilidades de trabalhar a temática de prevenção à violência sexual contra a criança a

partir de uma proposta de Educação Sexual na etapa da Educação Infantil por meio da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), um documento de caráter normativo, que reúne um conjunto de aprendizagens essenciais, mas que não evidencia as temáticas da sexualidade, Educação Sexual ou prevenção a violência sexual na infância. Para tal seus objetivos específicos se delinearão, de modo a apresentar as principais características da violência sexual na infância; discutir a importância da Educação Sexual para a criança em contexto educativo e elaborar possibilidades de intervenções que visem à prevenção a violência sexual contra a criança a partir dos objetivos de aprendizagens descritos nos campos de experiência da BNCC, etapa Educação Infantil.

É evidente a falta de preparo dos professores para trabalharem com Educação Sexual em um contexto educativo como revelam as pesquisas de Rachel Brino e Lúcia Willians (2003), Andreza Marques de Castro Leão, Paulo Rennes Marçal Ribeiro e Regina Célia Bedin, (2010), Raquel Baptista Spaziani e Ana Cláudia Bortolozzi Maia (2015) e Marcia Cristina Ferreira Mendes, Anaise Alves de Moura e Maria da Paz Arruda Aragão (2020). Tais pesquisadora e pesquisadores apontam a dificuldade desses profissionais a lidarem com a temática e, ao mesmo tempo compreendem a Educação Sexual como aliada da sociedade no combate a violência sexual contra a criança. Neste sentido, o problema central de pesquisa se debruça em investigar se, uma vez que a temática violência sexual não é priorizada na BNCC, há possibilidades de abordagens pedagógicas a partir dos objetivos de aprendizagens descritos nos campos de experiência da BNCC?

Assim, esse estudo se justifica também, prioritariamente, diante da necessidade de enfrentamento à violência sexual contra a criança, uma vez que o Fórum Brasileiro de Segurança Pública apresentou em 2022 que mais de 10% das vítimas de estupro de vulnerável estavam na faixa etária de zero a cinco anos de idade, lembrando que a violência sexual contra a criança não se resume ao estupro, há violências sexuais que ocorrem por meio de contato físico e sem contato físico, e na maioria dos casos os agressores sexuais fazem parte do convívio da criança, sendo muitas vezes, o próprio pai.

Acredita-se que a prevenção à violência sexual pode ocorrer no contexto educativo iniciando-se pela Educação Infantil, pois esse espaço é um agente importante para o enfrentamento a esse crime. De acordo com o Senso da Educação Básica de 2020 (INEP, 2021), mais de oito milhões de crianças estão matriculadas em creches e pré-escolas públicas e privadas no Brasil. Se os professores receberem formação inicial ou continuada sobre a temática, é possível que o contexto educacional atue na prevenção da violência sexual, contemplando as crianças que frequentam tais espaços.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, qualitativa descritiva, tipo documental que analisou os objetivos de aprendizagens descritos nos cinco campos de experiência da BNCC etapa Educação Infantil, classificando-os em categorias temáticas, aqui denominadas: “o explícito”, “o oculto” e o “inexistente” – olhares para se pensar num trabalho de Educação Sexual a partir da temática de prevenção à violência sexual, mesmo que a BNCC não evidencie tais discussões. Para além disso, ao final apresentou-se uma sequência didática que poderá ser trabalhada nas instituições que atendem crianças de meses a cinco anos, se assim os professores desejarem, a fim de contribuir com o enfrentamento a violência sexual.

De tal modo, este estudo será apresentado da seguinte forma: na segunda seção, abordou-se o conceito utilizado de violência sexual contra criança, suas principais características, dados estatísticos que revelam a necessidade de elaborar estratégias para o enfrentamento a violência sexual na Educação Infantil, apresentando recortes históricos sobre atos sexuais entre adultos e crianças em diversas sociedades. Elencou-se também as possíveis consequências que a criança vítima de violência sexual pode apresentar ao longo da vida, bem como sinais e sintomas que podem indicar que a criança foi vitimada.

Já na seção 3, buscou-se uma breve reflexão sobre a Educação Sexual na história do Brasil, apontando para a importância de trabalhar prevenção a violência sexual na infância em contexto educativo, apresentando ainda, políticas educacionais vigentes que embasam o trabalho de Educação Sexual, assim como as expressões sexuais de crianças de meses a cinco anos de idade com base nos estudos de Freud.

Na seção quatro, abordou-se possíveis articulações entre Educação Infantil e sexualidade, embora a BNCC não articule e nem trate de questões sobre prevenção a violência sexual, sexualidade ou Educação Sexual, descreveu-se os campos de experiências existentes na etapa Educação Infantil da BNCC e algumas das possibilidades de utilizar a Educação Sexual no enfrentamento a violência sexual em contexto educativo.

Na quinta e última seção, apresentou-se o método utilizado para a elaboração deste trabalho, assim como são apresentadas as discussões e as possibilidades de trabalho de prevenção a violência sexual, por meio de Educação Sexual na Educação Infantil, apresentando as categorias temática (olhares para a BNCC) e sequências didáticas que podem ser trabalhadas com crianças de meses a cinco anos de idade em contexto educativo, cumprindo os objetivos de aprendizagens descritos na BNCC.

O trabalho também é composto por apontamentos finais, assim como a base bibliográfica que compõe esta pesquisa.

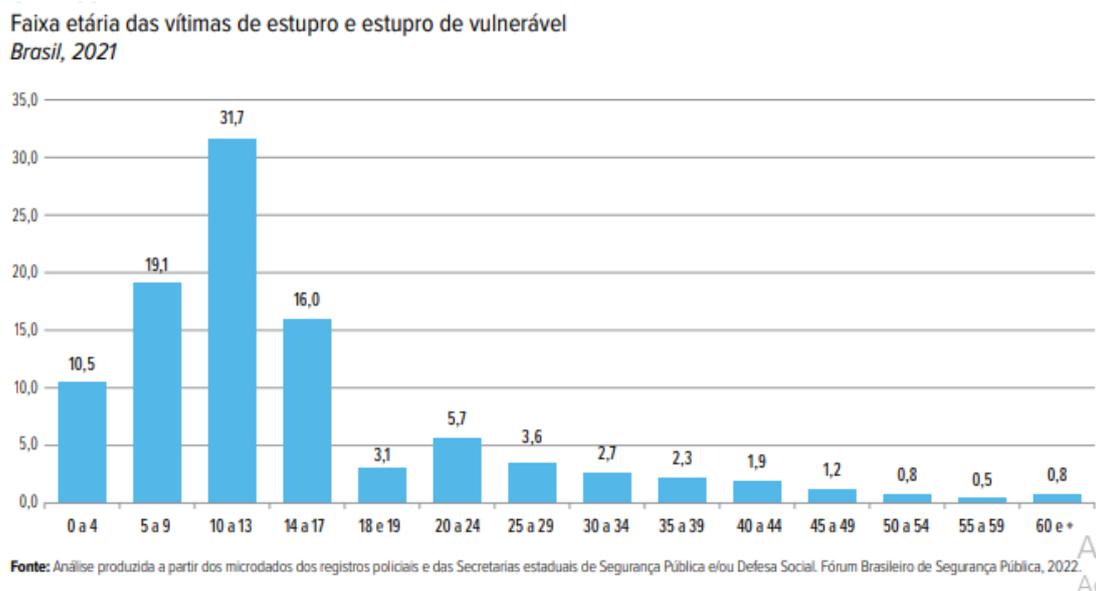
## 2 PANORAMA GERAL DA VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA A CRIANÇA

A violência sexual é um problema grave presente em toda a sociedade, exige intervenções integradas de todas as áreas para promover a prevenção e a proteção integral da criança. Este trabalho utiliza o termo criança, com base no estatuto da criança e adolescente, que considera a pessoa de até doze anos de idade incompletos e o conceito de violência sexual utilizado ao longo do texto baseia-se no artigo 4º da lei n. 13.431/17 (2017) que estabelece o sistema de garantia de direitos da criança e do adolescente vítima ou testemunha de violência, que define a violência sexual como,

(. . .) qualquer conduta que constranja a criança ou o adolescente a praticar ou presenciar conjunção carnal ou qualquer outro ato libidinoso, inclusive exposição do corpo em foto ou vídeo por meio eletrônico ou não, que compreenda: a) abuso sexual, entendido como toda ação que se utiliza da criança ou do adolescente para fins sexuais, seja conjunção carnal ou outro ato libidinoso, realizado de modo presencial ou por meio eletrônico, para estimulação sexual do agente ou de terceiro; b) exploração sexual comercial, entendida como o uso da criança ou do adolescente em atividade sexual em troca de remuneração ou qualquer outra forma de compensação, de forma independente ou sob patrocínio, apoio ou incentivo de terceiro, seja de modo presencial ou por meio eletrônico.

Viviane Nogueira de Azevedo Guerra, Mario Santoro Júnior, Maria Amélia Azevedo (1992) e Christiane Sanderson (2005) utilizam o termo abuso sexual para retratar essa violência cometida contra crianças, no entanto, Raquel Baptista Spaziani (2017) nos convida a refletir sobre o emprego do conceito “abuso sexual”, já que “pode sugerir uma atenuação na maneira como o tema é retratado, podendo supor que o uso do corpo da criança seja permitido de alguma maneira, contanto que não haja o uso excessivo, abusivo” (p. 17).

O contexto atual revela por meio do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, que 61,3% de todos os casos de estupro registrados no Brasil no ano de 2022, as vítimas eram crianças e adolescentes na faixa etária de 0 (zero) à 13 (treze) anos de idade, como nos mostra o gráfico 1.



*Figura 1.* Gráfico 1 - Faixa etária das vítimas de estupro no Brasil. Fonte: Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2022).

Compreende-se a partir desse gráfico que as vítimas de violência sexual não têm idade específica, há violentadores sexuais para todas as faixas etárias, transformando bebês e crianças em vítimas. Estes dados revelam a necessidade de elaborar estratégias de prevenção iniciando com bebês de meses e se estendendo por todas as idades, pois quanto menor e mais dependente for a criança, mais vulnerável ela se encontra.

Lúcia Cavalcante de Albuquerque Williams<sup>3</sup> (2012) nos explica que o estupro não é a única modalidade de violência sexual cometida contra crianças, uma vez que existem atos que envolvem contato físico e outros que não envolvem como o exibicionismo e o voyeurismo. Porém utilizou-se as informações do Fórum Brasileiro de Segurança pública que revelam os dados de estupro no Brasil, como um recorte da violência sexual existente na sociedade, para subsidiar este estudo.

A violência sexual contra a criança não é um problema recente, se faz necessário olhar para o passado na busca por registros de atos sexuais entre adultos e crianças em diversos momentos históricos, a fim de reunir as principais características desse fenômeno e contribuir com o enfrentamento da violência sexual na infância, que tem sua raiz na sociedade, “é influenciada de maneira intensa pela cultura e pelo tempo histórico em que ocorre” (Sanderson, 2005, p. 1).

<sup>3</sup> As citações, ao menos em seu primeiro uso, serão apresentadas com os referentes nomes completos, a fim de promover a visibilidade das mulheres na Ciência.

## 2.1 Recortes históricos de atos sexuais envolvendo adultos e crianças

Nem sempre atos sexuais envolvendo adultos e crianças/adolescentes foram considerados crimes, existem registros que descrevem essas práticas como parte da cultura de alguns povos. Algumas das sociedades caçadoras-coletoras como etnias no Pacífico Sul, praticavam “rituais em que jovens mulheres recém-chegadas a puberdade tinham de manter relações sexuais com parentes homens em seu primeiro percurso sexual”, como descreve Peter Stearns (2010, p. 25). Outras etnias de nativo norte americanas levavam os meninos ao primeiro sinal de puberdade para tornarem-se homens fortes e férteis até um tio materno, que era encarregado de penetrá-los e ao enchê-los de sêmen, completava-se o ritual.

Maria Andrea Loyola (1998, p.46) afirma que “a sexualidade constitui o pilar sobre o qual se assenta a própria sociedade”, cada qual em seu tempo, com suas regras, porém “um fato universalmente observável, sendo o tabu do incesto a mais básica e fundamental de todas”. A relação sexual entre membros de uma família, onde havia laços de consanguinidade passaram por mudanças, principalmente com o advento da agricultura, alguns grupos de nômades passaram a ter residência fixa, as famílias dividiam o mesmo teto, aumentando a supervisão do comportamento sexual dos seus. A vida comunitária trouxe a necessidade de criar novas regras sociais e sexuais para garantir a posse de terras aos descendentes (era importante ter certeza da paternidade) e gerar crianças saudáveis, uma vez que observaram que muitas nasciam deficientes, fruto de relações sexuais entre pais e filhos, como aponta Stearns (2010):

(. . .) as sociedades agrícolas, dispondo de mais recursos para desenvolver regulação formal e enfatizar a reprodução, geraram leis e preceitos morais firmes contra o que agora passou a ser definido como incesto (embora variasse a definição do grau de parentesco próximo). A literatura e a arte ainda retratavam o incesto, fosse para estimular ou para reforçar valores comuns; abusos certamente continuaram sendo praticados, mas o enfoque básico tornou-se um padrão da ética sexual e, em geral, a lei vigente. E, diferentemente de certas normas, aplicava-se a ambos os sexos (pp. 33-37).

Da antiguidade ao século IV, era comum o pai praticar atos sexuais com suas filhas, “garotas da Grécia e de Roma raramente possuíam o hímen intacto” (Sanderson, 2005, p. 6).

Na mesma Grécia o relacionamento entre um “rapaz imberbe e um mentor mais velho” era considerado ritual de iniciação nas altas classes sociais, jovens eram enviados a mestres para serem aprendizes de homens mais velhos, a partir dos 7 (sete) anos de idade até a puberdade, dentre os diversos ensinamentos, incluía-se a prática de atos sexuais. “O direito clássico ateniense expressava uma ansiedade profundamente enraizada a respeito da pederastia” afirma Helen King (1998, p. 46).

Uma prática comum durante o *modo de abandono* (do século IV ao século XIII) era vender a criança a monastérios e conventos, em que jovens garotos ficavam sujeitos a abusos sexuais, como a sodomia. As crianças eram também frequentemente surradas com instrumentos, como chicotes, açoites, pás, varas de madeira e de metal, feixes de vareta ‘disciplinas’ (correias com as quais se açoitavam crianças por castigo), agulhão (ponta de ferro de uma vara comprida utilizada para ferir a cabeça ou as mãos de uma criança) e ‘flapper’ (um instrumento em forma de pêscoço com um buraco para causar bolhas). As surras em geral provocavam alguma excitação sexual na pessoa que as administrava. (Sanderson, 2005, p. 7, *itálico nosso*).

Atos sexuais entre adultos e crianças nunca deixaram de existir, aos poucos foram surgindo regras sexuais e morais. O Cristianismo desempenhou papel de destaque ao se preocupar com o comportamento sexual dos fiéis, “os líderes da Igreja dedicaram considerável energia e atenção para definir e atacar o incesto” (Stearns, 2010, p. 86).

Embora o cristianismo combatesse também a relação sexual entre adultos e crianças que não tinham relação de consanguinidade, Fabio Pestana Ramos (2010) relata que nos navios que vinham de Portugal para o Brasil, grumetes, pagens e órfãs do Rei, eram obrigadas a aceitar abusos sexuais de marujos, e os religiosos que estavam presentes nas embarcações costumavam tolerar esses atos, considerados dignos de condenação à fogueira.

O próprio ambiente nas naus acabava por propiciar atos de sodomia que eram tolerados até pela Inquisição. Grumetes e pagens eram obrigados a aceitar abusos sexuais de marujos rudes e violentos. Crianças, mesmo acompanhadas dos pais, eram violadas por pedófilos e as órfãs tinham que ser guardadas e vigiadas cuidadosamente a fim de manterem-se virgens, pelo menos, até que chegassem à Colônia (Ramos, 2010, p. 17).

Os grumetes eram meninos entre 9 (nove) e 16 (dezesesseis anos), as vezes com menos idade, filhos de famílias pobres ou pedintes que era considerados pouco mais que animais nas embarcações, sua mão de obra era aproveitada ao máximo, enquanto estivessem vivos. “Muitos grumetes eram sodomizados por marujos inescrupulosos, categoria classificada nos documentos como formada por criminosos da pior espécie” (Ramos, 2010, p.24).

A pedofilia homoerótica era muito comum, permitindo supor que nas embarcações, ambiente onde, até mesmo os religiosos costumavam tolerar atos considerados dignos de condenação à fogueira, tal prática era extremamente corriqueira. Quando os grumetes eram estuprados por marinheiros, quer por medo ou vergonha, dificilmente queixavam-se aos oficiais, até porque muitas vezes eram os próprios oficiais que haviam praticado a violência. Assim, relatos deste tipo são praticamente inexistentes. No entanto, por ser a prática corrente na Idade Média, tudo leva a crer que a violência sexual era comum nos navios. E alguns grumetes podiam mesmo prostituir-se como forma de obter proteção de um adulto (Ramos, 2010, pp. 24-25).

Outro fato curioso das embarcações marítimas portuguesas era o risco de ataques pirata, e as crianças eram as que mais sofriam, se fossem do gênero feminino eram vendidas a bordéis, ou eram escravizadas, ou assassinadas, deixadas no mar à deriva para morrer (Ramos, 2010).

O menor mal que podia sofrer após viver alguns meses no mar, quando tinha sorte, era o de sofrer um grande trauma e deixar de ser criança; ver seu universo de sonhos, esperanças e fantasias desmoronar diante da cruel realidade do cotidiano das naus do século XVI; perder sua inocência para nunca mais recuperá-la (Ramos, 2010, p. 44).

Entre a nobreza, brincadeiras de cunho sexual envolvendo crianças e adultos também eram vivenciadas com naturalidade, pois não existia nesse período o sentimento de infância, as crianças eram vistas como pequenos adultos. Philippe Ariès (1986) relata que o Rei Luis XIII da França, desde seu primeiro ano de vida era incentivado a mostrar seu pênis a todos

que lhe incitavam, sejam pajens, familiares ou convidados, a Marquesa de Verneuil muitas vezes colocava as mãos por baixo da túnica da criança para brincar com seu genital, a Rainha também gostava desse tipo de brincadeira, aos três anos “ele e a madame (sua irmã), foram despidos e colocados na cama junto com o Rei, onde se beijaram, gorjearam e deram muito prazer ao Rei” (p. 126).

Na Índia a relação sexual entre adultos e crianças era comum, raras eram as crianças que não participavam de práticas sexuais em dormitórios, na qual homens e crianças mais velhas poderiam usá-la para satisfazer-se sexualmente por até três dias seguidos. “Em áreas mais rurais, a criança pode ser encorajada a participar de atividade sexual com os pais ou pode ser emprestada para dormir com outros membros do lar ampliado” (Sanderson, 2005, p. 8).

No Japão mães masturbavam os filhos para que pudessem dormir melhor, em muitos países a masturbação tem finalidade de aumentar o tamanho do órgão genital masculino, “assim irmãos mais velhos estimulam os genitais de bebês e as crianças maiores juntam-se os menores para masturbação mútua, felação e coito anal” (Sanderson, 2005, p. 9). Benedito Rodrigues dos Santos e Rita Ippolito (2011) relatam que no Egito antigo e no Peru (os Incas), “mantiveram a linhagem, e o trono, durante várias gerações por meio de casamentos entre irmãos” (p. 73).

O tempo trouxe profundas mudanças na consciência sobre as infâncias ao longo dos períodos históricos. Com o advento do Estatuto da Criança e Adolescente (lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990), a proteção de crianças e adolescentes passou a ser prioridade na legislação, mas ainda não foi possível erradicar a violência sexual contra a criança da sociedade contemporânea e torna-se um desafio reunir informações a respeito das relações sexuais entre adultos e crianças/adolescente ao longo da história, porque a palavra infância, criança e adolescente são termos relativamente modernos.

Ao longo da história, a criança é vista como um ser incompleto, o significado da palavra infância deriva do latim *infans* - o que não fala. Um ser desprovido de personalidade, fácil de dominar. Utilizando-se da relação de poder existente entre um adulto e uma criança desde as sociedades caçadoras-coletoras, percebe-se a utilização do corpo infantil para obter prazer sexual.

Não é possível aplicar as leis atuais ou realizar comparações, possíveis punições entre as leis vigentes e os recortes históricos, para não incorrer em anacronismo, mas é válido ressaltar que a prática sexual entre adultos e crianças/adolescentes está presente em muitos grupos desde os tempos remotos, e nos desafia a buscar possibilidades de diminuir ou quiçá

erradicar essa prática na sociedade atual, dessa forma, se faz necessário conhecermos suas principais características.

## 2.2 O fenômeno da violência sexual contra a criança

Azevedo e Guerra (1989) consideram a violência como uma relação de poder, e destacam dois aspectos, um de dominação onde há exploração, opressão, assimetria de poder e o outro aspecto se dá pela “coisificação, onde trata o ser humano não como sujeito, mas como uma coisa”, anulando e impedindo seus direitos e desejos, “se caracteriza pela passividade e pelo silêncio” (p. 46).

Já Heleieth Iara Bongiovani Saffioti (2004) definiu violência “como ruptura de qualquer forma de integridade da vítima: integridade física, integridade psíquica, integridade sexual, integridade moral”, (p.17) afirma que o abuso sexual incestuoso deixa traumas que mesmo tratados, as chances de cura são reduzidos e em muitos casos ineficaz.

Uma das definições para o fenômeno da violência sexual foi descrita por Azevedo e Guerra (1989) como,

(. . .) todo ato ou jogo sexual, relação hétero ou homossexual, entre um ou mais adultos (parentes de sangue ou afinidade e/ou responsáveis) e uma criança ou adolescente, tendo por finalidade estimular sexualmente uma criança ou adolescente ou utilizá-los para obter uma estimulação sexual sobre sua pessoa ou outra pessoa. Ressalta-se que em ocorrências desse tipo, a criança é sempre vítima e não poderá ser transformada em ré (p. 46).

Em contraposição a essa definição o senso comum tende a relacionar a violência sexual às pessoas estranhas a vítima. Muitas famílias e profissionais que lidam com a infância, ao tentar proteger suas crianças desse crime, as orientam dizendo “*cuidado com estranho... cuidado com o homem do saco... cuidado com o estuprador*”, dificultando a compreensão de que alguém próximo, às vezes com laços sanguíneos, pode praticar tal ato.

É preciso chegar ao conhecimento de todos que a maior parte dos violentadores sexuais faz parte do convívio da criança, como retratou o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2022), onde revelou que 79,6% dos autores eram conhecidos da vítima de estupro e estupros de vulnerável no Brasil no ano de 2021 (Figura 2), enquanto apenas 20,4% dos

casos, o autor era um desconhecido. Ao refletir sobre esses números, compreende-se a importância de orientar as crianças, as famílias e os profissionais que lidam com infâncias, de maneira mais próxima a realidade.



Figura 2. Gráfico 2 - Relação entre vítima e autor de estupro no Brasil. Fonte: Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2022).

A definição de violência sexual descrita por Sanderson (2005) complementa a definição dada por Azevedo e Guerra (1989):

(. . .) o envolvimento de crianças e adolescentes dependentes em atividades sexuais com um adulto ou com qualquer pessoa um pouco mais velha ou maior, em que haja uma diferença de idade, de tamanho, ou de poder, em que a criança é usada como objeto sexual para gratificação ou necessidades ou dos desejos, para o qual ela é incapaz de dar um consentimento consciente por causa do desequilíbrio no poder, ou de qualquer incapacidade mental ou física (Sanderson, 2005, p. 17).

Embora a diferença de idade seja uma característica marcante em casos de violência sexual contra a criança, a relação de poder entre o agressor e a vítima é o ponto crucial deste fenômeno. Safiotti (1989a) nos lembra de que a sociedade ocidental é androcêntrica e adultocêntrica, as normas sociais submete a criança a fazer tudo que o adulto ordena, independente da coerência dos atos. O adulto por sua vez, utiliza essa relação de poder sobre a criança para que ela aprenda regras sociais, mas vai muito além, há inúmeros casos que o

adulto responsável pela criança extrapola sua função e utiliza o corpo infantil para satisfazer suas necessidades sexuais, se sobressaindo também por ser forte e amadurecido, facilmente dominando uma criança frágil e imatura em todos os aspectos (Willians, 2012).

Além do desequilíbrio de poder citado acima, o fenômeno da violência sexual revela a relação de poder existente entre os gêneros. Não é mera coincidência que a maioria das vítimas seja do sexo feminino como aponta o gráfico do Fórum Brasileiro de segurança pública do ano de 2022, e a maioria dos agressores sexuais, são homens, de acordo com pesquisas realizadas por Saffioti (2004).

Jane Felipe (2006) afirma que embora mulheres também possam violentar sexualmente uma criança, “as estatísticas dificilmente fazem referências às mulheres, na medida em que estas no exercício da maternidade ou na função de cuidadoras de crianças parecem estar sempre acima de qualquer suspeita, o que nem sempre é verdade” (p. 215).

A cada hora três crianças são vítimas de violência sexual no Brasil (Lima, 2023). A maior parte dos casos de violência sexual contra a criança é perpetrada por alguém da família da vítima, “em 70% dos casos tal situação se dá nas relações intrafamiliares” (Felipe, 2006, p. 209), ou seja, cometida por pessoas que fazem parte do convívio da criança, sendo identificados: o próprio pai, padrasto, avô, tios, primos. Essa associação de gênero entre agressores sexuais de crianças e vítimas reflete a sociedade patriarcal na qual estamos inseridos, como apresenta a Figura 3.

Sexo das vítimas de de estupro e estupro de vulnerável  
Brasil, 2021

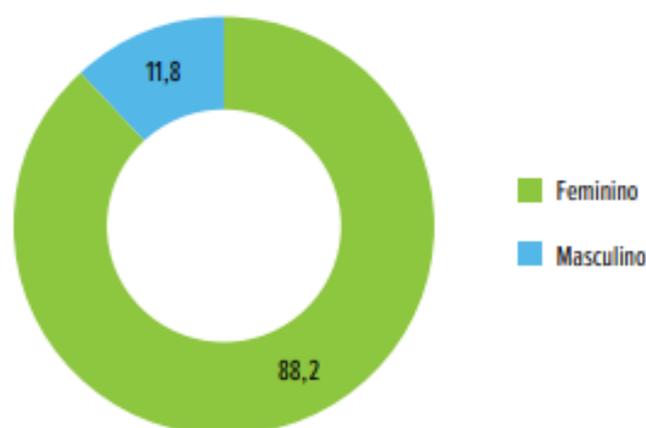


Figura 3. Gráfico - 3: Sexo das vítimas de estupro de vulnerável. Fonte: Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2022).

Há mais de 35 anos, Safiotti (1987) explicou em seu livro *O poder do Macho*, que “há milhares de estupros ocorrendo diariamente na sociedade brasileira, grande parte dos quais, de autoria dos próprios pais das vítimas” (p. 19), tudo isso em decorrência da desigualdade social entre homens e mulheres que atribui funções distintas aos gêneros, com uma expectativa de papéis a serem desempenhados em cada um dos sexos, essa dimensão social coloca o homem em posição de poder sobre a mulher e assim,

(. . .) assume a função de caçador, que deve perseguir o objeto de seu desejo da mesma forma que o caçador persegue o animal que deseja matar. Para o poderoso macho importa em primeiro lugar seu próprio desejo comporta-se como sujeito desejante em busca de sua presa. Esta é o objeto de seu desejo. Para o macho não importa que a mulher não seja sujeito desejante. Basta que ela consinta em ser usada enquanto objeto (Safiotti, 1987, p. 19).

Segundo o Dicionário Online de Português (Consentir, 2023), a palavra “consentir” pode ser definida como “não pôr obstáculo”, “permitir”, “não impedir”. Diante desses significados, apresenta-se uma grande indagação: uma criança ou adolescente diante de um homem ou mulher adulta, às vezes o próprio pai ou a mãe tem possibilidade de “não permitir” ou impedir atos de violência sexual?

De acordo com, o Código Penal Brasileiro em seu artigo 217-A (lei 2.048, de 07 de dezembro de 1940) “ter conjunção carnal ou praticar outro ato libidinoso com menor de 14 (catorze) anos pode ter pena e reclusão de 8 (oito) a 15 (quinze) anos”, isso ocorre porque “crianças e adolescentes são considerados seres humanos em condição peculiar de desenvolvimento, fase em que a capacidade e a autonomia para consentir ainda estão em processo de construção” (p. 64), nos explica Santos e Ippólito (2011), ou seja crianças e adolescentes menores de 14 (catorze) anos completos não tem capacidade de dar consentimento, e nunca devem ser considerados culpados em nenhum caso de violência sexual.

Embora os dados citados acima sejam de estupro, Vicente de Paula Faleiros e Eva Faleiros (2008) explicam que a violência sexual também pode acontecer de outras formas, por meio de contato físico, onde o agressor sexual utiliza-se de “carícias não desejadas, penetração oral, anal ou vaginal, com o pênis ou objetos, masturbação forçada” (p.39), com diferentes tipos de ações como acariciar a genitália, mama ou ânus, que podem incluir ou não a penetração, entre outras práticas, como:

(. . .) beijar a criança com a boca aberta, excitar a criança com toques e carícias, tocar os genitais ou as partes íntimas de uma criança para obter prazer sexual, fazê-la tocar o genital de outra pessoa, brincar de jogos sexuais, masturbar a criança, fazer com que ela masturbe o agressor ou que ambos de masturbem, fazer sexo oral (felação ou cunilíngua na criança, no abusador ou mútuo), ejacular na criança, colocar objetos, doces, pequenos brinquedos na abertura vaginal, retal da criança e depois tirá-los, introduzir na vagina ou ânus grandes objetos, inclusive usados por adultos, penetrar o ânus ou a abertura retal com os dedos, penetrar o ânus ou abertura retal com pênis (sodomia), penetrar a vagina com os dedos, penetrar a vagina com o pênis, colocar o pênis entre as coxas de uma criança e simular o coito – “coito seco”, forçar a criança a praticar atividades sexuais com outros adultos ou crianças, coagir a criança a participar de um círculo de pedofilia, filmar a atividade sexual com adultos ou crianças, forçar a criança a praticar atividade sexual com animais – bestialidade (Sanderson, 2005, pp. 14-15).

Diante do exposto, mesmo que a criança seja vítima de violência sexual com contato físico, nem sempre será possível identificar marcas físicas e quebrar o ciclo da violência. Nesse sentido, é importante destacar que a violência sexual pode ocorrer sem o contato físico com a criança, por meio de voyerismo, quando a pessoa sente prazer ao observar atos sexuais ou a intimidade de outra pessoa, exposição dos órgãos genitais em locais públicos, uso de linguagem erotizada em situação inadequada, através de contos e histórias eróticas (Faleiros & Faleiros, 2008).

Outros comportamentos considerados violência sexual sem contato físico, é o ato de invadir de maneira inapropriada seu espaço (durante um banho, ou durante a troca de roupas), estimular a nudez, fazer comentários de natureza sexual, exibicionismo, usar de comportamento evidentemente sexual na presença da criança, encorajar a criança a assistir a atos sexuais ou ouvi-los; fotografar a criança para gratificação sexual ou uso pornográfico posterior, exposição obrigatória a material pornográfico por meio de revistas, livros, usar substâncias ilícitas (drogas) na criança a fim de fotografá-la em poses sexualmente provocantes ou como prelúdio a violência sexual, aliciar crianças pela internet (Sanderson, 2005).

Com a intensa utilização de meios eletrônicos por crianças em todas as faixas etárias, há uma preocupação do poder público e da sociedade civil, com a produção e a propagação

de materiais pornográficos “utilizando imagens de crianças, muitas vezes submetidas a toda sorte de violência sexual”, o que configura exploração sexual, e segundo Felipe (2006) “a pornografia infantil, tem o intuito de abastecer o mercado da pedofilia” (p. 210).

Pensando especificamente no conceito de pedofilia, Giancarlo Spizirri (2010) nos explica que,

(. . .) a pedofilia é um distúrbio psiquiátrico, classificado como um transtorno de preferência sexual pela Classificação Internacional das Doenças na sua 10<sup>a</sup> edição (CID-10) ou uma parafilia pelo Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais 4<sup>a</sup> Edição (DSM-IV-TR). Caracteriza-se por comportamentos, fantasias e/ou pensamentos sexuais recorrentes, intensos e sexualmente excitantes, por período igual ou superior a seis meses e que envolvam pessoas de até 12 anos de idade. Alguns pedófilos são atraídos por meninas apenas, outros apenas por meninos e outros se interessam por ambos os gêneros. É uma condição crônica que geralmente se inicia na adolescência e persiste ao longo da vida, sendo mais frequente em homens do que em mulheres (p. 43).

No entanto, é preciso esclarecer que ser pedófilo (palavra de origem grega pedo ou paidos significa criança e filia, amizade, atração, amor) mediante a definição acima não caracteriza um crime, “nem todo ofensor de crianças é um pedófilo, assim como nem todo pedófilo é um violentador de crianças” (Willians, 2012, p. 20). Há pedófilos que conseguem controlar suas fantasias sexuais e nunca chegam a violentar crianças, podem até vir a procurar um tratamento médico.

Por outro lado, a maioria dos violentadores sexuais de crianças não se enquadra nos critérios do DSM, não são diagnosticados como pedófilos, suas preferencias sexuais envolvem adultos, porém praticam o ato de violência sexual contra criança. Um fator a ser considerado para explicar tal causalidade seria as relações de gênero envolvidas na relação de poder, “na medida em que os homens se sentem no direito de abusar das mulheres e meninas de sua própria casa, como se estas fossem sua propriedade” (Felipe, 2006, p.210).

Há agressores sexuais de crianças no mundo real e virtual, na busca por combater os crimes digitais, em 2008 foi criada a lei n. 11.829 (lei n. 11.829, de 25 de novembro de 2008) que altera a lei 8.069, de 13 de julho de 1990 (ECA) para aprimorar o combate a produção venda e distribuição da pornografia infantil, bem como criminalizar a aquisição e a posse de tal material e outras condutas relacionadas à pedofilia na internet, prevê pena de reclusão que

pode chegar a 8 (oito) anos de prisão e multa a quem “Art. 240. Produzir, reproduzir, dirigir, fotografar, filmar ou registrar, por qualquer meio, cena de sexo explícito ou pornográfica, envolvendo criança ou adolescente”. A lei também criminaliza o armazenamento desse tipo de material com exceção em casos que a finalidade seja de comunicar as autoridades competentes sobre a ocorrência desse tipo de crime.

O Brasil possui o Centro Nacional de denúncias de Crimes Cibernéticos, pelo endereço [www.safernet.org.br](http://www.safernet.org.br), que recebe denúncias anônimas de crimes e violações contra os Direitos Humanos na Internet, entre eles pedofilia e pornografia infantil, é a primeira organização do país a vencer um concurso mundial do fundo internacional *End Violence Against Children* (Fim da Violência Contra Crianças) e lançará um projeto para o desenvolvimento de tecnologias de prevenção e combate a violência sexual na infância online, fator que contribuirá imensamente com a proteção das crianças no mundo digital (Safernet, s.d.)<sup>4</sup>.

A produção de material pornográfico consiste em uma ou mais crianças violentadas e exploradas sexualmente, uma vez que para existir uma foto ou um vídeo, crianças se envolvem em atividades sexuais com adultos, com outras crianças e até com animais, como nos explica Saffioti (1989b).

É uma fonte de renda altamente lucrativa,

(. . .) quanto mais nova a criança, mais caras são as imagens. Há registros de imagens feitas com bebês de 4 meses e crianças de 2 anos. Em 2002, os lucros com pornografia infantil chegaram a 5 milhões de dólares nos EUA e a 3 milhões de euros na Europa. Muitos alegam que os materiais ou ele mesmo, como consumidor, não fazem mal nenhum a criança. No entanto, cabe considerar que a pedofilia não é um ato meramente individual, de preferências ou fantasias sexuais por parte do adulto, mas ela remete às relações de poder entre adultos e crianças. Além disso, ela está organizada numa rede mundial que tem ligações com o crime organizado, segundo dados de agências internacionais (Felipe, 2006, p. 211).

---

<sup>4</sup> Recuperado de <https://new.safernet.org.br/content/safernet-vence-competicao-mundial-e-desenvolvera-tecnologias-de-prevencao-ao-abuso-sexual>.

Recentemente, o caso de um homem de 42 anos morador de São Paulo, ilustra o consumo e a produção de pornografia infantil. Ele continha mais de onze mil conteúdos entre imagens e vídeos arquivados em seus aparelhos eletrônicos, entre estes, oito vídeos foram filmados com a câmera do seu celular, a vítima de estupro era uma criança que morava próximo a sua residência, com idade de um ano e seis meses, o crime ocorria em sua casa, e o material era compartilhado por meio de grupos de whatsapp e telegram, o autor foi preso e condenado a quarenta e cinco anos de prisão, de acordo com as informações de Eduardo Velozo Fuccia (2019), o réu declarou que foi incluído em um grupo de pedofilia e começou a se interessar pela prática.

Muitos violentadores sexuais utilizam imagens e vídeos de pornografia infantil para dessensibilizar a vítima e convencê-la que é natural esse tipo de envolvimento entre um adulto e uma criança, Sanderson (2005) elaborou uma tabela contendo as principais funções da pornografia infantil na Internet.

Tabela 1

*Função da pornografia infantil na internet*

- Formar uma coleção de pornografia infantil.
- Estimular os pedófilos sexualmente e proporcionar-lhes gratificação – influencia o ciclo de fantasia, estimulação e masturbação.
- Estabelecer contato entre os pedófilos – facilitando relações sociais nas comunidades virtuais e na vida real.
- Permutar e comercializar imagens entre pedófilos para que ampliem ou completem coleções de pornografia infantil.
- Facilitar o acesso às crianças para troca, compra ou venda delas.
- Utilizá-la no processo de aliciamento do jovem para reduzir suas inibições.
- Chantagear e silenciar a criança e assegurar-se de que ela “guardará o segredo”
- Manter o registro da imagem da criança em uma idade “desejável”, mesmo que ela não tenha mais essa idade.
- Estimular o comportamento impróprio com as crianças.
- Controlar o interesse sexual por crianças fornecendo alívio sexual sem o contato com elas – pornografia infantil condicionante.
- Fazer com que o pedófilo permaneça em um mundo de fantasia – um modo de evitar a vida real.

*Nota.* Fonte: Sanderson (2005, pp. 14-15).

No primeiro ano de pandemia de Covid-19, a Safernet<sup>5</sup> Brasil bateu recordes históricos, desde que iniciou a medição, recebeu 98.244 denúncias anônimas de pornografia infantil, o número mais que dobrou em relação ao ano anterior. A principal medida de proteção voltada à população durante a pandemia foi o isolamento social, houve o fechamento de todas as escolas do país, a educação passou a ser remota por um determinado período, e a maior parte das crianças permaneceram dentro de suas casas de forma online e expostas a situações de risco, por vezes trancada com o próprio violentador.

O agressor sexual antes de envolver a criança na produção de material pornográfico, geralmente,

(. . .) exhibe fotos pornográficas, visando estimular sua curiosidade, tudo se faz num clima de segredo de conspiração, de cumplicidade. A partilha do segredo parece desempenhar um papel extremamente importante na exploração sexual de crianças. Não é difícil desenvolver a culpa na criança, seja através dos meios já expostos, seja flagrando o menor olhando material pornográfico propositalmente deixado ao seu alcance. Uma vez instalada a culpa, o adulto propõe o segredo, visando garantir-se contra denúncias (Safiotti, 1989b, p. 87).

Desse modo, a criança se envolve em um enredo no qual ela é incapaz de pedir ajuda, por se considerar culpada pelo envolvimento, assim ela cede à chantagem do violentador sexual, colaborando com a produção de mais materiais pornográficos, podendo até recrutar outras vítimas para participarem deste ciclo.

Além da violência sexual por meios digitais, há inúmeras outras formas de violência sexual também no mundo físico. Crianças podem sofrer violência sexual com ou sem contato físico, na maioria das vezes o violentador sexual escolhe sua vítima e gradativamente vai ganhando sua confiança, por meio de interações vai dessensibilizando quando ficam a sós, sutilmente tocando seu corpo com brincadeiras e toques que vão se intensificando, tornando-se cada vez mais eróticos, então “finalmente, o indivíduo faz a criança se sentir culpada e pode ameaçá-la para que não rompa o silêncio” (Willians, 2012, p. 42). O segredo está muito

---

<sup>5</sup> Para saber mais: Safernet (s.d.). Safernet vence competição mundial e desenvolverá tecnologias de prevenção ao abuso sexual infantil online. *Safernet*. Recuperado de <https://new.safernet.org.br/content/safernet-vence-competicao-mundial-e-desenvolvera-tecnologias-de-prevencao-ao-abuso-sexual>.

Safernet (2021, maio, 18). Denúncias de pornografia infantil cresceram 33, 45% em 2021, aponta a Safernet Brasil. *Safernet*. Recuperado de <https://new.safernet.org.br/content/denuncias-de-pornografia-infantil-cresceram-3345-em-2021-aponta-safernet-brasil>.

presente nas diversas formas de violência sexual contra a criança, pois em boa parte dos casos o agressor é uma pessoa da família ou alguém muito próximo.

De acordo com Santos e Ippólito (2011), há duas modalidades de abuso sexual: a intrafamiliar e extrafamiliar. A violência sexual intrafamiliar ocorre quando é cometida por pessoas que fazem parte da família da criança, pode ser: pai ou mãe, irmão, irmã, avô, avó, o perpetrador também pode ser um responsável legal, seja biológico ou adotivo, como padrasto, tio, tia, primos, que possui vínculo familiar, afetivo, que podem ou não viver na mesma residência da vítima. Aqui também se inclui o incesto, caracterizado quando há relação de caráter sexual entre um adulto e uma criança ou adolescente com laço de parentesco consanguíneo, direto ou não. O perpetrador da violência sexual contra a criança sempre tem uma relação de poder sobre ela, seja afetivo, hierárquico, físico ou econômico. Geralmente é cometido por quem à criança confia e ama.

No imaginário social todas as famílias representam abrigo, segurança e proteção para as crianças, mas nem sempre isso acontece, o pai por vezes utiliza sua posição de “chefe da família” para investir sexualmente sobre os/as filhos/as e dificilmente fracassa, pela posição que ocupa e confiança depositada nele como protetor do lar, explica Safiotti (1989a). Algumas crianças podem compreender que esse relacionamento é natural entre pais e filhos, uma vez que a sexualidade é um tema tabu na sociedade, desse modo não compreendem esse comportamento paterno como violência, outras acreditam ser um tipo de relacionamento “especial”.

Quando os agressores sexuais fazem parte da família da criança as chances de ocorrer a denúncia é pequena, pelo envolvimento emocional ou “medo do abusador, de perder os pais, de ser expulso, de que os outros membros da família não acreditem em sua história ou de causar discórdia familiar” (Santos & Ippólito, 2011, p. 71).

Claudio Cohen e Gisele Joana Gobetti (2000) explicam que “a sociedade ainda tem dificuldade em aceitar o fato de a família poder ser destrutiva, não configurando sempre um ambiente seguro” (p.3). Dessa forma, o segredo é mantido como meio de preservar a família e evitar que os responsáveis sejam punidos, perpetuando-se por anos e causando imensos danos as vítimas.

Já a violência sexual extrafamiliar, pode ser cometida por pessoas que cuidam e estão presentes nos espaços de socialização que a criança frequenta, como médicos, professores, líderes religiosos, responsáveis por atividades de lazer, pode ocorrer em locais públicos ou privados, há os agressores sexuais que não fazem parte da família da vítima podem frequentar

o espaço familiar, sendo amigos próximos de confiança revela Silvia Regina Viodres Inoue e Marilena Ristum (2008).

Um fato comum entre os estudos de Cohen e Gobetti (2000, par.23), reforça que “contrariando os alertas de senso comum em relação às crianças sobre ‘o contato com estranhos’, geralmente o abuso sexual é praticado por pessoas próximas e conhecidas (. . .)”, o que contribui para que essa violência permaneça em segredo.

Um dos principais marcadores da violência sexual contra a criança está na dificuldade que ela tem de identificar a violência, podendo vir a desenvolver a crença de que é culpada pelo o que está acontecendo, assim, por medo da punição geralmente não revelam esta situação, pelo uso da confiança ou afeto que o perpetrador utiliza para cometer tal ato, a violência ocorre e a vítima permanece em silêncio. Estima-se que menos de 10% dos casos cheguem as delegacias, afirmam Fábio de Carvalho Mastroianni, Angelo Augusto Rodrigues Alves, Anna Beatriz Andriati Fernandes e Andreza de Marques de Castro Leão (2021).

Há de se questionar quais são os métodos utilizados pelos violentadores sexuais para praticar essas atividades com a criança, e impedi-las de pedir ajuda, de contar a alguém. A partir dessa dúvida, elenca-se três tipos mais comuns: a *indução da vontade*, onde o agressor faz promessas, oferece presentes e concede privilégios, manipulando a criança a agir de acordo com seus desejos, a *ameaça* onde o agressor leva a criança a sentir medo que algo de ruim ocorreria com uma pessoa que ela ama, contra um animal de estimação ou contra ela mesma, “quanto menor for a vítima, mais a ameaça surtirá efeito” e o *sadismo*, onde o violentador sexual provoca dor física e emocional, pode variar de grau e pode levar a vítima a morte explica Maria Leolina Couto Cunha (2021, p. 15).

Embora existam violentadores que empregam o método da ameaça e do sadismo para acessar suas vítimas,

(. . .) a violência física não é comumente utilizada na prática do abuso sexual contra crianças e adolescentes. Os autores de abuso utilizam-se mais frequentemente da sedução para conquistar a confiança e o afeto deles. Podem também utilizar ameaças quando a sedução deixa de funcionar. Nesses casos, as maiores consequências são as psicológicas (Santos & Ippólito, 2011, p. 71).

Segundo a psicóloga Leiliane Rocha (2021a), a criança que recebe presentes, ou algum tipo de privilegio, quando o violentador utiliza o método de indução da vontade, embora não tenha maturidade para compreender o ato em si, pode enxergar a violência sexual

como algo benéfico para ela, muitos agressores sexuais infantis criam enredos que iludem a criança e as envolvem em uma atmosfera de segredo onde dificilmente é descoberto, podendo se repetir por anos.

A criança pode inclusive ter sensações físicas agradáveis, já que a ereção do pênis e do clitóris representa uma resposta biológica natural do corpo mesmo antes da puberdade, o corpo infantil não tem hormônios sexuais em funcionamento, mas pode responder a estímulos externos. É sempre importante destacar que independente da forma que o agressor escolher para violentar a criança, o culpado sempre será o violentador.

A violência sexual contra a criança nem sempre ocorre de forma violenta “mesmo que, ao serem tocadas, as crianças sintam prazer, elas não têm escolha diante do adulto – pai, tio, avô, mãe – que a coloca numa posição de subordinação” (Felipe, 2016, p.220), essa relação desigual de poder confunde a criança, ao mesmo tempo em que está sendo violentada, recebe palavras carinhosas e compreende dentro desse contexto que o ato é para seu próprio bem, como costumam referir.

Além da violência intrafamiliar, do incesto também existe a exploração sexual que corresponde “a participação de criança menor de 18 anos em atividades de prostituição e pornografia infantil, isto é, no comércio do sexo” (Guerra et al., 1992, p. 14).

A exploração sexual comercial de crianças e adolescentes “é uma atividade econômica perversa produzida pelo sistema social injusto, que impede drasticamente os desenvolvimentos físico, psíquico e social de crianças e adolescentes”, não existem crianças prostitutas e sim crianças que tem seus corpos explorados sexualmente (Santos & Ippólito, 2011, p. 113).

As profundas desigualdades socioeconômicas, no Brasil, constituem caldo de cultura, propício á exploração de uns por outros. Muitas vezes são os próprios pais ou avós das meninas que as oferecem como prostitutas, porquanto não veem outra maneira de conseguir algum dinheiro para subsistência da família. Condições de miserabilidade material geram miséria psicológica e pressionam no sentido da obtenção de qualquer recurso para minorar sofrimentos. Desta forma, nesta situação de vale-tudo para sobreviver, a criança torna-se uma mercadoria. Ou é alugada pelos próprios pais a alguém que as usa sexualmente ou é explorada por terceiros (Safiotti, 1989b, pp. 73-74).

De acordo com o site da Childfundbrasil (2022), nosso país ocupa o segundo lugar no ranking de exploração sexual de crianças e adolescentes, por dia são em média 320 crianças vitimadas, em sua maioria meninas negras, acredita-se que o número real é muito maior, devido à subnotificação. O mesmo estudo apresenta mais de três mil pontos vulneráveis à exploração sexual de crianças e adolescentes nas rodovias do país.

O livro *Meninas da Noite: a prostituição de meninas escravas no Brasil* de Gilberto Dimenstein (1992, p.11) revelou que muitas vítimas “são atraídas por promessas de emprego, mandadas para boates em locais distantes e de difícil comunicação”. São enganadas, permanecem presas, não imaginam o regime de escravidão que vão vivenciar, os donos dos estabelecimentos criam ciclos de dívidas impagáveis com roupas, estadia, passagem e outros produtos, as que tentam fugir recebem um corretivo exemplar. Dentre tantas histórias tristes de exploração sexual de crianças e adolescentes, a obra revela a existência de um mercado de meninas virgens, e identifica o sonho de algumas meninas em encontrar um bom casamento nos prostíbulos e viver dignamente.

Existem agenciadores em cidades do interior que recrutam as vítimas e as encaminham aos exploradores, geralmente proprietários de bordéis, hotéis, casas utilizadas para esses fins. Também há situações que a própria família oferece suas filhas para serem exploradas ou as agenciam a caminhoneiros ou turistas. No entanto, há crianças e adolescentes de classe média que também se envolvem com exploração sexual para manter seus vícios ou adquirir outros produtos que necessitam assim a pobreza não é o único motivo, há diversos fatores que levam crianças e adolescentes para esse mercado (Santos & Ippólito, 2011).

No ano de 2008 o ECPAT (*End Child Prostitution Pornography and Trafficking of Children for Sexual Purposes*) um movimento global de combate e prevenção a exploração sexual infantil, realizou um congresso no Rio de Janeiro que contou com a participação do governo e elaboraram uma carta que resultou em inúmeras ações de prevenção a esse crime, dentre elas a divulgação de panfletos de prevenção a exploração sexual de crianças e adolescentes expostos nos hotéis brasileiros a fim de que o país não se torne um local de turismo sexual (Willians, 2012).

A partir do que foi mencionado, é preciso identificar os possíveis impactos que a violência sexual traz para a criança “esse impacto não é apenas sexual, mas também emocional e psicológico”, esses efeitos podem ser percebidos a curto, médio e em longo prazo, e não há um padrão de comportamento, ele varia de criança para criança, são inúmeros fatores que precisam ser levados em consideração como: idade da vítima, em que contexto

ocorreu, quanto tempo durou, qual a frequência que ocorria, o tipo de relação que a criança tinha com o agressor, o gênero e a idade do violentador, qual método utilizado por ele e os efeitos da revelação (Sanderson, 2005).

No entanto a violência sexual “não produz o mesmo resultado sobre todas as crianças e adolescentes que a vivenciam”, mas há a possibilidade de elencar consequências como: sequelas físicas, lesões, IST’s, que podem gerar infertilidade ou mesmo levar a uma gestação de alto risco; dificuldade de ligação afetiva e amorosa, medo da intimidade; dificuldades no desenvolvimento de sexualidade saudável; tendência a sexualizar demais os relacionamentos sociais; estigmatização e menos-valia, (se sentem inferiorizados, podem desenvolver atitudes autodestrutivas como automutilização, uso de drogas, podem cometer suicídio ou então buscar incessantemente formas de serem aceitos em relacionamentos ou grupos sociais); complexo de traição (dificuldade em confiar em alguém); engajamento em trabalho sexual, prostituição (porém nem todas as prostitutas foram vítimas de violência sexual quando crianças e nem todas as vítimas de violência sexual se tornam prostitutas), não é uma regra e sim uma possibilidade que isso ocorra (Santos & Ippólito, 2011, p. 81).

Azevedo (1989) aponta possíveis consequências que as vítimas de violência sexual podem apresentar em curto prazo na infância ou adolescência. Como esclarecido anteriormente, há diversos fatores que precisam ser analisados em cada caso de criança violentada, cada uma carrega consigo particularidades, a tabela 2 apresenta possibilidades de consequências, o que não significa que todas as crianças vão desenvolvê-las, ele está dividido em: problemas de ajustamento sexual, problemas interpessoais, problemas educacionais e outros sintomas psicológicos.

Tabela 2

Possíveis consequências que a criança pode apresentar ao ser vítima de violência sexual

Problemas de ajustamento sexual	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Preocupação com assuntos sexuais;</li> <li>• Aumento das atividades masturbatórias;</li> <li>• Desespero relativo à inabilidade de controlar as demandas sexuais;</li> <li>• Infecções sexualmente transmissíveis;</li> <li>• Gravidez;</li> <li>• Identidade feminina deteriorada;</li> </ul>
---------------------------------	---

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Homossexualidade;</li> <li>• Prostituição;</li> <li>• Abuso sexual de crianças menores;</li> </ul>
Problemas Interpessoais	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Confusão referente às relações sociais;</li> <li>• Pavor em relação a contato com adultos;</li> <li>• Choque decorrente da reação dos pais á descoberta do abuso sexual;</li> <li>• Busca por afeição crescente por parte dos adultos;</li> <li>• Fugas do lar;</li> <li>• Ideação de homicídio.</li> </ul>
Problemas Educacionais	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Dificuldades de aprendizagem</li> </ul>
Outros sintomas psicológicos	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Perda da auto estima;</li> <li>• Culpa ou vergonha;</li> <li>• Sintomas de nervosismos, tais como roer as unhas;</li> <li>• Atitude pessimista ou desumana;</li> <li>• Obesidade;</li> <li>• Fachada de maturidade e capacidade para responsabilidade;</li> <li>• Estágio infantil, prolongado ou revertido;</li> <li>• Sintomas somáticos;</li> <li>• Distúrbio do sono, incluindo pesadelos;</li> <li>• Comportamento impulsivo e autodestrutivo;</li> <li>• Outros problemas comportamentais;</li> <li>• Depressão;</li> <li>• Ideação suicida;</li> </ul>

*Nota.* Fonte: Azevedo (1989, pp. 145-147).

Já Sanderson (2005) divide as possíveis consequências em seis categorias: efeitos emocionais, efeitos interpessoais, efeitos comportamentais, efeitos físicos e efeitos sexuais, dentre os quais muitos já foram citados no quadro acima. A autora nos explica que crianças vitimadas emitem sinais e sintomas que estão sofrendo violência sexual, porém dificilmente utilizam a fala para explicitar tal situação, daí a importância de se conhecer as mudanças comportamentais apresentadas, “muitos sinais e sintomas individuais podem indicar outros problemas que a criança esteja eventualmente enfrentando”, por isso é preciso cautela,

contextualização, sem descartar a possibilidade que essa criança possa estar vivenciando episódios de violência sexual (p. 202).

Crianças e adolescentes dificilmente utilizam a forma verbal de comunicação para expressar que estão vivenciando situações de violência sexual, mas algumas condutas ou sinais corporais sugerem que a criança é vítima, como nos explica Santos e Ippólito (2011):

(. . .) coceira na área genital, infecções urinárias, cólicas intestinais, odor vaginal, corrimento ou outras secreções vaginais e penianas. Dificuldade de engolir devido à inflamação causada por gonorreia na garganta (nas amígdalas, mais precisamente) ou reflexo de engasgo hiperativo e vômitos (por sexo oral). Dor, inchaço, lesão ou sangramento nas áreas da vagina ou ânus a ponto de causar dificuldade de caminhar ou sentar. Canal da vagina alargado, hímen rompido e pênis ou reto edemaciados (inchados) ou hiperemiados (congestão sanguínea). Baixo controle do esfíncter, constipação ou incontinência fecal. Sêmen na boca, nos genitais ou na roupa. Roupas íntimas rasgadas ou manchadas de sangue. Roupas de cama, tapetes ou carpetes com resquícios de sêmen. Gravidez precoce ou aborto. Ganho ou perda de peso, visando afetar a atratividade para o autor de violência sexual. Traumatismo físico ou lesões corporais por uso de violência física (p. 88).

Se faz necessário e urgente compreender o fenômeno da violência sexual na infância para proteger as crianças. A seguir será descrito um caso que chegou ao conhecimento da mídia no mês de setembro do ano de 2022, onde uma mãe, moradora da cidade de São José dos Campos – SP foi lavar roupas e encontrou sangue na calcinha da criança, questionada pela mãe, a menina revelou que o pai a violentava desde os cinco anos de idade e que há dois anos o avô também cometia violência sexual contra ela, atualmente a vítima está com nove anos. A mãe realizou a denuncia explicou para a repórter Alice Aires (2022) que já havia percebido sinais físicos na menina, como infecções urinárias recorrentes, corrimento vaginal, mas que jamais desconfiou de violência sexual.

Segundo Sanderson (2005) além dos sinais físicos, crianças vitimadas podem apresentar comportamento sexual incompatível com a idade, por meio de brincadeiras sexualizadas, manipulação de brinquedos e objetos (por vezes imitando a violência sofrida), representação utilizando desenho (a criança pode ilustrar os genitais ou características do ato), apresentar comportamento regressivo (voltar a fazer xixi na cama), distúrbios de

conduta (atear fogo em animais ou objetos), mudança no padrão de sono e alimentação, tornar-se isolada e retraída, apresentar muito medo (de lugares, de pessoas), ter ataques de raiva, demonstrar sentimento de inferioridade, medo, ansiedade, culpa, vergonha, ou mesmo demonstrar autossuficiência, ou ser uma criança submissa (apresentar excessiva necessidade de agradar o outro), aparecer com presentes e dinheiro sem motivo, apresentar comportamento autodestrutivo, ter pesadelo ou distúrbios do sono, na escola apresentar baixa atenção ou concentração e transtornos de memória.

Santos e Ippólito (2011) complementam as informações acerca dos possíveis sinais e sintomas que uma criança que sofre violência sexual pode apresentar, como: atraso ou ausência total de desenvolvimento da linguagem verbal (isso ocorre em crianças muito pequenas); baixo nível de autoestima, tristeza (depressão crônica), alterações comportamentais como demonstrar muita raiva ou agredir os pais e os irmãos não agressores, curiosidade sexual excessiva, masturbação compulsiva ou pública, introdução de objetos em suas partes íntimas, alteração nos hábitos de higiene (algumas acreditam se estiverem sujas não serão mais violentadas) ou lavar-se compulsivamente, por vezes pode até lesionar a pele (na intenção de tirar o cheiro e as lembranças da violência sofrida).

A criança vitimada tende a ter poucos amigos, pode apresentar pouca participação nas atividades escolares, pode faltar com frequência na escola ou podem não frequentar o espaço escolar por vontade dos pais, pode apresentar relutância a volta para casa e também podem reunir inúmeras tentativas de fuga de casa (Rocha, 2021a).

Nota-se que a maior parte dos sinais e sintomas da violência sexual contra a criança é de natureza psicológica, Azevedo (1989) afirmou que esses problemas são gerados a curto e em longo prazo, com exceção dos sinais educacionais que ocorrem de imediato, afetam tanto os relacionamentos da vítima com terceiros, como também, e principalmente com ela própria, ou seja, uma criança que passa por uma experiência de violência sexual tem prejuízos incontáveis.

Verificou-se que atos sexuais entre crianças e adultos ocorrem desde os tempos em que a sociedade era caçadora-coletora, mas com o passar do tempo essa prática foi condenada pela sociedade e atualmente há leis que garantem a proteção integral da criança e punição ao perpetrador de tal violência. Constatou-se também que a maioria das vítimas de violência sexual são crianças e a maior parte dos agressores são pessoas que fazem parte do convívio da vítima, por vezes o próprio pai, o que dificulta a denúncia, gerando o silenciamento e inúmeros problemas de ordem física, psicológica, sexual e emocional a curto e em longo prazo para a vítima.

Fato é que, mesmo guardando “tal segredo” a criança emite sinais e sintomas, o que possibilita que esse ciclo seja quebrado, se compreendido por pessoas capacitadas. Assim o ambiente educativo representa um espaço favorável para o enfrentamento a violência sexual contra a criança por meio da Educação Sexual, uma ferramenta de autoproteção que pode ser utilizada para orientar as crianças explicam Andreza Marques de Castro Leão e Luci Regina Muzzeti (2018).

### 3 EDUCAÇÃO SEXUAL NO BRASIL: UMA REFLEXÃO DA HISTÓRIA

A Educação Sexual no Brasil vem sendo pesquisada há muitos anos, “fundamentada nas diferentes vertentes da Ciência - Psicologia, Medicina, Antropologia, Sociologia, Pedagogia - construída historicamente na medida em que avançam a cultura e os pensamentos sexuais”, como aponta Ribeiro (2019, p. 38), entre avanços e retrocessos, foi a partir de 1988 que a sociedade começou a compreender a sua importância enquanto ação de cidadania e de direitos.

No artigo intitulado *História da Educação Sexual no Brasil: apontamentos para a reflexão*, os autores Bueno e Ribeiro (2018) identificaram seis momentos históricos que a Educação Sexual passou, onde o,

(. . .) primeiro momento remete ao Brasil Colônia, no qual era marcante o sexo pluriétnico libidinoso para o homem, submissão e repressão do comportamento sexual da mulher; e normas, regras e condenações por parte da igreja. O segundo momento ocorre no século XIX, no qual é expressivo o controle da sexualidade e das práticas sexuais licenciosas (originadas na Colônia) sob a normatização da moral médica. Já o terceiro momento ocorre nas primeiras décadas do século XX, especialmente a partir de 1920, livros que abordam a sexualidade são publicados por médicos, professores e sacerdotes, com o objetivo de orientar as práticas sexuais do indivíduo (Bueno & Ribeiro, 2018, pp. 49-50).

O quarto momento foi marcado pela primeira tentativa de incluir Educação Sexual no currículo escolar, no entanto a repressão exercida pela igreja católica culminou na demissão do professor responsável pelo projeto, e desempenhou um freio poderoso para que a Educação Sexual não fosse incluída no contexto educativo. Algumas ordens religiosas passaram a ver a sexualidade de forma diferente após o Concílio do Vaticano, realizado em 1961, que ajudou a estimular, já na década de 60, o surgimento dos primeiros trabalhos de Educação Sexual na escola. Porém, enfatizando aspecto biologizante (ensinar anatomia e fisiologia sexual) nos moldes do discurso higienista, com foco em melhorar a saúde da mulher, sem a intenção de modificar seu papel na sociedade. O regime militar imposto pelo golpe de 1964 resultou na redução de liberdade individuais básicas dos cidadãos e no campo da Educação Sexual causou um retrocesso maior ainda, já que todos os projetos da área eram denunciados e toda manifestação da sexualidade condenada com o fechamento de escolas e

denúncias de professores que continuavam seus projetos na área. Com o decreto do Ato Institucional AI-5, o ministério da saúde foi encarregado de censurar todo texto contrário a moral e aos bons costumes (Bueno & Ribeiro, 2018).

O quinto momento foi marcado com a abertura política em 1978 e a retomada oficial da Educação Sexual em contexto educativo, pioneiramente pelo estado de São Paulo, onde os professores não assumiam mais os projetos como ocorreram em 1960, os responsáveis a partir de então foram os órgãos públicos. O primeiro congresso de Educação Sexual nas escolas abriu espaço para o debate público sobre Educação Sexual nesse contexto e ganhou destaque na mídia. A população estava aberta a falar e ouvir sobre sexualidade, “a liberação sexual trazia mudanças de comportamentos e questionamentos sobre tabus, preconceitos e posturas conservadoras” (Bueno & Ribeiro, 2018, p. 53). As mulheres conquistaram maior espaço no mercado de trabalho, maior liberdade sexual com a pílula anticoncepcional. Duas mulheres Marta Suplicy e Maria Helena Matarazzo trabalharam em programas de Tv e rádio, respectivamente em serviços de orientação sexual<sup>6</sup>. Com o advento da Aids a sociedade é convocada a pensar sobre sexualidade como questão social e sobre a necessidade de uma educação voltada para esse tema (Bueno & Ribeiro, 2018).

E o sexto momento, inicia-se em 1996 “com a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) e o estabelecimento dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)” (Ministério da Educação, 1998b, p. 55), documento que indica a oferta de orientação sexual de forma interdisciplinar e transversal, mas que encontrou resistência no contexto educativo para ser aplicada. Com a popularização da internet, começou no país uma nova forma de se relacionar, ao olhar para a sexualidade humana, os relacionamentos tornaram-se mais frios e descartáveis (Bueno & Ribeiro, 2018).

E é dentro deste sexto momento da Educação Sexual, que nos encontramos atualmente, evidenciados diariamente pela necessidade em trazer esse tema para dentro dos muros educacionais, Ricardo Desidério da Silva (2015, p. 20), reforça que “a Educação Sexual na escola é hoje uma necessidade a ser efetivada tanto nas discussões políticas, quanto nas ações e concretização de sua prática”, e esclarece que,

(. . .) ao dizer Educação Sexual estamos nos referindo a toda ação contínua, em um processo de interação humana pelo qual, inserido em uma cultura, uma história e

---

<sup>6</sup> Orientação Sexual: termo preferido por psicólogos a partir do final de 1970, utilizado naquele momento como sinônimo de Educação Sexual (Ribeiro, 2017).

uma política, nos leva a pensar na construção de um sujeito ativo frente às informações, aos desejos, às necessidades básicas sobre seu corpo, seu funcionamento e organização. Assim, tal sujeito pode dialogar ter voz ativa e poder expressar suas opiniões, respeitando as opiniões do outro e significativamente percebendo a sexualidade como algo positivo em sua vida, sem medos, tabus e/ou receios em poder/querer aprender sobre tudo que se passa a sua volta durante toda sua vida (Silva, 2015, p. 20).

Um trabalho de Educação Sexual precisa ser plural como afirma Marcos Ribeiro (2020), é preciso envolver “além dos aspectos biológicos e da genitalidade, as dimensões psicológicas, sociais, culturais, históricos e políticas que o tema contempla não se reduzindo ao corpo físico e prevenção das infecções sexualmente transmissíveis ou gravidez indesejada” (p. 43). Existem desafios a serem superados para implementar a temática no ambiente educativo, que passa pela formação do docente, Figueiró (2001) afirma em seu trabalho de formação de educadores sexuais, que existe uma lacuna na formação dos professores, a autora reforça a necessidade de incluir conhecimentos sobre sexualidade em todos os cursos que abrange a formação em licenciatura, destaca-se aqui a urgência em incluir essa temática nos cursos de Pedagogia e Formação de Docentes.

Na Educação Infantil existem desafios ainda maiores para trabalhar Educação Sexual, além da lacuna na formação dos profissionais que atuam com esse público, Constantina Xavier Filha (2012, p. 61) revela que “nos últimos anos contatou-se um temor em se discutir sobre sexualidade com as crianças” em contexto educativo, por medo de serem mal interpretadas pelas crianças e pelas famílias. Esse medo reflete a insegurança dos professores que não tiveram formação inicial ou continuada para lidar com a temática, ao mesmo tempo em que na sua prática diária, se deparam com expressões múltiplas da sexualidade infantil.

No passado, os espaços educacionais direcionados a infância no Brasil seguia um modelo assistencialista, voltado para guardar e cuidar da criança, enquanto os pais trabalhavam. Atualmente a infância é considerada como “um período especial do desenvolvimento onde a criança deve ser cuidada e educada” nos explica Ivone dos Reis Ramos (2017, p. 11). Um conceito relativamente novo, que nos permite desenvolver um novo olhar sobre as expressões da sexualidade infantil.

Catarina Tomás (2014) revela que “a infância ainda é perspectivada dentro de parâmetros de um estatuto minoritário, como um período etário onde os indivíduos requerem proteção porque sabem menos, têm menos maturidade, menos força e menos experiência, em

comparação com os adultos” (p.136). Observa-se que essas características as tornam mais vulneráveis a violência sexual, uma vez que os perpetradores utilizam a falta de compreensão da criança sobre sexualidade para conduzi-la ao ato desejado. Sendo necessário compreender que,

[...] a criança é um sujeito histórico e de direitos, construtora da cultura e conhecimento, é um ser de múltiplas linguagens, plena de potencial e de iniciativa pessoal, participante, ativa e protagonista que aprende por meio de experiências. A valorização dessas experiências no processo de aprendizagem é muito importante, pois destaca o protagonismo da criança ao mesmo tempo em que considera suas singularidades, interesses, curiosidades, necessidades e ritmos de desenvolvimento. (Bueno et al., 2020, p. 7).

Assim considera-se que a criança traz para o contexto educativo experiências pessoais relacionadas a sexualidade, seu processo natural de desenvolvimento desperta curiosidades e interesses relacionados ao seu corpo e ao corpo do outro, as expressões da sexualidade ocorrem no meio educativo e por vezes podem revelar que a criança é vítima de violência sexual. A criança tem direito de ser protegida por meio de experiências positivas e informações, respeitando sua faixa etária.

Diante do exposto, ressalta-se que o contexto educativo é um espaço importante para a realização de trabalhos destinados ao enfrentamento à violência sexual na infância, “porque é um ambiente mais próximo a criança depois da família podendo ela considerar seus professores como uma figura de afeto e de sua confiança” (Spaziani, 2013, p. 40). Promover experiências intencionais acerca da sexualidade contribui para que a criança compreenda a cultura e a sociedade ao qual está inserida.

### **3.1 Sexualidade da criança e educação**

Uma política pública importante para o trabalho da Educação Sexual nas escolas surgiu em 1997, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (Ministério da Educação, 1998b) é um documento de caráter não obrigatório, que traz como tema transversal à orientação sexual, para que a sexualidade seja tratada no ambiente educativo como “algo fundamental na vida das pessoas, questão ampla e polêmica marcada pela história, pela

cultura e pela evolução social” que possibilita a reflexão e debate a respeito da sexualidade, sem imposição de valores (Ministério da Educação, 1998b, p. 67).

Embora os PCN não sejam adotados de forma obrigatória no contexto educativo, “é um marco histórico e um grande avanço na conquista e luta pela oficialização da Educação Sexual nas escolas, servindo de base para quaisquer projetos sobre a temática da sexualidade nos espaços educacionais de todo Brasil” (Silva, 2015, p. 21).

Por outro lado, o surgimento desse documento, não trouxe consigo nenhuma iniciativa governamental para preparar os profissionais da educação para lidar com a temática da sexualidade em contexto educativo, haja vista que o tema envolve muitos tabus, preconceitos, valores pessoais por vezes construídos a partir da repressão sexual, que atravessam a vida de cada um (Leão, Ribeiro, & Bedin, 2010).

Ao olharmos para as políticas educacionais vigentes, observamos que a Constituição Federal em seu artigo 205 assegura que “a educação é direito de todos e dever do estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando o pleno desenvolvimento da pessoa (. . .)” (Brasil, [1988]). O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), lei n. 8.069/90, dispõe em seu artigo 7º que “a criança e o adolescente tem direito a proteção à vida e a saúde, mediante efetivação de políticas sociais públicas que permitam o nascimento e o desenvolvimento sadio e harmonioso, em condições de existência”. Esses dois documentos, são políticas públicas que devem garantir os direitos a dignidade da pessoa humana, como afirma Ribeiro (2020). Neste sentido a sexualidade não pode ser excluída, pois faz parte do desenvolvimento integral do ser humano e “não pode ser deixada de lado nos programas desenvolvidos nos diferentes setores governamentais” (p. 52).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), lei n. 9394/96, em seu artigo 3º elenca dezenove princípios que baseiam o ensino a ser ministrado, entre eles “a valorização da experiência extraescolar”. Ora, as crianças são seres sexuados e pensantes, são sujeitos ativos no processo de construção da sua sexualidade, trazem para o contexto educativo diversas experiências extraescolares que necessitam de valorização e mediação (Xavier, 2012).

(. . .) faz parte da condição humana, objeto de interesse e reflexão do homem, que ao adentrar cada vez mais os significados diversos e profundos da sua natureza sexual, foi elaborando um conjunto de posturas históricas e culturais, surgindo assim tantas exigências, regras, cerimônias, interdições e permissões que tornou a atividade sexual um tabu (Guimarães, 1995, p. 25).

Assim também ocorre nas instituições educativas quando há expressões da sexualidade da criança, as práticas pedagógicas geralmente desenvolvidas pelos professores que ali atuam, apresentam “concepções comumente reforçadas por discursos religiosos, moralistas, adultocêntricos, silenciando as crianças em suas curiosidades, desejos, interesses, pretendendo-se verdade indiscutida sobre expressões e vivência das sexualidades” na infância (Xavier, 2012, pp. 23-24).

É necessário que o ambiente educativo tenha preparo para atender as demandas ali existentes, fruto de experiências intra e extraescolares, já que muitas dúvidas e curiosidades que as crianças trazem são referentes à sexualidade. Embora o senso comum entenda sexualidade como sinônimo de sexo, é preciso diferenciá-los para melhor compreendê-los.

A urgência em quebrar o paradigma de que a Educação Sexual está diretamente relacionada ao ato sexual, e a necessidade de compreender que ela proporciona conhecimentos e esclarece dúvidas sobre a sexualidade humana. Em 1975 a Organização Mundial da Saúde (OMS) definiu sexualidade como:

(. . .) parte integral da personalidade de cada um, é uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado de outros aspectos da vida. Sexualidade não é sinônimo de coito e não se limita a presença ou não de orgasmo. Sexualidade é muito mais do que isso, é a energia que motiva a encontrar o amor, o contato e a intimidade, se expressa na forma de sentir, na forma de as pessoas tocarem e serem tocadas. A sexualidade influencia o pensamento, sentimentos, ações e interações e tanto a saúde física como a mental. Se a saúde é um direito humano fundamental, a saúde sexual deveria ser considerada um direito humano básico (OMS, 1975 citado por Maia et al., 2018, p. 2).

Já o sexo, pode ser definido como,

(. . .) relativo ao fato natural, hereditário, biológico, da diferença física entre homem e a mulher e da atração um pelo outro para a reprodução. No mundo moderno o significado dominante do termo passa a ser *fazer sexo*, referindo-se às relações físicas para o prazer sexual. No senso comum é relação sexual, orgasmo, órgãos genitais (Guimarães, 1995, p. 24).

Logo, recomenda-se que Educação Sexual não é “*ensinar sexo para crianças*”, esse pensamento dificulta ainda mais a inserção da temática no contexto educativo. A sexualidade incorpora o sexo, mas vai muito além, a sexualidade é a energia que move a vida e Educação Sexual,

(. . .) é um processo de ensino e aprendizagem com base em um currículo sobre os aspectos cognitivos, emocionais, físicos e sociais da sexualidade. Tem por objetivo transmitir conhecimentos, habilidades, atitudes e valores a crianças, adolescentes e jovens de forma a fornecer-lhes autonomia para: garantir a própria saúde, bem-estar e dignidade; desenvolver relacionamentos sociais e sexuais de respeito; considerar como suas escolhas afetam o bem-estar próprio e o de outras pessoas; entender e garantir a proteção de seus direitos ao longo de toda a vida (Unesco, 2019, p. 16).

A criança “produz e elabora teorias, hipóteses e formas de intervenção no mundo, tornando-se, com isso construtora de cultura, torna-se sujeito na/da cultura” (Xavier, 2012, p. 23). Inicialmente, papel da família, mas é no contexto educativo que ocorre as primeiras experiências de socialização, onde a criança expressa sua forma de compreender a sexualidade, fazendo necessário compreender que o papel do professor é fundamental para o desenvolvimento positivo da sexualidade da criança, por meio de sua postura ao lidar com o tema.

Entre as diversas características da Educação Sexual, destaca-se que é um processo de educação gradativo que se inicia na infância, de acordo com o estágio de desenvolvimento do indivíduo, apropriado para cada idade e aos poucos, novas informações vão sendo acrescentadas, baseado em evidências científico à sexualidade e comportamentos considerando as mudanças e as necessidades das crianças (Unesco, 2019).

A escola é um ambiente educativo, onde as crianças se desenvolvem e se relacionam, trazendo consigo os ensinamentos da família, suas curiosidades, dúvidas e anseios. A sexualidade faz parte de todo ser humano, e cabe a família em conjunto com a escola orientar e dar a devida atenção. As manifestações de sexualidade afloram em todas as faixas etárias. Ignorar, ocultar ou reprimir, são as respostas mais habituais dadas pelos profissionais da escola. Essas práticas se fundamentam na ideia de que o tema deva ser tratado exclusivamente pela família.

De fato, toda família realiza a Educação Sexual de suas crianças e jovens, mesmo aquelas que nunca falam abertamente sobre isso. A criança sofre influências de muitas fontes: de livros, da escola, de pessoas que não pertencem à sua família e, principalmente, nos dias de hoje, da mídia (Abreu et al., 1995, p. 77).

Atualmente, além da televisão, as crianças estão expostas às telas como celular, tablets com acesso ilimitado a internet, onde recebem, constroem conceitos e explicações fantasiosas e errôneas sobre a sexualidade. Alguns docentes repetem a expressão “as crianças de hoje sabem muito mais sobre sexo que nós”, quando na verdade o acesso das mesmas a tais conteúdos, não promove conhecimento formal referente à sexualidade (Silva, 2015).

O contexto educativo tem um papel complementar na educação dada pela família, porém, não pode ser responsável por toda formação sexual do indivíduo e não deve se resumir apenas em repassar informações, ela tem que ser voltada para a mudança de atitude dos estudantes, como explica Leão, Ribeiro e Bedin (2010). A informação é fundamental no processo educativo e deve proporcionar um crescimento de dentro para fora, um processo reflexivo onde haja também a instrução, na qual se prepara a criança para a vida, assim aumentando sua capacidade crítica, sendo capaz de abandonar antigos padrões.

A pesquisa de Ribeiro (2017) mostra que a Educação Sexual,

(. . .) enquanto campo que se fundamenta na ciência, na didática e no método possibilita uma compreensão das questões sexuais, além desse senso comum, sua aplicabilidade pode contribuir para que as pessoas se sensibilizem e passem a entender a sexualidade, a partir da desconstrução de tabus, preconceitos e valores enraizados historicamente (p. 7).

Diante do exposto, a Educação Sexual pode direcionar a prática pedagógica, contribuindo com a formação integral das crianças. O contexto educativo é um espaço sexualizado e as crianças trazem experiências sociais diversas. Nesse ambiente, os profissionais da educação observam expressões sexuais infantis que ocorrem desde o berçário e seguem por todas as etapas da educação. Em algum momento, a equipe escolar da Educação Infantil vai se deparar com situações relacionadas à sexualidade da criança, é essencial, compreender como ocorre o desenvolvimento da sexualidade na infância.

### **3.2 Expressões sexuais de meses a cinco anos**

Ao longo da história, a criança era vista como um ser incompleto. Um ser desprovido de personalidade, fácil de dominar, onde muitas vezes o castigo físico obrigava a criança a realizar os desejos dos adultos que a cercavam, sinalizando que a obediência é sinônimo de uma boa educação.

É importante destacar que não existe uma ideia universal de infância, Manuel Jacinto Sarmiento (2007, p. 28) aponta que, “há diversidade das formas e modos de desenvolvimento das crianças em função da sua pertença cultural”, e mesmo dentro da mesma cultura há variações que envolvem diferenças “étnicas, religiosas, níveis de instrução da população...” (p.29). Entendemos que as infâncias são marcadas pelo meio social, cultural e histórico ao qual faz parte, assim ao mencionar a criança ou infância, compreendemos que não há uma forma única de viver essa fase da vida.

Virgínea Georg Schindhelm (2011) esclarece que a sexualidade da criança não é inata, é construída diariamente pelo meio social e cultural ao qual ela vive, porém, Xavier (2012) faz uma ressalva, explica que essa perspectiva busca preservar a criança inocente, sem malícia, e apresenta a perspectiva denominada construcionismo social,

(...) essa perspectiva teórica instiga-nos a pensar sobre a cultura sobre como cada um de nós somos o que somos a partir dessas relações com vários discursos que determinam o que é ideal para a vivência da sexualidade. Há outros elementos centrais a esse processo de construção social: a linguagem, as representações, as relações de poder. Apesar desta maneira de pensar os sujeitos e suas formas de construção de identidades de gêneros e sexuais, percebemos que os sujeitos não são passivos diante das imposições sociais e culturais (Xavier, 2012, p. 23).

As crianças são agentes participativos da cultura e também da sua sexualidade, apesar da vigilância e da contenção apresentada pelos pais, professores em suas expressões da sexualidade, “historicamente as crianças vem escapando a todo domínio e gerenciamento” imposto pelos adultos (Xavier, 2012, p. 18).

É no corpo que a sexualidade se expressa desde o seu nascimento, por meio do contato com os pais e dos cuidadores (também pode ocorrer em espaços institucionais), expressados por meio de toques em seu corpo portador de “inúmeros pontos anatômicos, geradores e produtores de sensações e de excitação sexual. Os pequenos sentem prazeres e desprazeres corporais e os expressam por emoções oriundas dos afetos e das carícias

provocados pelo outro”, demonstrando-se seres sexuados, vivenciando a sexualidade de maneira única (Schindhelm, 2011, p. 43).

Por um longo período, acreditou-se que as expressões da sexualidade estava ausente nas crianças e só iniciava-se na puberdade (ainda hoje algumas pessoas pensam dessa forma). O século XVII foi considerado um período de repressão em assuntos relacionados à sexualidade e durante muito tempo as sociedades burguesas associaram o sexo ao pecado e tentou-se controlar todos os discursos e formas de dominá-los e desde o período da infância já imprimiam estes pensamentos nos pequenos, “as crianças sabe-se muito bem que não tem sexo: boa razão para interdita-los, proibirem de falarem dele, razão para fechar os olhos e tapar os ouvidos, onde quer que venha a manifestá-lo, razão para impor um silêncio geral” explica Michel Foucault (1988, pp. 9-10).

Mas, quem convive ou mesmo trabalha diretamente com crianças de forma atenta, certamente já observou, ou participou de alguma situação que envolve expressão sexual infantil. A repressão e os tabus que envolvem a temática dificultam uma mediação que contribua para o desenvolvimento de uma sexualidade saudável, sabe-se muito bem que de nada adianta proibir que falem ou manifestem suas sexualidades, uma vez que “os sujeitos nascem com organismos individuais herdados e corpos que se desenvolvem. Isso acontece naturalmente, porque é impossível construir primeiro um corpo e depois um corpo sexual” revelam Adriane Alves dos Santos Gonzales Lara (2021, p. 15).

A Educação Sexual contribui para que as crianças desenvolvam atitudes positivas em relação à sexualidade como a autoestima, o amor, o consentimento, a integridade corporal, o respeito mútuo nos relacionamentos com familiares e amigos baseados na igualdade. Gradativamente podem desenvolver habilidades necessárias para a vida como a capacidade de refletir, tomar decisões, comunicar e negociar com eficácia demonstrando assertividade nas diversas etapas da vida (Unesco, 2019).

Apesar da sexualidade ainda ser pouco discutida na Educação Infantil, em 1905, Sigmund Freud escreveu *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* que embora tenha impactado a comunidade científica da época, contribuiu de maneira significativa para que possamos compreender as fases de desenvolvimento da sexualidade das crianças. “Na sua investigação da origem dos traumas ele estudou a criança e descobriu que o início das neuroses está na repressão sexual sofrida pelo indivíduo ainda na fase infantil da vida” revelam César Nunes e Edna Silva (2006, p. 44).

A visão de que a criança é um ser puro e inocente, é fruto da era vitoriana. Partindo desse pressuposto, o senso comum mantém essa ideia e acreditam estar preservando a

inocência dessa fase da vida. “A sexualidade é tratada como algo perigoso, a serem evitados, escondidos, mantidos fora do alcance das crianças” explicam Ana Claudia Bortolozzi Maia, Marcela Pastana, Patrícia Cristine Pereira e Raquel Baptista Spaziani (2011, p. 116). E ao mesmo tempo “percebe-se que os pequenos têm desejos, experiências e fantasias sexuais” (Schindhelm, 2011, p. 36), exigindo assim novos olhares para as expressões sexuais nesse período da vida, marcado por brincadeiras, toques, sensações, curiosidades, descobertas e perguntas.

“Freud foi o primeiro a considerar com naturalidade os atos e efeitos sexuais das crianças como a ereção, masturbação e mesmo simulações sexuais”, de acordo com Nunes e Silva (2006, p. 46). A masturbação no século XVIII era encarada como anormal classificada como uma patologia e nos períodos seguintes as crianças eram cuidadas, vigiadas e controladas (Lara et al., 2021).

Nunes e Silva (2006) relatam que Freud “estudou a criança no seu meio contextual e considerou também a influencia das relações familiares e socioculturais na formação da personalidade do indivíduo desde a mais tenra idade” (pp. 46-47). Ele não tinha dúvidas que a criança nasce sexuada, e de acordo com o desenvolvimento do indivíduo, a sexualidade vai evoluindo e em algum momento pode haver repressões que repercutem pelo resto da sua vida.

No período da infância a criança é capaz de absorver e reproduzir emoções e sentimentos como em nenhum outro momento da vida, como amor, ciúme e outras paixões, elas apresentam reações e impressões que ao longo da vida são esquecidas, como se houvesse um apagão na memória que Freud (2016) denominou de amnésia, porém, “deixam os mais profundos traços em nossa vida psíquica e se tornam determinantes para todo o nosso desenvolvimento posterior” (p. 76), portanto não é um verdadeiro desaparecimento das impressões da infância e sim “uma espécie de tempo pré-histórico, escondendo-lhe os primórdios da sua vida sexual” (p. 77).

Estas transformações da sexualidade infantil, que tentamos descrever, significa que a criança é um ser em desenvolvimento, sendo preciso observá-la e respeitá-la. O que se vê com frequência é, adultos perseguindo crianças que manifestam estas atitudes sexuais, como se essas expressões do desenvolvimento sexual da criança fossem vícios. Quando isso acontece, podem ficar seriamente prejudicadas a formação da personalidade e a capacidade de vivencia da sexualidade do indivíduo (Nunes & Silva, 2006, p. 49).

A sexualidade infantil é marcada por ocultamentos e silenciamentos, “expressa por crenças, atitudes, valores, papéis e relacionamentos, é produto de um trabalho permanente de ocultação, dissimulação ou de mistificação na escola, um reflexo do que se produz da mesma forma na sociedade” (Schindhelm, 2011, p. 39). A escola padroniza comportamentos e atravessa as infâncias indicando durante todo o tempo que a criança permanece no espaço escolar o que é certo ou errado.

Freud (2016) explica que “os impulsos sexuais na infância não são utilizados para as funções reprodutivas” (p. 81), mas as crianças possuem zonas erógenas que provocam sensações de prazer e desprazer. Sem conhecimento a respeito do desenvolvimento da sexualidade infantil, os educadores que identificam manifestações sexuais da criança, agem “como se partilhassem pontos de vista sobre a formação das forças defensivas morais á custa da sexualidade, como se soubessem que a atividade sexual, torna a criança ineducável, pois perseguem todas” (p. 82), de forma a desenvolver na criança sentimentos de nojo e vergonha.

Não há uma divisão entre a sexualidade infantil e a sexualidade do adulto, “existe sim uma ligação única e uma continuidade entre elas, ou seja, são inseparáveis e consequentes” (Nunes & Silva, 2006, p. 52). Por isso é fundamental conhecer as fases de desenvolvimento da sexualidade infantil para que de acordo com a faixa etária a criança receba orientações que contribuam para o desenvolvimento de uma sexualidade saudável, especialmente no ambiente escolar, o que irá refletir na vida adulta.

Desde o momento do nascimento o bebê apresenta manifestações sexuais, Freud (2016) destaca que o ato de sugar com deleite o seio da mãe para se alimentar é a primeira e mais vital atividade da criança, embora a satisfação esteja relacionada à necessidade do alimento, os lábios da criança se comportam como zonas erógenas, “quem vê uma criança largar satisfeito o peito da mãe e adormecer, com faces rosadas e um sorriso feliz, tem que dizer que esta imagem é exemplar para a expressão da satisfação sexual da vida posterior” (p.86).

Diante do exposto, Nunes e Silva (2006) descreveram algumas etapas que são universalmente vivenciadas na infância referente à sexualidade a partir dos escritos de Freud, a primeira delas é a:

Fase oral – de duração, por volta de um ano quando a criança encontra a satisfação e prazer na boca. Nesta fase há uma grande satisfação libidinosa em todas as atividades (morder, sorrir, chorar, sugar) oriundas na atividade oral. Freud afirma

que estas atividades são primariamente sensoriais e que a satisfação encontrada nesta ação cristaliza-se a partir da ‘libido’, entendida como energia psíquica que perpassa toda educação social da criança. O pensamento Freudiano sempre ‘explica’ as causas destas reações e sua simbologia dentro dos cânones da Neurologia e suas posteriores metodologias terapêutico-psicanalíticas (Nunes & Silva, 2006, p. 85).

Freud (2016) destaca que a sensação de prazer ocorre por meio dos movimentos rítmicos provocados pela da zona erógena (nessa fase a boca), a sensação provocada está ligada a qualidade do estímulo. “A necessidade de repetição da satisfação se revela de duas formas: por uma peculiar sensação de tensão, que possui antes o caráter de desprazer, e por uma sensação de comichão ou estímulo centralmente condicionado” (p. 89).

A fase oral ocorre de zero a um ano, muitos bebês nesta faixa etária são atendidos em creches / centros municipais ou particulares de educação infantil pelo país, dessa forma, vale destacar que a relação do adulto com a criança influencia diretamente o desenvolvimento integral do indivíduo e conseqüentemente sua sexualidade. Um estudo etnográfico realizado em um berçário de uma instituição de Educação Infantil na região sudeste do Brasil aponta que “as situações de cuidado corporal (de modo especial banho, alimentação e sono) ocupavam a maior parte do tempo dos bebês na creche e promoviam diversas oportunidades de troca e manifestação afetiva na relação entre adultos e bebês” afirmam Daniela Guimarães e Rachel Arenari, (2018, p. 5). Assim compreende-se que a Educação Sexual pode fazer parte da rotina dos bebês por meio de ações planejadas pelas professoras, o que irá contribuir para a construção de uma sexualidade saudável.

A criança vai crescendo e assim as fases de desenvolvimento sexual também mudam, a segunda etapa desse processo é descrita como:

Fase anal (1 a 3 anos) – período de internalização e educação das normas de controle do intestino, em que a criança sente prazer em produzir fezes e urina. A fase anal inicia-se ao final do primeiro ano de vida, sendo difícil experienciá-la antes, e consolida-se durante o segundo ano. A satisfação libidinosa não é, nessa fase, puramente neurológica ou sensorial, mas ultrapassa este plano de sensações, ainda que o contenha, para situar-se nas primeiras expressões de gratificação simbólico- social da criança em cumprir com as exigências paternas da higiene e

controle metódico e adequado do esfíncter, através da padronização de suas necessidades fisiológicas (Nunes & Silva, 2006, p. 85).

Freud (2016) destaca nessa fase que “a atividade da zona anal favorece um apoio da sexualidade em outras funções do corpo. A zona anal mantém por toda a vida, um grau considerável de suscetibilidade á estimulação genital” (p.91). O processo de retenção das fezes e posteriormente sua passagem durante a evacuação, exerce um grande estímulo na mucosa e provoca sensações como dor e volúpia. Da mesma forma no processo de micção onde a glândula e o clitóris são acionados para reter e liberar a urina.

Nessa fase, muitas crianças que frequentam as instituições de educação infantil passam pelo processo do desfralde, começam a controlar suas necessidades fisiológicas, deixam de usar fraldas, adquirem maior autonomia, sendo um período marcado por muitas descobertas. Porém, esse momento que deveria ocorrer de forma natural, muitas vezes ocorre pela imposição do adulto, mesmo a criança demonstrando que não está preparada para a transição, é colocada sentada no vaso sanitário por um longo período até que realize suas necessidades, o que pode gerar sérias consequências psicológicas (Cohen, 2021). Isso só reforça o quanto a sociedade é adultocêntrica, mesmo nos espaços destinados ao desenvolvimento integral das crianças.

À medida que a criança cresce, surgem novas descobertas e sensações, nessa fase onde ela deixa de usar fraldas, passa a ter acesso facilitado ao seu genital, assim é capaz de perceber sensações de prazer que essa área do corpo produz ao ser friccionada em situações casuais, algumas crianças sentem a necessidade de repetir tais movimentos, “a ação que elimina o estímulo e desencadeia a satisfação consiste em movimentos de fricção com a mão ou uso no uso de pressão através da mão ou das coxas” (Freud, 2016, p. 94). Essa fase é descrita por Nunes e Silva (2006) como:

A fase fálica<sup>7</sup> (3 a 6 anos) — coincidem com a descoberta dos órgãos sexuais, manipulação e prazer neste exercício, das diferenças sexuais e do afloramento da questão edipiana. Freud aponta aqui a época das descobertas das diferenças genitais, na qual o menino seria diretamente identificado com a sociedade

---

<sup>7</sup> Freud ainda descreveu mais duas fases da sexualidade infantil, o período de latência que ocorre dos seis aos nove anos e a fase genital que se inicia por volta dos dez anos, porém esse trabalho tem como público alvo crianças de meses a cinco anos de idade, assim limitar-se-á, as fases da sexualidade que ocorrem nessa faixa etária (Freud, 2016).

patriarcal através da descoberta do “pênis” e sua simbologia e a menina experimentaria a castração simbólica, geradora de ansiedade, a base das sublimações, pela descoberta da “ausência” do “pênis”. É uma fase de intensos idílios e jogos sexuais (Nunes & Silva, 2006, p. 86).

A descoberta das diferenças anatômicas dos genitais masculino e feminino é um grande marco na sexualidade da criança. Freud explica que elas imaginam que todas as pessoas que conhecem tem o genital igual ao seu, ao observar às diferenças as crianças podem apresentar o que ele identificou como *Complexo da castração e Inveja do Pênis*,

A suposição de que há o mesmo genital em todas as pessoas é a primeira das teorias sexuais infantis singulares e prenes de consequências. Pouco adianta, para a criança, que a ciência biológica tenha de dar razão a seu pré-conceito, reconhecendo o clitóris feminino como um genuíno substituto do pênis. A menina não se utiliza de tais rejeições quando enxerga o genital diferente do menino. Ela se dispõe imediatamente a reconhecê-lo e é vencida pela inveja do pênis, que culmina no desejo, importante em suas consequências, de ser também um garoto (Freud, 2016, pp. 104-105).

Tais atitudes podem ocorrer em diversos locais, inclusive observados em instituições de ensino que atendem crianças nessa faixa etária. Proibir, reprimir, condenar ou ameaçar castrá-la, são condutas que podem comprometer o desenvolvimento de todo processo psicosssexual da criança. A melhor forma de mediar esse momento de descoberta da criança, é tratar com naturalidade tais expressões e curiosidades, respondendo as perguntas de forma clara e acessível para que possam compreender a diferença “falando sempre a verdade e evitando exemplos de diminuição, castigo ou doença” (Nunes & Silva, 2006, p. 97).

No ambiente educativo é comum que as crianças “recebam pressões para se comportarem de acordo com os estereótipos sexuais considerados como próprios para meninas e meninos” (Schindhelm, 2011, p. 42). Por meio de “múltiplos e discretos mecanismos, escolarizam-se e distinguem-se os corpos e as mentes” revela Guacira Lopes Louro (1997, p. 62), utilizando símbolos e códigos, a escola vai moldando os corpos e os comportamentos das crianças reforçando o que cada um pode ou que não pode fazer, segregando-as desde pequenas.

Presenciamos concepções atribuídas às meninas traduzidas por posturas de ser boa aluna, educada, obediente, sentimental, frágil, aplicada e facilmente conduzida por regras e normas. Dos meninos são esperadas qualidades como ser ativo, viril, corajoso, líder, prático e ousado. Assim, a escola colabora no desenvolvimento de tipos de identidades consideradas como as mais adequadas para meninos e meninas (Schindhelm, 2011, p. 42).

A construção das identidades ocorre por meio de repetição contínua do que a sociedade aceita e espera do menino e da menina, é um processo permanente e silencioso. As crianças aos poucos vão compreendendo os papéis sociais que cada gênero representa. No ambiente escolar deve-se “evitar atividades que estimulem o preconceito de gênero e sexualidade, ou a competição entre os sexos”, para que as crianças cresçam compreendendo as diferenças existentes, mas com uma ideia “saudável e imparcial dos papéis sexuais, de modo à sempre fortalecer os direitos iguais” (Lara et al., 2021b, p. 32).

E muito importante deixar as crianças livres para escolherem seus brinquedos, “não é adequado separar brinquedos de meninos e meninas. Meninas podem querer pegar um carrinho para simbolizar o meio de transporte da mãe, por exemplo, e os meninos podem querer brincar com bonecas simbolizando os cuidados da família” explica Carolina Ornellas (2021, p. 83). Oferecer oportunidades iguais para as crianças desde bem pequenas no ambiente escolar deveria ser uma prática comum em todas as instituições.

Seguindo as etapas do desenvolvimento da criança, em algum momento surgirá questões referentes à origem da vida como exemplo podemos citar as perguntas: “de onde vim? como nascem dos bebês? indagações espontâneas sobre a sexualidade dos pais ou mesmo dos professores” (Nunes & Silva, 2006, p. 97). Em sua grande maioria, familiares e profissionais da educação não sabem lidar com essas situações, e foi a partir dessa premissa que Débora Dalbosco Dell’Aglío e Aida Cassia Leal Garcia (1997) registraram um trabalho de Educação Sexual em uma creche.

O trabalho foi desenvolvido na Creche Francesca Zacaro Faraco, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com crianças de cinco e seis anos de idade e suas famílias. O projeto sempre se iniciava com o registro das ideias espontâneas das crianças, sobre suas dúvidas e curiosidades referentes à sexualidade, segue o registro das ideias apresentadas pelas crianças sobre a origem da vida.

(. . .) ‘o bebê sobe pela barriga da mãe, pelos canos que ela tem dentro’; ‘a mãe vai para o hospital e o papai do céu vem e dá o nenê’; ‘eu não vi mas acho que a maninha entrou sozinha na barriga da mãe’; ‘ele é bem pequenininho, entra pela boca e vai para a barriga dentro do sangue’; ‘o bebê faz um furo para entrar na barriga da mãe e para sair também. O médico costura o furo’; ‘ele vem na comida que a mãe come. Ela cuida para não morder’; ‘cortam a barriga da mãe e colocam o bebê lá dentro’; ‘os pais se casam e o nenê já está na barriga’; ‘o bebê vem do céu’. (Dell’Aglia & Garcia, 1997, pp. 105-106).

As crianças exercem curiosidade sobre tudo, inclusive sobre a sexualidade. Nunes e Silva (2006) esclarecem que não devemos mentir para as crianças quando o assunto e sexualidade, e preciso falar a verdade com naturalidade, utilizando palavras simples para que possam compreender, “buscando formas humanizadas e carregadas de sentido para apresentar a sexualidade e suas características” (p. 98). Os autores ainda reforçam que este ato desenvolve um elo de confiança, que deve ser cultivado pela família e articulado com a escola, por meio de palavras, mas especialmente por meio de atitudes.

A experiência da creche do Rio Grande do Sul, nos mostra que após a sondagem inicial sobre as teorias das crianças sobre a origem da vida, as professoras utilizaram material pedagógico próprio para a faixa etária (livros infantis sobre o nascimento dos bebês, atlas do corpo humano, bonequinhos de pano com sexo, a boneca grávida, procurando assim proporcionar a criança material lúdico que pudesse ser manuseado por elas) e ao final do projeto pôde perceber que as ideias sobre a origem da vida foram compreendidas pelas crianças, segue algumas verbalizações,

(. . .) ‘para fazer o nenê precisa da coisa do papai que se junta com a coisa da mamãe’; ‘o espermatozoide vai nadando igual a um peixinho para o óvulo’. ‘Ele entra no óvulo e começa a nascer o nenê, começa pequeno e vai crescendo’; ‘quando a mamãe dorme, o bebê também dorme e ele se alimenta do cordão umbilical porque ainda não pode tomar Nescau’; ‘ele come tudo que a mãe come pelo cordão umbilical’; ‘lá é escurinho e tem água quente que não deixa o bebê se bater’; ‘a mamãe grávida não pode fumar, nem beber vinho, nem cachaça Velho Barreiro. Tem que tomar suco e comer bastante fruta’; ‘perto da hora de nascer o nenê vira de cabeça para baixo e sai pela xerereca. Às vezes tem que cortar a barriga’; ‘o médico corta o cordão umbilical porque o bebê já pode se alimentar

pela boca, pode mamar o leite da mamãe’, entre outras (Dell’Aglío & Garcia, 1997, pp. 105-106).

Em cada fala das crianças, nota-se uma nova concepção sobre a origem da vida, dessa forma verificou-se que há possibilidades de oferecer Educação Sexual na Educação Infantil, as autoras observaram que ao tratar das questões sexuais na escola, diminuiu a ansiedade das crianças que colaborou para que elas pudessem participar de forma mais tranquila das atividades propostas. “Considerando ainda, que a informação é uma forma de proteger a criança e lhe dar segurança, colaborando para que ela passe pelas diferentes fases evolutivas de forma sadia” (Dell’Aglío & Garcia, 1997, p. 108).

Baseado nos estudos de Freud elencou-se o desenvolvimento da sexualidade natural da criança desde o momento do nascimento até por volta dos seis anos de idade, que é o período em que ela frequenta a Educação Infantil, a seguir apresenta-se os conteúdos que podem ser trabalhados a partir da Educação Sexual, entre eles, prevenção a violência sexual.

### **3.3 Educação Sexual como possibilidade ao enfrentamento da violência sexual contra a criança**

A Educação Sexual engloba conteúdos diversos a serem abordados em sala de aula, faço aqui uma analogia com uma árvore que possui vários galhos, assim também a Educação Sexual se ramifica em vários temas, “todos são de igual importância, se reforçam mutuamente e devem ser ensinados concomitantemente” (Unesco, 2019, p. 36).

Um dos temas se refere à violência, presente na vida de muitas crianças, que por vezes frequentam os espaços escolares. Encontramos aqui uma possibilidade de enfrentar esse grave problema utilizando a Educação Sexual. Apresentamos então oito conceitos-chave elencados pela Unesco (2019), necessários para a formação do indivíduo, que afetam diretamente suas vidas, expresso por comportamentos, palavras escritas, faladas ou ilustradas nas paredes, papéis e portas dos estabelecimentos de ensino.

Tabela 3

*Conceitos chaves de Educação Sexual, necessários para a formação do indivíduo*

Conceito-chave	Tópicos:
----------------	----------

<b>1:</b> Relacionamentos	1.1 Famílias 1.2 Amizade, amor e relacionamentos amorosos 1.3 Tolerância, inclusão e respeito 1.4 Compromissos de longo prazo e parentalidade
<b>2:</b> Valores, direitos, cultura e sexualidade	2.1 Valores e sexualidade 2.2 Direitos humanos e sexualidade 2.3 Cultura, sociedade e sexualidade
<b>3:</b> Entender de gênero	3.1 Construção social de gênero e normas de gênero 3.2 Igualdade, estereótipos e preconceito de gênero 3.3 Violência baseada em gênero
<b>4:</b> Violência e garantia de segurança	4.1 Violência 4.2 Consentimento, privacidade e integridade corporal 4.3 Utilização segura das TIC
<b>5:</b> Habilidades para a saúde e o bem-estar	5.1 Normas de comportamento sexual e influência dos colegas 5.2 Tomada de decisões 5.3 Habilidades de comunicação, recusa e negociação 5.4 Alfabetização midiática e sexualidade 5.5 Encontrar ajuda e apoio
<b>6:</b> O corpo humano e seu desenvolvimento	6.1 Anatomia e fisiologia sexual e reprodutiva 6.2 Reprodução 6.3 Puberdade 6.4 Imagem corporal
<b>7:</b> Sexualidade e comportamento sexual	7.1 Sexo, sexualidade e ciclo de vida sexual 7.2 Comportamento sexual e resposta sexual
<b>8:</b> Saúde sexual e reprodutiva	8.1 Gravidez e prevenção da gravidez 8.2 Estigma, atenção, tratamento e apoio em HIV e aids 8.3 Entender, reconhecer e reduzir o risco de IST, incluindo o HIV

*Nota.* Fonte: Unesco (2019, p. 38).

Dentre todos os conteúdos de Educação Sexual apresentados na tabela 3, este trabalho pretende abordar o conceito-chave 4: Violência e garantia de segurança, explorando os tópicos violência, consentimento, privacidade e integridade corporal, compreendendo que contexto educativo é o principal agente de informação para as crianças, “para muitas, é o

único espaço público que frequentam o que lhe confere um status privilegiado para ampliação do pacto social” em torno da prevenção a violência sexual na infância. Desempenha uma função significativa, embora não seja exclusiva, na formação de novas gerações e no processo de socialização (Santos & Ippólito, 2011, p. 42).

Conceitualmente, o ambiente educativo não é uma instituição meramente transmissora de conhecimentos, mas um espaço em que se trabalham os saberes, os afetos, os valores, as normas, os modelos culturais e os direitos. É também neste espaço que se constroem modelos de sociedade. Entendê-la sob essa perspectiva significa reconhecer que muitos de seus problemas se originam além de seu espaço pedagógico, e que, portanto, só podem ser enfrentados se houver uma articulação com outras instâncias sociais (Santos & Ippólito, 2011, p. 43).

Assim, a Educação Infantil pode e deve colocar em prática o ECA (lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990) no que se refere à garantia de proteção integral à criança, “é dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor” (p. 22). A mesma lei assegura em seu “Art. 5º nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punidas na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais” (p. 16).

Leão e Muzzeti (2018) reforçam que a prevenção primária (engloba várias ações, por parte da comunidade educativa, com o objetivo de eliminar, ou pelo menos reduzir, os fatores sociais, culturais e ambientais que favorecem os maus-tratos), é um caminho para diminuir o número de crianças violentadas sexualmente, deixando claro para as crianças, quais toques são considerados suspeitos, ensiná-los a dizer não, emponderando-as de conhecimento.

Se a sexualidade não for debatida em outros espaços que a criança frequenta, seguiremos perpetuando um ambiente favorável para que a violência sexual continue ocorrendo dentro dos lares. Há inúmeros casos de violência sexual intrafamiliar que são denunciados e outros tantos que permanecem em segredo, o contexto educativo é um espaço possível para trabalhar essa temática e as famílias que realmente se preocupam com o desenvolvimento integral de suas crianças não deveriam se opor.

Por vezes a criança fica exposta a violência sexual tanto no mundo virtual, quanto no mundo real, possivelmente vindo a manifestar comportamentos sexuais no ambiente educativo de acordo com suas experiências, que podem ser fruto de curiosidade e

desenvolvimento sexual natural ou por uso perverso da sexualidade da criança por um adulto que mantém relações de poder sobre ela, que usa o corpo infantil, a incapacidade de dar consentimento para satisfazer-se sexualmente. Assim, na busca por elaborar o ocorrido, a criança pode vir a manifestar comportamentos no ambiente educativo, sinalizando a violência sexual sofrida em outros espaços explica Andrea Cristina Martelli (2013).

É necessário orientar a criança sobre a existência de violência e exploração sexual que ocorre na infância, bem como ensiná-la a se autoprotger e pedir ajuda. Desse modo, o contexto educativo é um espaço privilegiado para desenvolver atividades pedagógicas sobre sexualidade e prevenção a violência sexual contra a criança, pois compreendemos que elas precisam conhecer o próprio corpo para desenvolver uma sexualidade saudável, o pensamento crítico, participar da vida social de forma ativa, com responsabilidade e consciência, também precisa ser protegido desse crime (Leão & Muzzeti, 2018).

Como estratégia de enfrentamento a violência sexual contra crianças, no ano 2000 foi aprovada o Plano Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual Infanto Juvenil, pelo Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda), e tornou-se uma referência, ofertando uma síntese metodológica para a estruturação de políticas, programas e serviços para o enfrentamento à violência sexual. O plano aborda seis eixos estratégicos, entre eles destacamos o eixo de prevenção que “assegura ações preventivas contra o abuso e/ou exploração sexual de crianças e adolescentes, fundamentalmente pela educação, por meio da sensibilização e autodefesa” revela Graça Gadelha (2013, p. 27). Mas, será que os professores estão preparados para atuarem como agentes de prevenção à violência sexual na infância?

O contexto educativo é apontado como ambiente favorável para promover ações de enfrentamento à violência sexual contra a criança, por meio de duas formas, como vislumbra Santos e Ippólito (2011), a primeira seria por meio da prática pedagógica e a segunda seria a integração da escola e a rede de proteção de crianças e adolescentes, essa articulação contribuiria para acelerar o trabalho das equipes multiprofissionais que são acionadas diante de uma denúncia de violência sexual. Ainda há muitos desafios a serem vencidos, um deles refere-se à formação dos profissionais que atuam diretamente com as crianças.

Os professores encontram-se despreparados para lidar com temas relacionados à sexualidade humana, como apontam os estudos de Brino e Williams (2003) e Spaziani (2017). As instituições de ensino dificilmente abordam essa temática, pois não receberam formação para tal, silenciando a criança “pois com esta atitude, está transmitindo a ideia de

que a sexualidade é um assunto ‘intocável’, sigiloso com isso perpetuando estigmas, receios e desinformação” (Leão et al., 2010, p. 48).

Um estudo realizado por Spaziani e Maia (2015) analisou a opinião de dezesseis professoras da educação infantil acerca da Educação Sexual na infância e sobre prevenção a violência sexual, e constatou que apenas uma professora fez relação entre os temas. Muitos profissionais tem receio em orientar a criança, visto que “para muitas professoras, o simples diálogo sobre o tema aguçaria a curiosidade ou a levaria a antecipar a sua vida sexual” (p. 62), constatou-se neste trabalho que as professoras agem em sua maioria de acordo com seus valores pessoais e por meio do bom senso, assim as autoras reforçam a necessidade de formação para os educadores, para que estes possam contribuir com o enfrentamento da violência sexual contra a criança por meio da Educação Sexual.

Brino e Wiliams (2003) também identificaram uma lacuna na formação de professoras da educação infantil em sua pesquisa com vinte educadoras de escolas municipais de educação infantil de médio porte, na busca por compreender as informações que as mesmas possuíam sobre violência sexual. Os resultados indicaram “que a maioria das educadoras possuía informações insuficientes acerca do tema e afirmavam adotar procedimentos inadequados diante dos casos de crianças que sofreram abusos sexuais” (p. 113).

De uma maneira geral os cursos de pedagogia, com raras exceções não oferecem oportunidades de formação em Educação Sexual aos acadêmicos. Assim, os profissionais que lidam diretamente com a criança utilizam o conhecimento empírico para lidar com expressões que acontecem no ambiente educativo (Leão et al., 2010).

Diante do exposto, é necessário destacar que o professor desempenha um papel significativo na vida de muitas crianças, por vezes é a pessoa que partilha mais tempo em sua companhia, sendo possível identificar mudanças comportamentais. Dessa forma, se tiverem uma formação de qualidade sobre violência sexual, poderão atuar na identificação de possíveis vítimas, oferecendo um espaço seguro para revelação das circunstâncias em que ocorreram os fatos, realizar a denúncia e contribuir de maneira eficiente para que ocorra a quebra do ciclo da violência contra a criança (Sanderson, 2005).

Porém, muitos educadores desconhecem os direitos de sua clientela, ou são igualmente violadores destes direitos, quando, apesar de conhecê-los, omitem-se frente a suspeitas ou confirmações de violência sexual, não realizando a denúncia (Inoue & Ristum, 2008). Entre os motivos que levam o professor a silenciar está o medo de sofrer algum tipo de consequência por parte da família da vítima ou do agressor sexual, ou mesmo professores que

não querem se envolver com questões complexas relacionadas à justiça “muitos não acreditam que a notificação pode garantir a proteção da criança” (Spaziani, 2013, p. 51).

A prevenção primária envolve ações voltadas para os estudantes e para a comunidade escolar, com intuito de reduzir ou eliminar os fatores que favorecem a violência sexual contra a criança por meio de atividades informativas (Santos & Ippólito, 2011), assim, a Educação Sexual na infância em contexto educativo tem por objetivo esclarecer as dúvidas que surgem sobre sexualidade humana, orientar as crianças diante das expressões sexuais que podem surgir na rotina diária, como autoerotismo, brincadeiras, diálogos entre seus pares, ensiná-las a,

(. . .) discernir um ato de violência, assim como a se autoproteger, garantindo o seu direito de dizer “não” às investidas sexuais do/a perpetrador/a, bem como revelando o segredo solicitado a alguém de sua confiança. Isso pode ser feito por meio da leitura de livros infantis sobre a prevenção da violência sexual ou, até mesmo, por meio da apresentação de filmes, teatros ou dramatizações sobre o tema. Tais habilidades de autoproteção não delegam à criança a responsabilidade por não ser vítima de violência – essa responsabilidade é sempre do adulto – mas garantem o direito infantil à informação (Spaziani & Maia, 2015, p. 62).

Mendes, Moura e Aragão (2020) colocaram em prática um projeto de extensão de combate ao abuso e exploração sexual de crianças no Centro de Educação Infantil pública de Sobral – CE, denominado *Uninta faz bonito* e descreveram que inicialmente as escolas estranharam, mas ao conhecer os materiais que seriam utilizados e a dinâmica do trabalho, compreenderam que correspondia ao nível de desenvolvimento das crianças e o trabalho foi desenvolvido com sucesso.

Grande parte das pessoas que lidam com crianças demonstram estranhamento ou apresentam dificuldades para lidar com questões que envolvem a sexualidade infantil, sobretudo no que se refere à violência sexual devido a tantos tabus, preconceitos e repressão que cercam a temática.

É preciso compreender o desenvolvimento da sexualidade infantil para agir de forma natural ao se deparar com expressões sexuais próprias da infância, como toques nos genitais, ereção, perguntas e questionamentos que surgem ao longo do desenvolvimento da infância e até mesmo manifestações que podem indicar que a criança é vítima de violência sexual, embora situações assim possam gerar momentos de desconforto para muitos educadores. Para

as crianças, tudo é muito natural, a dificuldade está presente no adulto explica Solange Aparecida de Souza Monteiro e Letícia Jovelina Storto (2019).

Assim, compreende-se que ao receber formação para lidar com sexualidade infantil e prevenção à violência sexual, o profissional terá condições de contribuir de forma significativa para o enfrentamento da violência sexual e com o “desenvolvimento psicossocial de seus estudantes, além de representar também um processo de formação para a cidadania” (Leão, Ribeiro, & Bedin, 2010, p. 36).

A Educação Sexual é uma área de conhecimento que possibilita ensinar as crianças a se auto protegerem da violência sexual por meio de atividades planejadas de acordo com a faixa etária, assegurando que o currículo seja cumprido por meio de alguns objetivos de aprendizagem descritos nos quatro campos de experiência da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Ministério da Educação, 2018) ainda que o documento não cite as palavras sexualidade, Educação Sexual e prevenção a violência sexual na infância, existe possibilidade de trabalhar a temática com crianças de meses a cinco anos.

Desse modo, apresenta-se ao final deste trabalho, sugestões de sequencias didáticas para cada faixa etária, por meio da Educação Sexual, elencando atividades de prevenção à violência sexual na infância a serem aplicadas com crianças de meses a cinco anos de idade em contexto educativo, contemplando alguns objetivos de aprendizagens descritos nos quatro campos de experiências envolvidos no planejamento. Deve-se ressaltar que por meio de uma única atividade é possível alcançar vários objetivos de aprendizagens e mais de um campo de experiência

#### **4 EDUCAÇÃO INFANTIL E SEXUALIDADE: POSSÍVEIS ARTICULAÇÕES COM A BNCC**

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento que se aplica exclusivamente à educação básica, de caráter normativo, reúne um conjunto de aprendizagens essenciais “que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE)” (Ministério da Educação, 2018, p. 7).

Ricardo Desidério (2020) nos explica que a construção desse documento ocorreu a partir de 2015, quando o “MEC (Ministério da Educação e Cultura) institui (Portaria n. 592), junto com o Consed (Conselho Nacional de Secretários de Educação) e a Undime (União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação) formou um grupo de redação, que seria responsável pela elaboração da BNCC” (p. 100). O documento passou por consultas públicas, até chegar a sua última versão que veio a público em 2018.

O documento foi alvo de intensos debates e após sua homologação recebeu muitas críticas sobre o processo de construção do texto e a retirada dos termos “gênero” e “orientação sexual” da versão final. Tal fato fomenta o controle da prática educacional e a crescente de movimentos antidemocráticos como a Escola Sem Partido, que defende uma educação sem “doutrinação marxista” e sem “ideologia de gênero” (Tomazini, 2020, pp. 39-40).

Contudo, vale ressaltar que, mesmo que o documento claramente não se comprometa com a Educação Sexual, deve-se buscar possibilidades de trabalhar o tema com as crianças em contexto educacional, por ser a base do currículo no país. A Educação Sexual é também um direito da criança. Afinal, é importante lembrar que a educação como direito a crianças de zero a cinco anos só foi possível devido a lutas de movimentos feministas e outros movimentos sociais. As crianças passaram por diversos tipos de atendimentos ao longo da história, as primeiras iniciativas de cuidado de crianças se deram no final do século XIX nos moldes higienistas. Aos poucos surgiram as creches de caráter assistencialista (criados para atender as crianças pobres) e os jardins de infância com uma vertente educativa (voltados para atender crianças de classes sociais abastadas) explicam Larissa Wayhs Trein Montiel e Magda Sarat (2020).

Nas instituições com um caráter mais assistencialistas elas estiveram pautadas na subordinação das crianças e das suas famílias, objetivando subordiná-las a um discurso de aceitação de sua condição social, impedindo-as de reivindicar seus direitos como cidadãos, a instituição se mostra como se o atendimento não fosse um direito do cidadão, mas sim um favor que o Estado estaria fazendo, esse é o aspecto perverso de uma proposta que subordina as classes já subalternizadas. Nas instituições cujas propostas são os jardins de infância ou escolas maternas, a proposta pedagógica levaria a emancipação por estarem pautadas no desenvolvimento cognitivo buscando ampliar as potencialidades da criança, seus saberes e oportunidades, estas por pertencerem a uma classe mais abastada, tem suas oportunidades aumentadas e a perspectiva de uma pedagogia mais libertadora é maior. Deste modo, o que estaria em debate seria os objetivos das propostas que sendo diferenciados imprimem concepções distintas nas formas de atendimento e subalternizam ou emancipam as crianças, as famílias e os grupos sociais (Montiel & Sarat, 2020, p. 131).

Foi só a partir da Constituição de 1988 que a criança passou a ser entendida como cidadão de direito, e o atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a cinco anos, tornou-se um dever do Estado. Porém, a Educação infantil só passa a ser parte integrante da Educação básica a partir da promulgação da LDB em 1996, dada à mesma importância que o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. Foi no ano de 2006 que a Educação Infantil passa a atender a faixa etária de zero a cinco anos de idade (Ministério da Educação, 2018).

Outro marco para o país foi o ECA (lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990) que dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente e garante o acesso à escola pública e gratuita próximo a sua residência, além do “direito à educação visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho”, como consta no seu artigo 53.

A proposta da BNCC é promover a igualdade educacional (sobre a qual as singularidades devem ser consideradas e atendidas) por meio de aprendizagens essenciais que todas as crianças devem desenvolver tanto nas redes públicas, como nas redes particulares. E assim, os seus currículos devem assegurar seis direitos de aprendizagens e desenvolvimento para que as crianças tenham condições de aprender a se desenvolver, sendo eles: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se (Ministério da Educação, 2018).

Ao longo da Educação Básica, as aprendizagens essenciais devem assegurar aos estudantes dez competências gerais, “orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva” (Ministério da Educação, 2018, p. 7).

Embora o documento firma seu compromisso com a Educação Integral, a palavra sexualidade não aparece em nenhum parágrafo ao longo da descrição do documento, e também está ausente na base comum curricular da etapa da Educação Infantil. Thiago Luiz Sartori (2022, p. 8) nos explica que Educação Sexual foi retirada da BNCC devido “a onda conservadora que vem tomando conta do debate público brasileiro nos últimos anos, colocando o falar de sexualidade em uma posição de polêmica”.

Diversas pesquisas apresentam a sexualidade como parte importante no desenvolvimento humano, como já foi evidenciado nesse trabalho por meio dos escritos de Freud e outros pesquisadores. De que forma um documento se compromete com a construção intencional de processos educativos que promovem aprendizagens sintonizadas com as necessidades e os interesses dos estudantes, se o tema não aparece de forma clara? Mesmo não contemplando diretamente a sexualidade o documento esclarece que,

*(. . .) cabe aos sistemas e redes de ensino, assim como às escolas, em suas respectivas esferas de autonomia e competência, incorporar aos currículos e às propostas pedagógicas a abordagem de temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala local, regional e global, preferencialmente de forma transversal e integradora. Entre esses temas, destacam-se: direitos da criança e do adolescente (Lei n. 8.069/1990) (Ministério da Educação, 2018, p. 19, itálicos nossos).*

O Fórum brasileiro de Segurança pública revelou no ano de 2022 que mais de 10% de todas as denúncias de estupro compreendiam a faixa etária de zero a cinco anos, e mais de 60% correspondem a crianças e adolescentes. Será que sexualidade da criança e violência sexual na infância são temas que afetam a vida humana em escala local, regional e global?

Diante dos dados apresentados acredita-se que há inúmeras vítimas de violência sexual frequentando a Educação Infantil, mas a BNCC não se compromete oficialmente com a temática, direcionando a decisão para as escolas, oferecendo autonomia para incorporar no currículo temas como o direito da criança e do adolescente.

Tais direitos podem ser descritos por meio de artigos do E.C.A. (Lei n. 8.069/1990), um exemplo, o artigo 5º, diz que “nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais”. Se a violação dos direitos ocorre em sua maioria em meio intrafamiliar, não seria o contexto educativo uma possibilidade de proteção ao direito da criança?

Interessante seria se os espaços educativos relacionassem Educação Sexual com os direitos da criança, uma vez que esse processo de ensino e aprendizagem contribui para o enfrentamento a violência sexual. Afinal, é direito da criança ter seu corpo protegido de qualquer forma de exploração e violência, a partir de programas de prevenção à violência sexual na infância por meio de Educação Sexual. Afinal todos profissionais se deparam cotidianamente com inúmeras expressões de sexualidade das crianças em contexto educativo, que por vezes pode ser fruto de violência sexual.

Como primeira etapa da Educação Básica, a Educação Infantil é o início e o fundamento do processo educacional. A entrada na creche ou na pré-escola significa, na maioria das vezes, a primeira separação das crianças dos seus vínculos afetivos familiares para se incorporarem a uma situação de socialização estruturada (Ministério da Educação, 2018, p. 36).

Há crianças vítimas de violência sexual com dias de vida, de acordo com os dados fornecidos pela Secretaria de Segurança Pública (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2022), dessa forma, as instituições de ensino podem contribuir com o enfrentamento desse grave problema social, já que no Brasil, crianças a partir de quatro anos completos precisam obrigatoriamente frequentar o ambiente escolar, de acordo com o Art. 208 da Emenda Constitucional n. 59, de 11 de novembro de 2009 (Emenda Constitucional n. 59, de 11 de novembro de 2009), além de que é dever do Estado assegurar a criança atendimento em creche e pré-escola às crianças de meses a cinco anos de idade, segundo a lei n. 13.306 de 04 de julho de 2006 que fixa em cinco anos a idade máxima para o atendimento na educação infantil.

De acordo com o censo da educação básica no ano de 2020 haviam 6.500.878 crianças matriculadas na educação infantil na rede pública, sendo 2.443.303 em creches e 4.057.575 em pré-escola, e nas redes particulares 2.328.917 crianças matriculadas, sendo 1.208.686 em creches e 1.120.231 na pré-escola (Brasil, 2021). Observando esse cenário

entende-se que o contexto educativo é um ambiente fértil para desenvolver ações de prevenção à violência sexual na infância por meio da Educação Sexual com crianças de meses a cinco anos de idade, que correspondem a cerca de 15% das vítimas de estupro de vulnerável, de acordo com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública de 2022.

Considerando que a violência sexual na infância é perpetrada em sua maioria por pessoas que fazem parte do convívio da criança, sendo muitas vezes o agressor parte integrante da família, é na escola que a criança pode encontrar uma possibilidade de quebrar o ciclo da violência sofrida, por meio de profissionais atentos e práticas pedagógicas que ensinam a criança desde bem pequenas que tipos de toques são permitidos em seu corpo.

A concepção norteadora da BNCC na Educação Infantil é o cuidar e o educar, “entendendo o cuidado como algo indissociável do processo educativo” (Ministério da Educação, 2018, p. 36). Dessa forma,

(. . .) as creches e pré-escolas, ao acolher as vivências e os conhecimentos construídos pelas crianças no ambiente da família e no contexto de sua comunidade, e articulá-los em suas propostas pedagógicas, têm o objetivo de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação familiar – especialmente quando se trata da educação dos bebês e das crianças bem pequenas, que envolve aprendizagens muito próximas aos dois contextos (familiar e escolar), como a socialização, a autonomia e a comunicação (Ministério da Educação, 2018, p. 36).

Educação Infantil é o início e o fundamento do processo educacional, tem como concepção cuidar e educar, visando acolher o conhecimento que a criança traz do ambiente familiar e articulá-lo com propostas pedagógicas, para ampliar suas habilidades, experiências e conhecimentos de forma a complementar a educação familiar. É essencial que haja a prática do diálogo e o compartilhamento de responsabilidades entre a instituição de Educação Infantil e a família (Ministério da Educação, 2018).

A definição de criança apresentada na BNCC refere-se à um “sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura” (Ministério da Educação, 2018, p. 37). Essas crianças vivem diferentes infâncias,

mas têm a oportunidade de participar das mesmas atividades no contexto escolar, planejadas a partir de uma estrutura pré-estabelecida.

O eixo estruturante das práticas pedagógicas para as crianças são as interações e brincadeiras com seus pares e com os adultos o que possibilitam aprendizagens, desenvolvimento e socialização, indicando a necessidade de intencionalidade educativa em cada prática pedagógica a fim de garantir os direitos de aprendizagens contemplados na BNCC, para que as crianças tenham condições de desenvolver-se integralmente.

A BNCC é estruturada em cinco campos de experiências, no âmbito dos quais são definidos os objetivos de aprendizagens e desenvolvimento em cada faixa etária, para que os conhecimentos culturais e científicos se entrelacem com as experiências que as crianças trazem dos ambientes extraescolares, são eles:

*O eu, o outro e o nós* – que busca promover a interação das crianças com os pares e com adultos, dessa forma “vão constituindo um modo próprio de agir, sentir e pensar e vão descobrindo que existem outros modos de vida, pessoas diferentes, com outros pontos de vista” (Ministério da Educação, 2018, p. 40).

Conforme vivem suas primeiras experiências sociais (na família, na instituição escolar, na coletividade), constroem percepções e questionamentos sobre si e sobre os outros, diferenciando-se e, simultaneamente, identificando-se como seres individuais e sociais. Ao mesmo tempo em que participam de relações sociais e de *cuidados pessoais*, as crianças constroem sua autonomia e *senso de autocuidado*, de reciprocidade e de interdependência com o meio. Por sua vez, na Educação Infantil, é preciso criar oportunidades para que as crianças entrem em contato com outros grupos sociais e culturais, outros modos de vida, diferentes atitudes, técnicas e rituais de cuidados pessoais e do grupo, costumes, celebrações e narrativas. Nessas experiências, elas podem ampliar o modo de perceber a si mesmas e ao outro, valorizar sua identidade, respeitar os outros e reconhecer as diferenças que nos constituem como seres (Ministério da Educação, 2018, p. 40, itálicos nossos).

Por senso de autocuidado entende-se o aprendizado que as crianças devem adquirir a respeito de si mesmas, gradativamente vão identificando emoções, sentimentos, reconhecendo suas fragilidades, seus pontos fortes, compreendendo formas de manterem-se seguras, tranquilas e otimistas em situações emocionalmente intensas, nas interações sociais que participa explica Rosi Rico (2023).

A culpa, o medo e a vergonha são sentimentos comuns entre as vítimas de violência sexual na infância como aponta Safiotti, (1989a), um olhar atento de um profissional capacitado em ambiente educativo poderá auxiliar uma criança que passa por uma situação assim, a quebrar o ciclo de violência vivenciado em ambiente familiar, por meio de atividades do Campo de experiência “O eu, o outro e o nós”.

Por cuidados pessoais, compreende-se a criança reconhecer e cuidar do seu corpo, expressar suas sensações em momentos de alimentação, higiene, brincadeira, descanso, demonstrando valorização das características de seu corpo e respeitando as características dos outros (crianças e adultos) com os quais convive (Ministério da Educação, 2018).

No contexto educativo as crianças que usam fraldas são higienizadas pelos professores e auxiliares diversas vezes ao longo do dia, estão em constante processo de aprendizagem sobre respeito corporal. Com o passar dos anos vão ganhando autonomia passam pelo processo de desfralde e necessitam de compreender cuidados básicos de higiene e proteção, que podem ocorrer de forma lúdica e intencional visando também a prevenção a violência sexual.

A partir deste campo de experiência, é possível planejar ações intencionais de prevenção à violência sexual na infância por meio da Educação Sexual ao desenvolver atividades que envolvem cuidados pessoais como a higiene, oportunizando as crianças a nomearem corretamente todas as partes do corpo, desenvolverem desde bem pequenas o senso de autocuidado.

É possível que a criança compreenda sobre limite corporal em seu corpo e no corpo do outro, como exemplo identificar quais partes podem receber carinho, quais partes só podem ser tocadas por adultos de confiança para medicar ou higienizar, explicar a diferença entre ações que podem ser realizadas em público e quais só podem ser realizadas em contexto privado, realizar rodas de conversa sobre emoções e sentimentos relacionados a toques e carinhos no corpo da criança.

O campo de experiência *Corpo, gestos e movimentos* – destaca a centralidade das práticas pedagógicas no corpo da criança, por meio da exploração dos espaços e objetos a sua volta, aos poucos vão estabelecendo relações por meio de brincadeiras, utilizando seus sentidos, utilizando “diferentes linguagens, como a música, a dança, o teatro, as brincadeiras de faz de conta, elas se comunicam e se expressam no entrelaçamento entre corpo, emoção e linguagem” (Ministério da Educação, 2018, p. 40).

*As crianças conhecem e reconhecem as sensações e funções de seu corpo e, com seus gestos e movimentos, identificam suas potencialidades e seus limites, desenvolvendo, ao mesmo tempo, a consciência sobre o que é seguro e o que pode ser um risco à sua integridade física.* Na Educação Infantil, o corpo das crianças ganha centralidade, pois ele é o partícipe privilegiado das práticas pedagógicas de cuidado físico, orientadas para a emancipação e a liberdade, e não para a submissão. Assim, a instituição escolar precisa promover oportunidades ricas para que as crianças possam, sempre animadas pelo espírito lúdico e na interação com seus pares, explorar e vivenciar um amplo repertório de movimentos, gestos, olhares, sons e mímicas com o corpo, para descobrir variados modos de ocupação e uso do espaço com o corpo (Ministério da Educação, 2018, pp. 40-41, *itálicos nosso*).

Esse campo de experiência oportuniza o planejamento de atividades que sinalizam riscos a integridade física da criança, é importante garantir que ela tenha conhecimento para sinalizar e pedir ajuda caso passe por situações de violência sexual na infância no ambiente intrafamiliar, por meio de atividades lúdicas para abordar a temática de acordo com a faixa etária como teatros, músicas que possam conduzir a criança a reflexão e a identificação de situações de perigo, envolvendo-a no processo para que possa vivenciar a aprendizagem.

O campo de experiência *Traços, sons, cores e formas* objetiva ampliar o repertório artístico e cultural das crianças no cotidiano escolar, utilizando experiências diversificadas, para que possam desenvolver “senso ético, estético e crítico de si mesmas, dos outros e da realidade que as cerca” (Ministério da Educação, 2018, p. 42).

*(. . .) como as artes visuais (pintura, modelagem, colagem, fotografia etc.), a música, o teatro, a dança e o audiovisual, entre outras. Com base nessas experiências, elas se expressam por várias linguagens, criando suas próprias produções artísticas ou culturais, exercitando a autoria (coletiva e individual) com sons, traços, gestos, danças, mímicas, encenações, canções, desenhos, modelagens, manipulação de diversos materiais e de recursos tecnológicos. Essas experiências contribuem para que, desde muito pequenas, as crianças desenvolvam senso estético e crítico, o conhecimento de si mesmas, dos outros e da realidade que as cerca. Portanto, a Educação Infantil precisa promover a participação das crianças em tempos e espaços para a produção, manifestação e apreciação artística, de modo*

a favorecer o desenvolvimento da sensibilidade, da criatividade e da expressão pessoal das crianças, permitindo que se apropriem e reconfigurem, permanentemente, a cultura e potencializem suas singularidades, ao ampliar repertórios e interpretar suas experiências e vivências artísticas (Ministério da Educação, 2018, p. 42, *itálicos nossos*).

Várias atividades artísticas podem surgir a partir da temática de prevenção a violência sexual na infância, a partir de músicas e encenações, como colagens, pinturas, modelagens, fotografias, possibilitando exposição interna na sala, no pátio para apreciação ou poderá fazer parte de um projeto envolvendo familiares e responsáveis, conscientizando a todos sobre a importância de tal aprendizado.

O campo de experiência *Escuta, fala, pensamento e imaginação* – oferece situações que estimulam a comunicação, a oralidade, a imaginação e a escrita, por meio do “contato com histórias, contos, fábulas, poemas, cordéis etc. propicia a familiaridade com livros, com diferentes gêneros literários, a diferenciação entre ilustrações e escrita, a aprendizagem da direção da escrita e as formas corretas de manipulação de livros” (Ministério da Educação, 2018, p. 42).

Desde o nascimento, as crianças participam de situações comunicativas cotidianas com as pessoas com as quais interagem. As primeiras formas de interação do bebê são os movimentos do seu corpo, o olhar, a postura corporal, o sorriso, o choro e outros recursos vocais, que ganham sentido com a interpretação do outro. Progressivamente, as crianças vão ampliando e enriquecendo seu vocabulário e demais recursos de expressão e de compreensão, apropriando-se da língua materna – que se torna, pouco a pouco, seu veículo privilegiado de interação. Na Educação Infantil, é importante promover experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir, potencializando sua participação na cultura oral, pois é na escuta de histórias, na participação em conversas, nas descrições, nas narrativas elaboradas individualmente ou em grupo e nas implicações com as múltiplas linguagens que a criança se constitui ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social (Ministério da Educação, 2018, p. 42).

Dentro da literatura infantil, alguns autores se dedicaram em construir textos e ilustrações que possibilitam introduzir a temática de prevenção à violência sexual na infância

para crianças de acordo com a faixa etária, como o livro “Pipo e Fifi” e “Fifi e Pipo para bebês” da autora Caroline Arcari (2013), ensinando proteção contra a violência sexual de acordo com a faixa etária. Um é adaptado para bebês e o outro para crianças maiores de três anos, tendo como personagens principais dois monstros engraçados, apresentando conceitos sobre partes íntimas, consentimento e identificação de pessoas de confiança que convivem com a criança, que pode ser utilizado em contexto educativo.

O livro “Não me toca seu boboca” da autora Andrea Viviana Taubman (2020) é indicado para crianças acima de 4 anos de idade, ensinando proteção contra violência sexual na infância de forma lúdica, por meio de uma narrativa envolvendo animais. Ritoca é uma coelha e conta sua história envolvendo um tio bonzinho que conquistou sua confiança e dos amigos, até virar um pesadelo ao qual os personagens conseguem escapar, mas deixa uma mensagem clara, ensinando sobre toques suspeitos.

Já o livro “O segredo da Tartanina” das autoras Alessandra Rocha Santos Silva, Scheila Maria Prado Soma e Cristina Fukumori Watarai (2011), também é indicado para crianças acima de 4 anos, alertando sobre segredos, por meio de uma narrativa lúdica que ocorre no fundo do mar, a personagem principal é uma tartaruga marinha que era fotografada sem o casco, por um polvo conhecido, no desenrolar da história um amigo a ajuda a se livrar dessa situação. Por meio deste livro é possível conversar com as crianças sobre tipos de segredos e dos perigos existentes na vida real e na internet, orientá-los a não permitir serem fotografados sem roupas ou com peças íntimas e assim introduzir a discussão em contexto educativo.

Há outras obras literárias que introduzem a temática, promovendo situações comunicativas que permitem a criança que participa da contação de história, refletir, e talvez se identificar com os personagens, também é possível compreender tipos de toques considerados suspeitos e encontrar um adulto de confiança para auxiliá-la a quebrar o ciclo de violência, caso esteja inserida em um.

O campo de experiência *Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações* – tem como princípio desenvolver a percepção da criança com noções de espaço, tempo, quantidades, relações e transformações entre os fenômenos naturais e socioculturais,

As crianças vivem inseridas em espaços e tempos de diferentes dimensões, em um mundo constituído de fenômenos naturais e socioculturais. *Desde muito pequenas, elas procuram se situar em diversos espaços (rua, bairro, cidade etc.) e tempos (dia e noite; hoje, ontem e amanhã etc.). Demonstam também curiosidade sobre o*

*mundo físico (seu próprio corpo, os fenômenos atmosféricos, os animais, as plantas, as transformações da natureza, os diferentes tipos de materiais e as possibilidades de sua manipulação etc.) e o mundo sociocultural (as relações de parentesco e sociais entre as pessoas que conhece; como vivem e em que trabalham essas pessoas; quais suas tradições e seus costumes; a diversidade entre elas etc.). Além disso, nessas experiências e em muitas outras, as crianças também se deparam, frequentemente, com conhecimentos matemáticos (contagem, ordenação, relações entre quantidades, dimensões, medidas, comparação de pesos e de comprimentos, avaliação de distâncias, reconhecimento de formas geométricas, conhecimento e reconhecimento de numerais cardinais e ordinais etc.) que igualmente aguçam a curiosidade. Portanto, a Educação Infantil precisa promover experiências nas quais as crianças possam fazer observações, manipular objetos, *investigar e explorar seu entorno, levantar hipóteses e consultar fontes de informação para buscar respostas às suas curiosidades e indagações. Assim, a instituição escolar está criando oportunidades para que as crianças ampliem seus conhecimentos do mundo físico e sociocultural e possam utilizá-los em seu cotidiano* (Ministério da Educação, 2018, p. 42, itálicos nossos).*

A manipulação de materiais diversos como massinha de modelar, bonecos, figuras, possibilita reforçar os conhecimentos adquiridos sobre prevenção à violência sexual na infância, utilizando, contextualizando a prática e respondendo de forma verdadeira os questionamentos que as crianças trazem sobre sexualidade em contexto planejado e de forma intencional.

Gradativamente o campo de experiência *Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações* desenvolve habilidades nas crianças, relacionando conceitos básicos de tempo (agora, antes, durante, depois, ontem, hoje, amanhã), que podem contribuir em casos de revelação espontânea de violência sexual sofrida, situando a criança no tempo ocorrido.

A BNCC não se compromete com a temática de sexualidade, prevenção a violência sexual e Educação Sexual, mas deixa a cargo das escolas incorporar ao currículo e às propostas pedagógicas temas contemporâneos como os direitos da criança e do adolescente por meio da lei n. 8.069/1990 (ECA), compreende-se que dentro da legislação a criança tem direito a proteção de todo tipo de violência, incluindo a violência sexual e a Educação Sexual é uma possibilidade de enfrentamento, uma vez que o conhecimento gera proteção.

## 5 POSSIBILIDADES DE TRABALHO SOBRE A EDUCACAO SEXUAL NA EDUCACAO INFANTIL A PARTIR DA BNCC

### 5.1 Método

O método é a ordem que se deve impor aos diferentes processos necessários para atingir um fim dado ou um resultado desejado. Nas ciências, entende-se por método o conjunto de processos que o espírito humano deve empregar na investigação e demonstração da verdade. Neste trabalho utilizou-se o método dialético.

Dialético, pois o materialismo dialético pode, pois, ser entendido como um método de interpretação da realidade, que vê a produção científica como movimentos dialéticos entre o pesquisador e o objeto pesquisado em determinado contexto histórico-social (Cunha et al., 2014). A dialética, possibilita ainda “uma interpretação dinâmica e totalizante da realidade, já que estabelece que os fatos sociais não podem ser entendidos quando considerados isoladamente, abstraídos de suas influências políticas, econômicas, culturais, etc” (Gil, 2021, p. 14).

#### 5.1.1 Tipo de Pesquisa

Este trabalho caracteriza-se por uma pesquisa bibliográfica, qualitativa descritiva, tipo documental. A pesquisa bibliográfica é elaborada a partir de material que já foi publicado principalmente livros, artigos e periódicos e atualmente com materiais disponibilizados na internet, “não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras” explicam Marina de Andrade Marconi e Eva Maria Lakatos (2003, p. 183).

Qualitativa, pois atende a necessidade de aprofundamento nas percepções dos dados levantados. Para Maria Lúcia Martinelli (1999, p. 115) “(. . .) o desenho da pesquisa qualitativa deve nos dar uma visibilidade muito clara do objeto, objetivo e metodologia, de onde partimos e onde queremos chegar”. Descritiva, pois tem como objetivo descrever os objetivos de aprendizagens presentes nos cinco campos de experiências da BNCC etapa Educação Infantil, elucidando as possibilidades de intervenção em sala de referência para trabalhar a temática prevenção a violência sexual.

E documental, pois, analisa um documento, a BNCC, ainda que seja muito semelhante à pesquisa bibliográfica, a diferença está entre a natureza dos fatos: enquanto na pesquisa

bibliográfica se utiliza diversas informações de diversos autores sobre um determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa afirma Antônio Carlos Gil (2007).

### *5.1.2 Objeto de análise*

Os objetos de análises - documentos analisados nesta pesquisa são os objetivos de aprendizagens descritos nos cinco campos de experiências da etapa educação infantil na BNCC em cada faixa etária, que possibilitam oferecer prevenção a violência sexual na infância por meio da Educação Sexual para bebês, crianças bem pequenas e crianças pequenas.

### *5.1.3 Procedimento*

A seleção do objeto/documento se deu a partir de uma leitura inicial do documento BNCC etapa Educação Infantil disponível no site do Ministério da Educação e Cultura (MEC). Além da seleção do documento, a análise dos dados se deu a partir da necessidade de buscar possibilidades de trabalhar prevenção à violência sexual contra a criança, por meio dos objetivos de aprendizagens descritos na BNCC nos cinco campos de experiência para cada faixa etária, tomando-se o instrumental metodológico da Análise de Conteúdo, segundo a modalidade denominada Temática de Laurence Bardin (1977).

Que consiste em uma técnica de análise de dados popularizada por Bardin (1977), definida como um método empírico,

(. . .) um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (p. 37).

Para Fernanda Marsaro dos Santos (2012) “a função primordial da análise conteúdo é o desvendar crítico” (p. 383). Tem como objetivo ultrapassar as incertezas e enriquecer a leitura dos dados coletados, compreendendo assim as significações explícitas e ocultas do

material analisado explicam Anelise Rebelato Mozzato e Denise Grzybowski, (2011). “Uma análise de conteúdo não deixa de ser uma análise de significados, ao contrário, ocupa-se de uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo extraído das comunicações e sua respectiva interpretação”. (Santos, 2012, p. 384).

Esse conjunto de técnicas vem sendo utilizada em várias áreas de pesquisa como psicologia, educação, ciência política, sociologia, pois ela “visa tornar evidentes e significativamente plausíveis à corroboração lógica os elementos ocultos da linguagem humana, além de organizar e descobrir o significado original dos seus elementos manifestos” afirmam Maria do Socorro Rodrigues e Maria Tereza Leopardi, (1999, p. 19).

Na Análise de Conteúdo existe uma técnica chamada de Análise Temática, “um método de categorias que permite a classificação dos componentes do significado da mensagem em espécie de gavetas” (Santos, 2012, p. 384). Cada gaveta recebe um tema, que “é uma unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado segundo critérios relativos à teoria que serve de guia à leitura” (Bardin, 1977, p. 99). A análise de conteúdo compreende três fases, sendo elas:

Pré-análise: fase de organização do material a ser analisada, por meio de leitura flutuante, escolha do documento, formulação de hipótese e objetivo, atentando-se a exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência. Nessa etapa inicial foi realizada a leitura da BNCC, foi escolhida a etapa da Educação Infantil e as hipóteses levantadas.

Na segunda etapa, após reunir o material, definiu-se as categorias de análise, intuindo uma classificação em três categorias: o oculto, o explícito e o inexistente, por meio de uma anotação sintética, utilizando uma tabela com registros dos objetivos de aprendizagens por campo de experiência e faixa etária, refletindo sobre atividades que poderiam ser desenvolvidas com as crianças relacionadas à prevenção a violência sexual na infância. Estabeleceu-se, assim, um roteiro de leitura e interpretação.

E na terceira etapa consistiu-se no tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Houve a condensação e o destaque dos objetivos de aprendizagens por faixa etária em cada campo de experiência, culminando na análise reflexiva e crítica.

#### *5.1.4 Descrição do material*

A etapa a ser analisada neste trabalho é a Educação Infantil, classificado em cinco campos de experiências, nos quais as crianças podem aprender e se desenvolver sendo eles: *O*

*eu, o outro e o nós, Corpo, gestos e movimentos, Traços, sons, cores e formas, Escuta, fala, pensamento e imaginação, Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações*, divididos em três faixas etárias: bebês (zero a um ano e seis meses), crianças bem pequenas (um ano e sete meses a três anos e onze meses) e crianças pequenas (quatro anos a cinco anos e onze meses) (Ministério da Educação, 2018).

Os objetivos de aprendizagens descritos apresentam possibilidades de trabalhar prevenção a violência sexual na Educação Infantil por meio de Educação Sexual:

Tabela 4

Tabela do Campo de Experiência “O eu, o outro e o nós”

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO		
Bebês (zero a 1 ano e 6 meses)	Crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)	Crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses)
<b>(EI01EO01)</b> Perceber que suas ações têm efeitos nas outras crianças e nos adultos.	<b>(EI02EO01)</b> Demonstrar atitudes de cuidado e solidariedade na interação com crianças e adultos.	<b>(EI03EO01)</b> Demonstrar empatia pelos outros, percebendo que as pessoas têm diferentes sentimentos, necessidades e maneiras de pensar e agir.
<b>(EI01EO02)</b> Perceber as possibilidades e os limites de seu corpo nas brincadeiras e interações das quais participa.	<b>(EI02EO02)</b> Demonstrar imagem positiva de si e confiança em sua capacidade para enfrentar dificuldades e desafios.	<b>(EI03EO02)</b> Agir de maneira independente, com confiança em suas capacidades, reconhecendo suas conquistas e limitações.
<b>(EI01EO03)</b> Interagir com crianças da mesma faixa etária e adultos ao explorar espaços, materiais, objetos, brinquedos	<b>(EI02EO03)</b> Compartilhar os objetos e os espaços com crianças da mesma faixa etária e adultos.	<b>(EI03EO03)</b> Ampliar as relações interpessoais, desenvolvendo atitudes de participação e cooperação.
<b>(EI01EO04)</b> Comunicar necessidades, desejos e emoções, utilizando gestos, balbucios, palavras.	<b>(EI02EO04)</b> Comunicar-se com os colegas e os adultos, buscando compreendê-los e fazendo-se compreender	<b>(EI03EO04)</b> Comunicar suas ideias e sentimentos a pessoas e grupos diversos.
<b>(EI01EO05)</b> Reconhecer seu corpo e expressar suas sensações em momentos de alimentação, higiene, brincadeira e descanso.	<b>(EI02EO05)</b> Perceber que as pessoas têm características físicas diferentes, respeitando essas diferenças.	<b>(EI03EO05)</b> Demonstrar valorização das características de seu corpo e respeitar as características dos outros (crianças e adultos) com os quais convive.
<b>(EI01EO06)</b> Interagir com outras crianças da mesma	<b>(EI02EO06)</b> Respeitar regras básicas de convívio	<b>(EI03EO06)</b> Manifestar interesse e respeito por

faixa etária e adultos, adaptando-se ao convívio social	social nas interações e brincadeiras.	diferentes culturas e modos de vida.
		<b>(EI03EO07)</b> Usar estratégias pautadas no respeito mútuo para lidar com conflitos nas interações com crianças e adultos

Nota. Fonte: Ministério da Educação (2018).

Tabela 5

*Tabela do Campo de Experiência “Corpo, gestos e movimentos”*

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO		
Bebês (zero a 1 ano e 6 meses)	Crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)	Crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses)
<b>(EI01CG01)</b> Movimentar as partes do corpo para exprimir corporalmente emoções, necessidades e desejos.	<b>(EI02CG01)</b> Apropriar-se de gestos e movimentos de sua cultura no cuidado de si e nos jogos e brincadeiras.	<b>(EI03CG01)</b> Criar com o corpo formas diversificadas de expressão de sentimentos, sensações e emoções, tanto nas situações do cotidiano quanto em brincadeiras, dança, teatro, música.
<b>(EI01CG02)</b> Experimentar as possibilidades corporais nas brincadeiras e interações em ambientes acolhedores e desafiantes		<b>(EI03CG02)</b> Demonstrar controle e adequação do uso de seu corpo em brincadeiras e jogos, escuta e reconto de histórias, atividades artísticas, entre outras possibilidades.
<b>(EI01CG03)</b> Imitar gestos e movimentos de outras crianças, adultos e animais.	<b>(EI02CG03)</b> Explorar formas de deslocamento no espaço (pular, saltar, dançar), combinando movimentos e seguindo orientações.	<b>(EI03CG03)</b> Criar movimentos, gestos, olhares e mímicas em brincadeiras, jogos e atividades artísticas como dança, teatro e música.
<b>(EI01CG04)</b> Participar do cuidado do seu corpo e da promoção do seu bem-estar	<b>(EI02CG04)</b> Demonstrar progressiva independência no cuidado do seu corpo	<b>(EI03CG04)</b> Adotar hábitos de autocuidado relacionados a higiene, alimentação, conforto e aparência
	<b>(EI02CG05)</b> Desenvolver progressivamente as habilidades manuais, adquirindo controle para desenhar, pintar, rasgar, folhear, entre outros.	<b>(EI03CG05)</b> Coordenar suas habilidades manuais no atendimento adequado a seus interesses e necessidades em situações diversas

Nota. Fonte: Ministério da Educação (2018).

Tabela 6

*Tabela do Campo de Experiência “Traços, sons, cores e formas”*

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO		
Bebês (zero a 1 ano e 6 meses)	Crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)	Crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses)
<b>(EI01TS01)</b> Explorar sons produzidos com o próprio corpo e com objetos do ambiente.	<b>(EI02TS01)</b> Criar sons com materiais, objetos e instrumentos musicais, para acompanhar diversos ritmos de música.	<b>(EI03TS01)</b> Utilizar sons produzidos por materiais, objetos e instrumentos musicais durante brincadeiras de faz de conta, encenações, criações musicais, festas.
<b>(EI01TS02)</b> Traçar marcas gráficas, em diferentes suportes, usando instrumentos riscantes e tintas.	<b>(EI02TS02)</b> Utilizar materiais variados com possibilidades de manipulação (argila, massa de modelar), explorando cores, texturas, superfícies, planos, formas e volumes ao criar objetos tridimensionais.	<b>(EI03TS02)</b> Expressar-se livremente por meio de desenho, pintura, colagem, dobradura e escultura, criando produções bidimensionais e tridimensionais.
<b>(EI01TS03)</b> Explorar diferentes fontes sonoras e materiais para acompanhar brincadeiras cantadas, canções, músicas e melodias.	<b>(EI02TS03)</b> Utilizar diferentes fontes sonoras disponíveis no ambiente em brincadeiras cantadas, canções, músicas e melodias.	

Nota. Fonte: Ministério da Educação (2018).

Tabela 7

*Tabela do Campo de Experiência “Escuta, fala, pensamento e imaginação”*

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO		
Bebês (zero a 1 ano e 6 meses)	Crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)	Crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses)
<b>(EI01EF01)</b> Reconhecer quando é chamado por seu nome e reconhecer os nomes de pessoas com quem convive.	<b>(EI02EF01)</b> Dialogar com crianças e adultos, expressando seus desejos, necessidades, sentimentos e opiniões.	<b>(EI03EF01)</b> Expressar ideias, desejos e sentimentos sobre suas vivências, por meio da linguagem oral e escrita (escrita espontânea),

		de fotos, desenhos e outras formas de expressão.
<b>(EI01EF02)</b> Demonstrar interesse ao ouvir a leitura de poemas e a apresentação de músicas		
<b>(EI01EF03)</b> Demonstrar interesse ao ouvir histórias lidas ou contadas, observando ilustrações e os movimentos de leitura do adulto-leitor (modo de segurar o portador e de virar as páginas).	<b>(EI02EF03)</b> Demonstrar interesse e atenção ao ouvir a leitura de histórias e outros textos, diferenciando escrita de ilustrações, e acompanhando, com orientação do adulto-leitor, a direção da leitura (de cima para baixo, da esquerda para a direita).	<b>(EI03EF03)</b> Escolher e folhear livros, procurando orientar-se por temas e ilustrações e tentando identificar palavras conhecidas.
<b>(EI01EF04)</b> Reconhecer elementos das ilustrações de histórias, apontando-os, a pedido do adulto-leitor	<b>(EI02EF04)</b> Formular e responder perguntas sobre fatos da história narrada, identificando cenários, personagens e principais acontecimentos.	<b>(EI03EF04)</b> Recontar histórias ouvidas e planejar coletivamente roteiros de vídeos e de encenações, definindo os contextos, os personagens, a estrutura da história.
<b>(EI01EF05)</b> Imitar as variações de entonação e gestos realizados pelos adultos, ao ler histórias e ao cantar.	<b>(EI02EF05)</b> Relatar experiências e fatos acontecidos, histórias ouvidas, filmes ou peças teatrais assistidos etc.	<b>(EI03EF05)</b> Recontar histórias ouvidas para produção de reconto escrito, tendo o professor como escriba
<b>(EI01EF06)</b> Comunicar-se com outras pessoas usando movimentos, gestos, balbucios, fala e outras formas de expressão.	<b>(EI02EF06)</b> Criar e contar histórias oralmente, com base em imagens ou temas sugeridos.	
<b>(EI01EF07)</b> Conhecer e manipular materiais impressos e audiovisuais em diferentes portadores (livro, revista, gibi, jornal, cartaz, CD, tablet etc.).	<b>(EI02EF07)</b> Manusear diferentes portadores textuais, demonstrando reconhecer seus usos sociais.	
<b>(EI01EF08)</b> Participar de situações de escuta de textos em diferentes gêneros textuais (poemas, fábulas, contos, receitas, quadrinhos, anúncios etc.).	<b>(EI02EF08)</b> Manipular textos e participar de situações de escuta para ampliar seu contato com diferentes gêneros textuais (parlendas, histórias de aventura, tirinhas, cartazes de sala, cardápios, notícias etc.).	<b>(EI03EF08)</b> Selecionar livros e textos de gêneros conhecidos para a leitura de um adulto e/ou para sua própria leitura (partindo de seu repertório sobre esses textos, como a recuperação pela memória, pela leitura das ilustrações etc.).
<b>(EI01EF09)</b> Conhecer e manipular diferentes	<b>(EI02EF09)</b> Manusear diferentes instrumentos e	<b>(EI03EF09)</b> Levantar hipóteses em relação à

instrumentos e suportes de escrita.	suportes de escrita para desenhar, traçar letras e outros sinais gráficos.	linguagem escrita, realizando registros de palavras e textos, por meio de escrita espontânea.
-------------------------------------	--	---

Nota. Fonte: Ministério da Educação (2018).

Tabela 8

*Tabela do Campo de Experiência “Espaço, tempo, quantidades, relações e transformações”*

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO		
Bebês (zero a 1 ano e 6 meses)	Crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)	Crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses)
<b>(EI01ET01)</b> Explorar e descobrir as propriedades de objetos e materiais (odor, cor, sabor, temperatura).		
<b>(EI01ET02)</b> Explorar relações de causa e efeito (transbordar, tingir, misturar, mover e remover etc.) na interação com o mundo físico.		
<b>(EI01ET03)</b> Explorar o ambiente pela ação e observação, manipulando, experimentando e fazendo descobertas.		
<b>(EI01ET05)</b> Manipular materiais diversos e variados para comparar as diferenças e semelhanças entre eles.		<b>(EI03ET05)</b> Classificar objetos e figuras de acordo com suas semelhanças e diferenças.
<b>(EI01ET06)</b> Vivenciar diferentes ritmos, velocidades e fluxos nas interações e brincadeiras (em danças, balanços, escorregadores etc.).		<b>(EI03ET06)</b> Relatar fatos importantes sobre seu nascimento e desenvolvimento, a história dos seus familiares e da sua comunidade.

Nota. Fonte: Ministério da Educação (2018).

## 5.2 Resultados e Discussão

### 5.2.1 *Categorias temáticas: olhares para a prevenção a violência sexual na infância a partir da BNCC*

Percebe-se que a BNCC embora não se comprometa com a prevenção a violência sexual na infância, com a sexualidade infantil e com a Educação Sexual, apresenta objetivos de aprendizagens na etapa da Educação Infantil que possibilitam trabalhar a temática de prevenção à violência sexual contra a criança respeitando cada faixa etária, por meio da Educação Sexual. Com base nas unidades temáticas, foi possível aprender a olhar para o currículo comum incluindo novas perspectivas que envolve a sexualidade infantil, contribuindo com o enfrentamento da violência sexual.

A partir da análise documental classifica-se os objetivos de aprendizagens descritos nas BNCC em três categorias, denominadas: “O explícito”, “o oculto” e “o inexistente”.

#### 5.2.1.1 TEMA 01: O EXPLÍCITO

Segundo o Dicionário Online de Português (Explícito, 2023), “explícito” significa um adjetivo que é “expresso sem dúvidas nem ambiguidades”. Embora a BNCC não deixe claro em nenhuma página as palavras sexualidade infantil, prevenção à violência sexual contra a criança ou Educação Sexual, encontrou-se dentre os 93 (noventa e três) objetivos de aprendizagens na etapa da educação infantil, entre os cinco campos de experiências, apenas cinco, que foram considerados explícitos porque se refere ao reconhecimento e cuidado com o corpo.

Os campos de experiência aos quais os objetivos de aprendizagens se referem é *O eu, o outro e o nós* e *Corpo, gestos e movimentos*, que contemplam todas as faixas etárias, sendo eles:

Tabela 9

*Objetivos de aprendizagens classificados na temática “o explícito”*

(EI01EO05) Reconhecer seu corpo e expressar suas sensações em momentos de alimentação, higiene, brincadeira e descanso.
(EI02EO01) Demonstrar atitudes de cuidado e solidariedade na interação com crianças e adultos

(EI02CG01) Apropriar-se de gestos e movimentos de sua cultura no cuidado de si e nos jogos e brincadeiras
---

(EI02CG04) Demonstrar progressiva independência no cuidado do seu corpo.
--

(EI03CG04) Adotar hábitos de autocuidado relacionados a higiene, alimentação, conforto e aparência
--

*Nota.* Fonte: Elaboração própria, com base na BNCC (Ministério da Educação, 2018).

A concepção da BNCC é de cuidar e educar a criança em ambiente educativo, e à prevenção violência sexual na Educação Infantil requer um olhar atento e atitudes de cuidado com o corpo da criança, demonstrando desde os bebês respeito, e de acordo com a faixa etária o professor vai mediando o conhecimento e ensinando formas de autoproteção que contribui para o enfrentamento da violência sexual contra a criança.

Arcari (2015) reforça a importância de a criança de meses a dois anos aprender a nomear todas as partes do corpo, e também identificar quem está autorizado a auxiliar na higienização. É de conhecimento de todos que no trabalho educacional com bebês os professores higienizam as crianças em vários momentos, observam suas expressões durante a rotina diária e nas atividades direcionadas.

Nesse sentido, o objetivo de aprendizagem da habilidade número cinco, “reconhecer seu corpo e expressar suas sensações em momentos de alimentação, higiene, brincadeira e descanso” do campo de experiência *O eu, o outro e o nós*, para bebês na faixa etária de zero a um ano e seis meses, foi classificado como explícito, contemplado no segundo momento da sequência didática, ao qual o professor no momento do banho demonstra atitudes de cuidado e respeito com o corpo da criança, pedindo licença ao tirar a fralda, verbalizando o nome de cada parte do corpo, observando as expressões e sensações do bebê durante a atividade.

A habilidade número um, do campo de experiência *O eu, o outro e o nós* para crianças bem pequenas de um ano e sete meses a três anos e onze meses, “demonstrar atitudes de cuidado e solidariedade na interação com crianças e adultos”, do campo de experiência *Corpo, gesto e movimento*, “apropriar-se de gestos e movimentos de sua cultura no cuidado de si e nos jogos e brincadeiras” e a habilidade número quatro “demonstrar progressiva independência no cuidado do seu corpo”, contemplados no segundo momento da sequência didática dessa faixa etária, foi considerado explícito por se referir ao cuidado nas interações entre crianças e adultos, o cuidado de si e cuidado do seu corpo.

O Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2022) apontou que a maior parte dos autores dos estupros no Brasil são conhecidos da vítima, assim a atividade proposta no

segundo momento da sequência didática para essa faixa etária, onde as crianças dão banho em bonecas, procura ensinar que para higienizar ou medicar é necessário cuidado e respeito, partindo sempre do adulto cuidador, no caso o professor no ambiente escolar, possibilitando as crianças repetirem com suas bonecas, demonstrando que mesmo sendo alguém conhecido não pode ser tocada de qualquer forma, exige cuidado, respeito e ensina autoproteção.

A habilidade número quatro do campo de experiência *corpo, gesto e movimento* para crianças pequenas de quatro anos a cinco anos e onze meses, “adotar hábitos de autocuidado relacionados à higiene, alimentação, conforto e aparência”, (Ministério da Educação, 2018) contemplados no terceiro momento da sequência didática para essa faixa etária por meio da música “Toque do Sim, Toque do Não - Tio Som e Tia Laila”, foi classificada como explícito devido a palavra autocuidado, a atividade ensina para a criança toques permitidos e toques que a serem evitados.

De três a cinco anos, para estar menos vulnerável à violência sexual, a criança precisa além de já saber nomear todas as partes do corpo e identificar quem são as pessoas autorizadas a auxiliá-la nos cuidados com a higiene, também precisa saber informações básicas sobre partes íntimas, como dizer “não” e buscar ajuda caso seja tocada de forma abusiva (Arcari, 2015).

O acesso à informação sobre cuidado com o próprio corpo auxilia na compreensão sobre a diferença entre carinho e violência, embora a responsabilidade por proteger a criança da violência sexual é sempre do adulto, buscamos desenvolver nas crianças por meio das atividades planejadas habilidades de autoproteção que não delegam a ela a responsabilidade, mas contribui com o enfrentamento a esse grave problema, como pontuam Spaziani e Maia (2015).

É no contexto escolar que as crianças aprendem por meio de símbolos e códigos quase imperceptíveis qual é o “seu lugar”, e aos poucos essas concepções são internalizadas e torna-se quase “naturais”, embora sejam “fatos culturais”. Aos meninos esperam que tenham preferência por atividades ao ar livre, invadam os espaços das meninas, sob a justificativa de precisar de mais espaço, esperam que sejam mais agitados, mais curiosos e prefiram jogos mais agressivos, já as meninas esperam que se dediquem a atividades mais tranquilas, que sejam passivas e fisicamente menos capazes que os meninos (Louro, 1997).

Assim “o corpo infantil desde muito cedo passa pelo processo de escolarização, começando desde a infância, na educação infantil e atravessado pelos meios midiáticos que pedagogizam modos de ser e estar criança na sociedade”. (. . .) “O corpo é objeto cultural

produzido na cultura e para a cultura” afirmam Raimundo José da Silva e Jackson Ronie Sá-Silva (2019, p. 622).

Embora muitos “adultos tendem a exercer uma espécie de dominação constante sobre as crianças, desconhecendo-as como sujeitos de direitos” explica Débora Thomé Sayão (2002, p. 3), cabe a nós professores e cuidadores, auxiliar a criança a conhecer seu corpo e compreender sobre autoproteção, mesmo que muitos profissionais da educação infantil não associem imediatamente de forma explícita os objetivos de aprendizagens descritos acima como possibilidades de trabalhar na prática prevenção a violência sexual contra a criança de meses a cinco anos por meio de Educação Sexual.

Embora denominou-se de explícito a primeira categoria de análise, compreende-se que o tema não está explícito para muitos profissionais que atuam na Educação Infantil como apontam as pesquisas de Brino e Willians (2003), Spaziani e Maia (2015) e Mendes, Moura e Aragão (2020), mesmo que os profissionais que atuam na área ainda não compreendem tais possibilidades, este trabalho descreve os objetivos de aprendizagens da tabela 9 como “O explícito” pois entende-se que autoproteção envolve conhecer e cuidar do próprio corpo.

#### 5.2.1.2 TEMA 2: O OCULTO

Segundo o Dicionário Online de Português (Oculto, 2023), “oculto” compreende “que está escondido”, “encoberto”, “desconhecido”. E a sexualidade “se manifesta e se expressa por meio do currículo oculto”, como afirmam Leão e Ribeiro (2013, p. 280), que se refere aos conteúdos que não foram incluídos no currículo formal, mas estão presentes no contexto educativo, por meio das práticas pedagógicas dos professores, que muitas vezes o fazem de forma inconsciente.

Encontramos dentre os 93 (noventa e três) objetivos de aprendizagens na etapa da educação infantil, entre os cinco campos de experiências, nas três faixas etárias, 65 (sessenta e cinco), descritos na tabela 9, que foram classificados como “o oculto”, onde identificou-se possibilidades de trabalhar a prevenção à violência sexual na infância por meio da Educação Sexual, mesmo sem o documento citar a palavra sexualidade ou prevenção à violência sexual contra a criança.

Tabela 10

*Objetivos de aprendizagens classificados na temática “o oculto”*

<b>(EI01EO01)</b> Perceber que suas ações têm efeitos nas outras crianças e nos adultos.
<b>(EI01EO02)</b> Perceber as possibilidades e os limites de seu corpo nas brincadeiras e interações das quais participa.
<b>(EI01EO03)</b> Interagir com crianças da mesma faixa etária e adultos ao explorar espaços, materiais, objetos, brinquedos
<b>(EI01EO04)</b> Comunicar necessidades, desejos e emoções, utilizando gestos, balbucios, palavras.
<b>(EI01EO06)</b> Interagir com outras crianças da mesma faixa etária e adultos, adaptando-se ao convívio social
<b>(EI02EO02)</b> Demonstrar imagem positiva de si e confiança em sua capacidade para enfrentar dificuldades e desafios.
<b>(EI02EO03)</b> Compartilhar os objetos e os espaços com crianças da mesma faixa etária e adultos.
<b>(EI02EO04)</b> Comunicar-se com os colegas e os adultos, buscando compreendê-los e fazendo-se compreender
<b>(EI02EO05)</b> Perceber que as pessoas têm características físicas diferentes, respeitando essas diferenças.
<b>(EI02EO06)</b> Respeitar regras básicas de convívio social nas interações e brincadeiras.
<b>(EI03EO01)</b> Demonstrar empatia pelos outros, percebendo que as pessoas têm diferentes sentimentos, necessidades e maneiras de pensar e agir.
<b>(EI03EO02)</b> Agir de maneira independente, com confiança em suas capacidades, reconhecendo suas conquistas e limitações.
<b>(EI03EO03)</b> Ampliar as relações interpessoais, desenvolvendo atitudes de participação e cooperação.
<b>(EI03EO04)</b> Comunicar suas ideias e sentimentos a pessoas e grupos diversos.
<b>(EI03EO05)</b> Demonstrar valorização das características de seu corpo e respeitar as características dos outros (crianças e adultos) com os quais convive.
<b>(EI03EO06)</b> Manifestar interesse e respeito por diferentes culturas e modos de vida.
<b>(EI03EO07)</b> Usar estratégias pautadas no respeito mútuo para lidar com conflitos nas interações com crianças e adultos
<b>(EI01CG01)</b> Movimentar as partes do corpo para exprimir corporalmente emoções, necessidades e desejos.
<b>(EI01CG02)</b> Experimentar as possibilidades corporais nas brincadeiras e interações em ambientes acolhedores e desafiantes
<b>(EI01CG03)</b> Imitar gestos e movimentos de outras crianças, adultos e animais.
<b>(EI01CG04)</b> Participar do cuidado do seu corpo e da promoção do seu bem-estar
<b>(EI02CG03)</b> Explorar formas de deslocamento no espaço (pular, saltar, dançar), combinando movimentos e seguindo orientações.
<b>(EI02CG05)</b> Desenvolver progressivamente as habilidades manuais, adquirindo controle para desenhar, pintar, rasgar, folhear, entre outros.
<b>(EI03CG01)</b> Criar com o corpo formas diversificadas de expressão de sentimentos, sensações e emoções, tanto nas situações do cotidiano quanto em brincadeiras, dança, teatro, música.
<b>(EI03CG02)</b> Demonstrar controle e adequação do uso de seu corpo em brincadeiras e jogos, escuta e reconto de histórias, atividades artísticas, entre outras possibilidades.
<b>(EI03CG03)</b> Criar movimentos, gestos, olhares e mímicas em brincadeiras, jogos e atividades artísticas como dança, teatro e música.

<b>(EI03CG05)</b> Coordenar suas habilidades manuais no atendimento adequado a seus interesses e necessidades em situações diversas
<b>(EI01TS01)</b> Explorar sons produzidos com o próprio corpo e com objetos do ambiente.
<b>(EI01TS02)</b> Traçar marcas gráficas, em diferentes suportes, usando instrumentos riscantes e tintas.
<b>(EI01TS03)</b> Explorar diferentes fontes sonoras e materiais para acompanhar brincadeiras cantadas, canções, músicas e melodias.
<b>(EI02TS01)</b> Criar sons com materiais, objetos e instrumentos musicais, para acompanhar diversos ritmos de música.
<b>(EI02TS02)</b> Utilizar materiais variados com possibilidades de manipulação (argila, massa de modelar), explorando cores, texturas, superfícies, planos, formas e volumes ao criar objetos tridimensionais.
<b>(EI02TS03)</b> Utilizar diferentes fontes sonoras disponíveis no ambiente em brincadeiras cantadas, canções, músicas e melodias.
<b>(EI03TS01)</b> Utilizar sons produzidos por materiais, objetos e instrumentos musicais durante brincadeiras de faz de conta, encenações, criações musicais, festas.
<b>(EI03TS02)</b> Expressar-se livremente por meio de desenho, pintura, colagem, dobradura e escultura, criando produções bidimensionais e tridimensionais.
<b>(EI01EF01)</b> Reconhecer quando é chamado por seu nome e reconhecer os nomes de pessoas com quem convive.
<b>(EI01EF02)</b> Demonstrar interesse ao ouvir a leitura de poemas e a apresentação de músicas
<b>(EI01EF03)</b> Demonstrar interesse ao ouvir histórias lidas ou contadas, observando ilustrações e os movimentos de leitura do adulto-leitor (modo de segurar o portador e de virar as páginas).
<b>(EI01EF04)</b> Reconhecer elementos das ilustrações de histórias, apontando-os, a pedido do adulto-leitor
<b>(EI01EF05)</b> Imitar as variações de entonação e gestos realizados pelos adultos, ao ler histórias e ao cantar.
<b>(EI01EF06)</b> Comunicar-se com outras pessoas usando movimentos, gestos, balbucios, fala e outras formas de expressão.
<b>(EI01EF07)</b> Conhecer e manipular materiais impressos e audiovisuais em diferentes portadores (livro, revista, gibi, jornal, cartaz, CD, tablet etc.).
<b>(EI01EF08)</b> Participar de situações de escuta de textos em diferentes gêneros textuais (poemas, fábulas, contos, receitas, quadrinhos, anúncios etc.).
<b>(EI01EF09)</b> Conhecer e manipular diferentes instrumentos e suportes de escrita.
<b>(EI02EF01)</b> Dialogar com crianças e adultos, expressando seus desejos, necessidades, sentimentos e opiniões.
<b>(EI02EF03)</b> Demonstrar interesse e atenção ao ouvir a leitura de histórias e outros textos, diferenciando escrita de ilustrações, e acompanhando, com orientação do adulto-leitor, a direção da leitura (de cima para baixo, da esquerda para a direita).
<b>(EI02EF04)</b> Formular e responder perguntas sobre fatos da história narrada, identificando cenários, personagens e principais acontecimentos.
<b>(EI02EF05)</b> Relatar experiências e fatos acontecidos, histórias ouvidas, filmes ou peças teatrais assistidos etc.
<b>(EI02EF06)</b> Criar e contar histórias oralmente, com base em imagens ou temas sugeridos.
<b>(EI02EF07)</b> Manusear diferentes portadores textuais, demonstrando reconhecer seus usos sociais.
<b>(EI02EF08)</b> Manipular textos e participar de situações de escuta para ampliar seu contato com diferentes gêneros textuais (parlendas, histórias de aventura, tirinhas, cartazes de sala,

cardápios, notícias etc.).
<b>(EI02EF09)</b> Manusear diferentes instrumentos e suportes de escrita para desenhar, traçar letras e outros sinais gráficos.
<b>(EI03EF01)</b> Expressar ideias, desejos e sentimentos sobre suas vivências, por meio da linguagem oral e escrita (escrita espontânea), de fotos, desenhos e outras formas de expressão.
<b>(EI03EF03)</b> Escolher e folhear livros, procurando orientar-se por temas e ilustrações e tentando identificar palavras conhecidas.
<b>(EI03EF04)</b> Recontar histórias ouvidas e planejar coletivamente roteiros de vídeos e de encenações, definindo os contextos, os personagens, a estrutura da história.
<b>(EI03EF05)</b> Recontar histórias ouvidas para produção de reconto escrito, tendo o professor como escriba
<b>(EI03EF08)</b> Selecionar livros e textos de gêneros conhecidos para a leitura de um adulto e/ou para sua própria leitura (partindo de seu repertório sobre esses textos, como a recuperação pela memória, pela leitura das ilustrações etc.).
<b>(EI03EF09)</b> Levantar hipóteses em relação à linguagem escrita, realizando registros de palavras e textos, por meio de escrita espontânea.
<b>(EI01ET01)</b> Explorar e descobrir as propriedades de objetos e materiais (odor, cor, sabor, temperatura).
<b>(EI01ET02)</b> Explorar relações de causa e efeito (transbordar, tingir, misturar, mover e remover etc.) na interação com o mundo físico.
<b>(EI01ET03)</b> Explorar o ambiente pela ação e observação, manipulando, experimentando e fazendo descobertas.
<b>(EI01ET05)</b> Manipular materiais diversos e variados para comparar as diferenças e semelhanças entre eles.
<b>(EI01ET06)</b> Vivenciar diferentes ritmos, velocidades e fluxos nas interações e brincadeiras (em danças, balanços, escorregadores etc.).
<b>(EI03ET05)</b> Classificar objetos e figuras de acordo com suas semelhanças e diferenças.
<b>(EI03ET06)</b> Relatar fatos importantes sobre seu nascimento e desenvolvimento, a história dos seus familiares e da sua comunidade.

*Nota.* Fonte: Elaboração própria, com base na BNCC (Ministério da Educação, 2018).

Cada sequência didática elaborada neste trabalho inicia-se com a leitura de um livro infantil que aborda a temática de prevenção à violência sexual, pois o livro é um instrumento importante para introduzir a temática em sala de aula. Na sequência didática combina-se outras estratégias, associando músicas e outras atividades diversificadas para cada faixa etária, a fim de organizar uma prática de enfrentamento à violência sexual contra criança. As pesquisadoras Sheila Maria Prado Soma e Lúcia Williams (2019) afirmam “para que haja excelência nas intervenções desses programas é preciso combinar várias estratégias, associando vídeos, músicas, jogos e brincadeiras ao livro escolhido” (p. 1210).

As sequências didáticas foram elaboradas com base nas pesquisas das autoras, que avaliaram seis LIAPS - Literatura Infantil de Abordagem Preventiva - termo criado pelas autoras para “classificar livros que proporcionam a criança representações da vida cotidiana,

sendo especialmente úteis para o ensino sobre situações específicas e abordagens de temas embaraçosos e difíceis” (Soma & Williams, 2014, p. 355) a fim identificar o potencial de tais livros para aumentar a conscientização das crianças a respeito dessa temática. Os mesmos critérios foram utilizados ao elaborar as atividades das sequências didáticas respeitando a faixa etária da criança.

A primeira sequência didática elaborada, apresentou-se para os bebês (0 a 1 ano e 7 meses) modelos positivos de cuidado com seu corpo, utilizando a leitura do livro “Fifi e Pipo para bebês” da autora Caroline Arcari (2013), e nas atitudes dos professores durante a rotina diária, especialmente no que se refere às partes íntimas no momento da higienização (banho e troca de fralda), respeitando, ensinando e nomeando todas as partes do corpo. O livro também oferece oportunidade para a participação ativa das crianças durante a leitura, suas ilustrações não apresentam cenas de abuso e violência e os personagens são monstros engraçados, com os quais os leitores possam se identificar.

Buscou-se também ensinar os bebês a identificar pessoas de sua confiança incluindo os professores, por meio de música “Não pode tocar, não” (Rocha, 2021b), incentivando que a criança relate a um adulto de confiança sobre coisas que a incomodam. Embora nessa faixa etária a maior parte dos bebês apenas balbucie, outros falam algumas palavras já que a faixa etária se estende até um ano e sete meses, a atividade contribui para o desenvolvimento da fala e apresenta a essa criança, mesmo antes de ter a oralidade desenvolvida, práticas que contribuem para a prevenção da violência sexual, fornecendo a exposição repetida de mensagens de segurança, para que ela possa ir compreendendo e identificando quais toques representa cuidado e quais são toques representam violência, salientando que as crianças têm o direito de ficarem em segurança.

Na segunda sequência didática elaborada, apresentou-se para crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses) modelos positivos de cuidado com seu corpo, utilizando a leitura do livro “Pipo e Fifi” da autora Arcari (2013), que foi avaliado na pesquisa das LIAPS e atingiu cerca 80% dos critérios estabelecidos de forma total ou parcial. De acordo com as pesquisadoras Soma e Williams (2019), também foi o “único título que pretendeu ensinar à criança a discriminar de forma clara um toque adequado do inadequado, sendo tal informação crucial, pois uma das estratégias utilizadas pelos ofensores consiste em apresentar o abuso como um jogo divertido, o que faz com que a criança tenha dificuldades em reconhecer” (p. 1210).

A leitura do livro, exploração das imagens e contextualização da história, apresenta personagens com os quais os leitores possam se identificar, ensina sobre as partes íntimas e

anatomia do seu próprio corpo, fornece instruções explícitas sobre a posse de seu próprio corpo (meu corpo me pertence), ressalta que alguns segredos devem ser informados, procura diferenciar os tipos de abusos sexuais, diferenciando ainda carícias abusivas de toques afetuosos, ensina que os adultos às vezes agem de forma inadequada ou inapropriada, ensina à criança que ela pode dizer não e rejeitar insinuações não desejadas, ensina à criança identificar pessoas de sua confiança, incentiva à criança relatar a um adulto de confiança sobre coisas que a incomodam, fornece a exposição repetida de mensagens de segurança, salienta que as crianças têm o direito de ficar em segurança, incentiva a denúncia e a notificação dos casos, oferece oportunidade para a participação ativa das crianças durante a leitura, fornece material de apoio para pais e professores e evita cenas gráficas de abuso e violência.

Buscou-se também ensinar as crianças o pensamento crítico e habilidades de tomada de decisão, por meio de brincadeiras, da música “Toque do sim e Toque do Não”- Tio Som e Tia Laila, complementando e reforçando as informações de prevenção à violência sexual contra a criança, incluindo informações para ajudar os leitores a reconhecer se os mesmos são vítimas de violência sexual, utilizando também a história “Kiko e a mão” de Grey Amsterdam (2013) e o semáforo do toque.

A classificação indicativa do livro “Pipo e Fifi” da autora Arcari (2013) é destinada a crianças a partir de 4 anos e a sequência didática foi elaborada para crianças de 1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses, pois segue a faixa etária proposta pela BNCC. A autora tem conhecimento sobre esse fato, e esclarece que dentro das salas de referência na Educação Infantil a data de corte etário é 31 de março, segundo o Conselho Nacional de Educação Básica (Resolução n. 2, de 9 de outubro de 2018), portanto há crianças com quatro anos completos que nasceram após a data de corte etário, que ainda frequentam salas de referência destinadas para crianças com 3 anos e 11 meses. Vale ressaltar que os professores devem conhecer o nível de desenvolvimento da sua turma antes de aplicar as sequências didáticas propostas neste trabalho, para que tenha um resultado satisfatório.

Já o livro escolhido para a sequência didática de crianças pequenas (4 a 5 anos e 11 meses) “Não me toca seu Boboca” da autora Taubman (2020), não foi avaliado na pesquisa de Soma e Williams (2019), mas optamos por utilizá-lo, por se tratar de uma obra composta por rimas, ilustrações atrativas e conteúdo rico em informações de prevenção à violência sexual contra a criança de forma cuidadosa, certamente se ele fosse avaliado, teria um bom desempenho.

A obra evita cenas gráficas de abuso e violência, oferece um manual digital para o professor, com orientações de como introduzir a história, apresenta personagens com os quais os leitores possam se identificar, ensina o pensamento crítico e habilidades de tomada de decisão, ajuda a discriminar entre um toque adequado e inadequado, ensina que os adultos às vezes agem de forma inadequada ou inapropriada, inclui informações para ajudar os leitores a reconhecer se os mesmos são vítimas de abuso, é cuidadoso ao apresentar o(a) ofensor(a), salienta que o comportamento inadequado de um adulto nunca é culpa da criança. Também ensina que as vítimas não têm um estereótipo, ou seja, podem ser de qualquer gênero, idade e etnia, apresenta modelos positivos, esclarece à criança que ela pode dizer não e rejeitar insinuações não desejadas, fornece a exposição repetida de mensagens de segurança, salienta que as crianças têm o direito de ficar em segurança, ensina à criança a identificar pessoas de sua confiança, incentiva a denúncia e a notificação dos casos, explica que os ofensores podem ser pessoas de sua confiança ou pessoas conhecidas, procura diferenciar os tipos de abusos sexuais, diferenciando ainda carícias abusivas de toques afetuosos.

Os professores podem oferecer oportunidade para a participação ativa das crianças durante a leitura, ressaltar que não existe um estereótipo de ofensor, que o mesmo pode ser um adulto do sexo masculino ou feminino, ou ainda uma criança maior ou adolescente, discutindo sobre a diferença entre segredos e surpresas.

As atividades seguintes complementam as informações presente no livro, ensinando normas de segurança geral. A música “Ninguém mexe comigo”- Bruna Caran reforça informações de segurança, fornece instruções explícitas sobre a posse de seu próprio corpo evita soluções simples, destacando a importância de realizar a denúncia no Disque 100. A atividade da caixa surpresa intitulada “Cuidando do corpo” ensina sobre as partes íntimas e contribui para atitudes saudáveis em relação à sua sexualidade e seu corpo.

Finalizando a sequência didática, optamos por uma atividade que se refere às emoções e sentimentos, uma vez que a culpa, o medo e a vergonha são sentimentos comuns entre as vítimas de violência sexual na infância (Safiotti, 1989a; Santos & Ippólito, 2011; Azevedo, 1989), ensinar a criança a identificar emoções e sentimentos vivenciados na rotina diária contribui para a prevenção a violência sexual na infância, pois ajuda a criança a compreender as relações sociais que a cerca. Rosana Maria de Jesus e Natália Nunes Lempke (2015), nos lembram que:

(. . .) por meio da emoção, a criança constrói a imagem de si mesma e do mundo, formando, assim, a sua concepção da realidade. Os aspectos afetivos e intelectuais

desenvolvem-se simultaneamente, contribuindo para a socialização da criança, sendo que as emoções devem ser consideradas como indispensáveis à compreensão das relações sociais, uma vez que a emoção provoca reações recíprocas ou semelhantes nos outros, resultando em trocas afetivas direcionadas da cognição (p. 311).

Sessenta e dois objetivos de aprendizagens classificados como “o oculto” foram descritos nas sequências didáticas elaboradas neste trabalho, tal classificação se deu dentro de um contexto de atividades planejadas e sequenciadas de prevenção à violência sexual na infância, e não de forma isolada.

Porém há três objetivos de aprendizagens classificados como “o oculto” que não foram contemplados nas sequências didáticas, mas que podem contribuir com a prevenção a violência sexual contra a criança, sendo eles:

(EI03EO06) Manifestar interesse e respeito por diferentes culturas e modos de vida. Essa é a habilidade número seis, do campo de experiência *O eu, o outro e o nós* para crianças pequenas. Esse objetivo de aprendizagem pode ser contemplado em contexto educativo, a partir de uma discussão sobre diversidade cultural, apresentando imagens sobre cultura indígena e outras que os professores acharem pertinentes apresentar, discutindo a nudez, a privacidade e a intimidade, realizando um paralelo com a cultura ao qual estão inseridos, essa atividade contribui para atitudes saudáveis em relação à sexualidade da criança e seu corpo.

(EI03ET05) Classificar objetos e figuras de acordo com suas semelhanças e diferenças. Essa é a habilidade número cinco, do campo de experiência *Espaço, tempo, quantidade, relações e transformações* para crianças pequenas. Este objetivo de aprendizagem pode ser contemplado em sala de referência, a partir de uma atividade elaborada com figuras de corpos masculinos e femininos que serão classificados pelas crianças de acordo com suas semelhanças e diferenças, discutindo as particularidades de cada imagem, essa atividade contribui para que as crianças aprendam a nomear corretamente todas as partes do corpo e identifiquem as suas semelhanças e diferenças.

(EI03ET06) Relatar fatos importantes sobre seu nascimento e desenvolvimento, a história dos seus familiares e da sua comunidade. Essa é a habilidade número seis, do campo de experiência *Espaço, tempo, quantidade, relações e transformações* para crianças pequenas. Esse objetivo de aprendizagem pode ser contemplado em contexto educacional, a partir de uma atividade elaborada em parceria com a família, onde enviarão fotos de diferentes fases do desenvolvimento da criança, desde a barriga da mãe e a partir dessas

imagens os professores poderão trabalhar a origem da vida, desmistificando o sexo, e contribuindo assim com a prevenção à violência sexual na infância.

Há diversas possibilidades de trabalhar prevenção a violência sexual contra a criança em contexto educativo contemplando os objetivos de aprendizagens descritos na BNCC, embora tal conteúdo raramente faça parte da formação inicial e continuada dos professores, por se tratar de um tema que envolve repressão sexual e tabus.

A escola da infância pode contribuir com o enfrentamento da violência sexual contra a criança, mas para que esse fato se torne realidade é necessário que tal conhecimento chegue até os profissionais que atuam nas salas de referência, desmitificando os objetivos ocultos por trás da temática.

### 5.2.1.3 TEMA 03: “O INEXISTENTE”

Com base na pesquisa de Spaziani e Maia (2015) que apontou desconhecimento dos professores que atuam na Educação Infantil, em relação a Educação Sexual e prevenção à violência sexual contra a criança, essa categoria de análise, certamente compreenderia o maior número de objetivos de aprendizagens, já que as palavras sexualidade, prevenção à violência sexual contra a criança e Educação Sexual não existem na BNCC na etapa Educação Infantil, porém, dentre os 93 (noventa e três) objetivos de aprendizagens presentes no documento analisado, apenas 23 (vinte e três) foram classificados na categoria “o inexistente”, ou seja, não foram contemplados nas atividades planejadas de prevenção à violência sexual, propostos neste trabalho.

Os campos de experiência aos quais os objetivos de aprendizagens se referem é *O eu, o outro e o nós, Corpo, gestos e movimentos, Traços sons cores e formas, Escuta fala pensamento e imaginação e Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações*, sendo eles descritos na tabela 11:

Tabela 11

*Objetivos de aprendizagens classificados na temática “o inexistente”*

(EI02EO07) Resolver conflitos nas interações e brincadeiras, com a orientação de um adulto.
(EI01CG05) Utilizar os movimentos de prensão, encaixe e lançamento, ampliando suas possibilidades de manuseio de diferentes materiais e objetos.
(EI02CG02) Deslocar seu corpo no espaço, orientando-se por noções como em frente,

atrás, no alto, embaixo, dentro, fora etc., ao se envolver em brincadeiras e atividades de diferentes naturezas
(EI03TS03) Reconhecer as qualidades do som (intensidade, duração, altura e timbre), utilizando-as em suas produções sonoras e ao ouvir músicas e sons.
(EI02EF02) Identificar e criar diferentes sons e reconhecer rimas e aliterações em cantigas de roda e textos poéticos
(EI03EF07) Levantar hipóteses sobre gêneros textuais veiculados em portadores conhecidos, recorrendo a estratégias de observação gráfica e/ou de leitura.
(EI03EF02) Inventar brincadeiras cantadas, poemas e canções, criando rimas, aliterações e ritmos.
(EI03EF06) Produzir suas próprias histórias orais e escritas (escrita espontânea), em situações com função social significativa.
(EI01ET04) Manipular, experimentar, arrumar e explorar o espaço por meio de experiências de deslocamentos de si e dos objetos.
(EI02ET03) Compartilhar, com outras crianças, situações de cuidado de plantas e animais nos espaços da instituição e fora dela.
(EI02ET01) Explorar e descrever semelhanças e diferenças entre as características e propriedades dos objetos (textura, massa, tamanho).
(EI02ET02) Observar, relatar e descrever incidentes do cotidiano e fenômenos naturais (luz solar, vento, chuva etc)
(EI02ET04) Identificar relações espaciais (dentro e fora, em cima, embaixo, acima, abaixo, entre e do lado) e temporais (antes, durante e depois).
(EI02ET05) Classificar objetos, considerando determinado atributo (tamanho, peso, cor, forma etc.)
(EI02ET06) Utilizar conceitos básicos de tempo (agora, antes, durante, depois, ontem, hoje, amanhã, lento, rápido, depressa, devagar).
(EI02ET08) Registrar com números a quantidade de crianças e a quantidade de objetos da mesma natureza.
(EI02ET07) Contar oralmente objetos, pessoas, livros etc., em contextos diversos.
(EI03ET03) Identificar e selecionar fontes de informações, para responder a questões sobre a natureza, seus fenômenos, sua conservação.
(EI03ET01) Estabelecer relações de comparação entre objetos, observando suas propriedades.
(EI03ET02) Observar e descrever mudanças em diferentes materiais, resultantes de ações sobre eles, em experimentos envolvendo fenômenos naturais e artificiais.
(EI03ET04) Registrar observações, manipulações e medidas, usando múltiplas linguagens (desenho, registro por números ou escrita espontânea), em diferentes suportes.
(EI03ET07) Relacionar números às suas respectivas quantidades e identificar o antes, o depois e o entre em uma sequência.
(EI03ET08) Expressar medidas (peso, altura etc.), construindo gráficos básicos.

*Nota.* Fonte: Elaboração própria, com base na BNCC (Ministério da Educação, 2018).

Ainda assim, pode haver estudos futuros que apontem novas possibilidades incluindo objetivos de aprendizagens descritos acima, já que a experiência em sala de referência e as formações continuadas ampliam a consciência do profissional e melhora a prática diária,

visando o desenvolvimento integral da criança e contribuindo com enfrentamento a violência sexual na infância.

Resultado da análise dos objetivos de aprendizagens descritos na BNCC etapa Educação Infantil para oferecer Educação Sexual na prevenção a violência sexual contra a criança

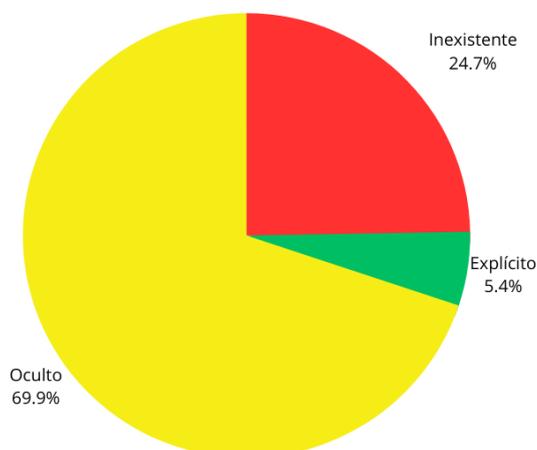


Figura 4. Gráfico 4 - Classificação dos objetivos de aprendizagens descritos na BNCC. Fonte: Elaboração própria.

Diante da análise apresentada observa-se que 24,7% dos objetivos de aprendizagens descritos na BNCC etapa Educação Infantil foram classificados como inexistentes para oferta de Educação Sexual para a prevenção a violência sexual contra a criança, 69,9% são ocultos e apenas 5,4% explícito, como apresenta o gráfico 4. Na busca por auxiliar no enfrentamento a violência sexual, sugeriu-se práticas pedagógicas detalhadas para que a temática possa ser trabalhada em sala de referência se os professores assim desejarem.

## 5.2.2 Sugestões de práticas pedagógicas por grupos etários

### 5.2.2.1 BEBÊS (0 À 1 ANO E 6 MESES)

A sexualidade está presente em todas as fases de desenvolvimento, “ao nascer a criança já encontra um mundo organizado pela família, nele ela prende a se constituir como sujeito, por meio das ações e trocas intersubjetivas que são o primeiro referencial para a construção da sua identidade” (Lara et al., 2021a, p. 40), embora a Educação Sexual intencional quase não é abordada nessa fase, os primeiros anos são alicerce para o desenvolvimento integral da criança e a sexualidade está presente neste processo.

As habilidades de autoproteção que buscamos desenvolver nas crianças por meio das atividades planejadas de prevenção à violência sexual na infância, não delegam à elas a responsabilidade por não ser vítima, essa responsabilidade é sempre do adulto, como nos lembra Spaziani e Maia (2015), porém, promove o acesso à informação, e aos poucos a criança vai entendendo a diferença entre carinho e violência.

As práticas pedagógicas precisam ser planejadas de forma intencional visando o desenvolvimento integral da criança, revelam concepções educacionais, políticas, sociais e econômicas que geram uma determinada formação humana. Desse modo, elencamos uma sequência pedagógica de prevenção à violência sexual na infância que pode contribuir para o enfrentamento desse grave problema social para bebês (na faixa etária de meses a um ano e seis meses de idade).

O início da vida é um período de muitas descobertas. Os bebês são ávidos por descobrir e compreender o mundo a sua volta. Estão entrando em contato com pessoas, objetos e diversas situações pela primeira vez, e, se essas vivências forem organizadas de forma a apoiá-los em suas descobertas, tornam-se experiências pelas quais atribuem sentido e significado, ampliando ou aprofundando seus saberes. O processo de aprendizagem dos bebês passa por um processo de atribuição de sentido que se dá pela oportunidade de sua atuação sobre o mundo físico, social, cultural, mas também sobre as relações e sobre suas próprias explorações corporais (Bueno et al., 2020, p. 20).

De acordo com os estudos de Freud, o bebê está na fase oral do desenvolvimento sexual, encontra a satisfação e prazer na boca. As atividades sensoriais são fundamentais para seu desenvolvimento. A relação do adulto com a criança influencia diretamente na sua formação, que inclui sua sexualidade (Nunes & Silva, 2006).

A partir do exposto, vale ressaltar que essas sequências pedagógicas visam subsidiar a prática de professores ao trabalhar a temática de prevenção à violência sexual na infância utilizando a Educação Sexual no momento de planejar suas aulas, envolvendo os objetivos de aprendizagens descritos nos cinco campos de experiências na BNCC (caso seja necessário pode haver adequações nas estratégias apresentadas de acordo com a realidade da turma).

## **1º MOMENTO**

Organizar o espaço para que as crianças fiquem confortáveis, é importante que todos consigam ver as ilustrações. Os professores apresentarão para o grupo o livro “Fifi e Pipo para bebês” da autora Caroline Arcari, destacando as informações da história (título, nome do autor, ilustração e outros). Farão a leitura da história usando entonação de voz e despertando o interesse em escutá-la, apresentando as imagens para as crianças e no final convidar todos a imitarem a professora ao ler a frase “Pipo Fifi mandam beijo pro neném, jogue um beijo pra eles também”, os professores mandarão um beijo e estimularão as crianças a imitarem a ação. Na sequência os professores convidarão as crianças a apontar o personagem da história perguntando: “Cadê o Pipo? Cadê a Fifi”? Para finalizar a atividade os professores oferecerão os livros ou partes impressas do mesmo para que as crianças possam manuseá-los

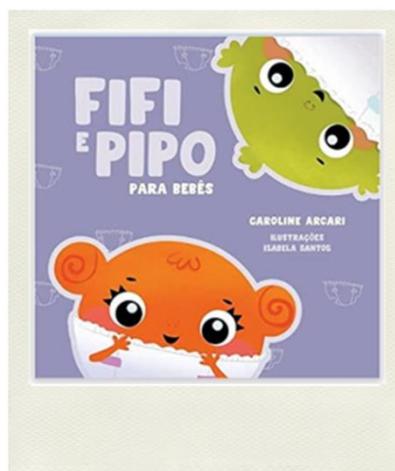


Figura 5. Livro Fifi e Pipo Para Bebês. Fonte: Arcari (2012)<sup>8</sup>.

Esta atividade contempla alguns objetivos de aprendizagens descritos na BNCC no campo de experiência *Escuta, fala, pensamento e imaginação* para bebês de zero a um ano de seis meses, elencados na tabela abaixo:

Tabela 12

*Identificação dos campos de experiências e objetivos de aprendizagens descritas na BNCC, contempladas no primeiro momento da sequência didática para bebês (0 a 1 anos e 6 meses)*

<b>Campo de Experiência</b>	<b>Objetivos de Aprendizagens</b>
<i>Escuta, fala, pensamento e imaginação</i>	(EI01EF03) Demonstrar interesse ao ouvir

<sup>8</sup> Disponível em: [https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/crianca-e-adolescente/violencia-sexual/cartilhas/pipo\\_e\\_fifi-para\\_bebes.pdf](https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/crianca-e-adolescente/violencia-sexual/cartilhas/pipo_e_fifi-para_bebes.pdf).

	<p>histórias lidas ou contadas, observando ilustrações e os movimentos de leitura do adulto-leitor (modo de segurar o portador e de virar as páginas).</p> <p>(EI01EF04) Reconhecer elementos das ilustrações de histórias, apontando-os, a pedido do adulto-leitor.</p> <p>(EI01EF07) Conhecer e manipular materiais impressos e audiovisuais em diferentes portadores (livro, cartaz)</p> <p>(EI01EF08) Participar de situações de escuta de textos em diferentes gêneros textuais (poemas, fábulas, contos, receitas, quadrinhos, anúncios etc.)</p>
--	---

*Nota.* Fonte: Elaboração própria, com base na BNCC (Ministério da Educação, 2018).

O livro “Fifi e Pipo” aborda o tema de forma lúdica, com linguagem simples e acessível, possibilita à introdução da temática de prevenção à violência sexual contra a criança, com conteúdo adequado a faixa etária.

“A aprendizagem da fala ocorre de forma privilegiada por meio das interações que a criança estabelece desde que nasce” (Ministério da Educação, 1998a), a escuta de história e as ações que seguem a partir da leitura contribui para o desenvolvimento da oralidade do bebê, sua relação com a escrita, estimula a concentração, a escuta, a percepção visual e tátil.

Nesta etapa de desenvolvimento o bebê demanda muitos cuidados corporais, “(de modo especial banho, alimentação e sono) que ocupam a maior parte do tempo na creche e promovem diversas oportunidades de troca e manifestação afetiva na relação entre adultos e bebês” (Guimarães & Arenari, 2018). Diante do exposto, planejamos o segundo momento da sequência didática.

## **2º MOMENTO**

Organizar um espaço para o banho individual da criança. Os professores pedirão licença para retirar a fralda antecipando a ação seguinte, promovendo por meio de situação cotidiana uma ação intencional de cuidado que permite a percepção pelo bebê da função comunicativa da fala (o que contribui para o desenvolvimento da sua capacidade de falar) e a percepção do seu próprio corpo, reconhecendo-o e expressando sensações em momentos de

higiene. É necessário demonstrar respeito ao corpo da criança, por meio de palavras, gestos e ações dos cuidadores. Ao colocar a criança na banheira e iniciar o banho os professores irão nomear cada parte do corpo, incluindo as partes íntimas e questionará o bebê: “Onde está a cabeça? Em seguida diz e aponta “está aqui”, e segue nomeando todas as partes do corpo, “Onde está a mãozinha? Onde está vulva ou pênis? Onde está o pezinho? Onde está a barriguinha”. No livro “Fifi e Pipo” os monstros usam apelidos para as partes íntimas como “pipi e pepeca”, mas os professores poderão usar os nomes científicos para designar os genitais, pênis (genitália externa masculina) e vulva (genitália externa feminina), de forma natural sem mudar o tom da voz, para que a criança possa compreender que a parte íntima faz parte do seu corpo assim como os outros órgãos, mas que precisam ser cuidadas e protegidas. Os professores podem usar a frase “Essa é sua parte íntima, o professor/a só pode tocar para higienizar ou medicar”, explicando por meio de palavras e ações princípios de autoproteção.

Nesta atividade contemplam-se alguns objetivos de aprendizagens descritos na BNCC nos campos de experiência: *Escuta, fala, pensamento e imaginação, O eu, o outro e o nós e Corpo, Gestos e Movimento*

Tabela 13

*Identificação dos campos de experiências e objetivos de aprendizagens descritas na BNCC, contempladas no segundo momento da sequência didática para bebês (0 a 1 anos e 6 meses)*

<b>Campo de Experiência</b>	<b>Objetivos de Aprendizagens</b>
<i>Escuta, fala, pensamento e imaginação</i>	(EI01EF06) Comunicar-se com outras pessoas usando movimentos, gestos, balbucios, fala e outras formas de expressão.
<i>O eu, o outro e o nós</i>	(EI01EO02) Perceber as possibilidades e os limites de seu corpo nas brincadeiras e interações das quais participa.  (EI01EO05) Reconhecer seu corpo e expressar suas sensações em momentos de higiene.  (EI01EO06) Interagir com outras crianças da mesma faixa etária e adultos, adaptando-se ao convívio social.
<i>Corpo, Gestos e Movimento</i>	(EI01CG04) Participar do cuidado do seu corpo e da promoção do seu bem-estar.

*Nota.* Fonte: Elaboração própria, com base na BNCC (Ministério da Educação, 2018).

Essa atividade de interação entre o adulto e a criança oferece uma oportunidade rica em aprendizagens, por meio da comunicação verbal e não verbal. A forma como o adulto cuidador toca no corpo da criança, é uma oportunidade de ensinar conceitos de autoproteção desde bebê, pedindo licença e verbalizando a ação a seguir. No guia para pais e educadores do livro “Pipo e Fifi – autora Caroline Arcari” oferece reflexões para que possamos realizar atividades práticas de enfrentamento à violência sexual na infância e destaca que entre as habilidades que a criança precisa desenvolver para diminuir a vulnerabilidade está “saber nomear todas as partes do corpo, incluindo as partes íntimas, seja pelo nome científico ou pelos apelidos familiares”, explica ainda que,

(. . .) é preciso falar de forma aberta e direta com as crianças, desde que são bebês sobre as partes íntimas assim como falamos sobre qualquer outra parte do corpo. O ideal é que se empreguem os nomes corretos dos órgãos genitais: vulva e pênis. Mas caso a criança esteja acostumada com os apelidos, não há problema. O importante é que ela saiba nomear e falar sem medo, sem vergonha ou constrangimentos sobre suas partes íntimas (Arcari, 2015, p. 19).

As crianças estão em processo de desenvolvimento e aprendem o tempo todo na fase de interação com o meio cultural e social na qual está inserida. Muitos de nós recebemos informações erradas e desenvolvemos sentimentos negativos relacionados à anatomia dos órgãos genitais, pois esse foi o modo como nos apresentaram esse tema ao longo da vida, “as palavras carregam consigo proibições, exigências e expectativas que são aceitas ou interditas de acordo com o contexto histórico-cultural” (Braga, 2008, p. 60). Ao usar apelidos para identificar as partes íntimas a criança pode se confundir e desenvolver um sentimento negativo sobre seus genitais, por isso é ideal nomear corretamente todas as partes do corpo, incluindo as partes íntimas de forma natural e científica, para que ela compreenda que esse não é um assunto proibido.

### **3º MOMENTO**

Preparar o espaço para que as crianças se sintam confortáveis, convidá-las para ouvir a música que será cantada pelos professores (ou apresentada às crianças utilizando um

recurso audiovisual) “Ninguém pode tocar não – Leiliane Rocha”<sup>9</sup>, letra descrita na Tabela 14, utilizando a luva como recurso pedagógico (Figura 6), despertando assim o interesse das crianças em ouvir a música. Na sequência, os professores convidarão as crianças para explorar os sons produzidos pelo próprio corpo, de acordo com a música: “Vamos ouvir o som que faz as mãozinhas ao bater na barriguinha” (Os professores batem na própria barriga incentivando as crianças a imitarem)? “Vamos ouvir o som que os pezinhos fazem ao bater no chão” (Os professores batem os pés no chão incentivando as crianças a imitarem) “Vamos ouvir o som que a boquinha faz ao mandar beijo?” (Os professores estalam os lábios, incentivando as crianças a imitarem). “Vamos ouvir o som que as mãos fazem ao tocar nas perninhas”? (Os professores batem nas pernas incentivando as crianças a imitarem). Dando continuidade à atividade os professores entregarão um chocalho confeccionado previamente com material reciclável (Figura 7) para que as crianças possam acompanhar a letra da música que será cantada novamente, e serão incentivadas a balançar o chocalho mais rápido, mais lento, oportunizando-as a vivenciar diferentes ritmos, velocidade nas interações e brincadeiras, ao mesmo tempo em que movimentam seus corpos exprimindo suas emoções ao participar da atividade proposta.

Tabela 14

*Letra da música Não pode tocar Não*

**Não pode tocar Não (Leiliane Rocha)**

Várias partes o meu corpo tem  
Cabeça, boca, pés e pernas também  
Algumas partes ficam bem guardadinhas

Uma delas fica embaixo da minha barriguinha  
Nelas qualquer pessoa não pode tocar não  
São minhas partes íntimas e eu não deixo não

Se desobedecer e nelas tocar  
Eu vou correndo pra mamãe contar

Se não resolver tenho que pensar  
Qual é a pessoa que pode me ajudar  
Papai, Titia, professora ou vovó  
Eu sei que com um deles eu não estarei só

<sup>9</sup> Rocha (2021b). Vídeo Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=OOgCLwh5J4g>.

Nas minhas partes íntimas não pode tocar não  
 Se não for da minha rede de proteção,  
 E esse toque tem que ser bem rapidinho  
 Para limpar ou passar um remedinho

*Nota.* Fonte: Adaptação própria, com base na música de Rocha (2021b)<sup>10</sup>.



*Figura 6.* Luva pedagógica da música “Não pode tocar não”. Fonte: Acervo pessoal da autora.



*Figura 7.* Chocalho construído com materiais reciclados. Fonte: Imagem da Internet. Recuperado de <https://malucellidotlive.files.wordpress.com/2020/08/image007-2.jpg?w=833>.

## Tabela 15

*Identificação dos campos de experiências e objetivos de aprendizagens descritas na BNCC, contempladas no terceiro momento da sequência didática para bebês (0 a 1 anos e 6 meses)*

<sup>10</sup> Rocha (2021b). Vídeo recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=Xjlar8a0XWk&t=2s>.

<b>Campo de Experiência</b>	<b>Objetivos de Aprendizagens</b>
<i>Escuta, fala, pensamento e imaginação</i>	<p>(EI01EF02) Demonstrar interesse ao ouvir a leitura de poemas e a apresentação de músicas.</p> <p>(EI01EF05) Imitar as variações de entonação e gestos realizados pelos adultos, ao ler histórias e ao cantar.</p> <p>(EI01EF06) Comunicar-se com outras pessoas usando movimentos, gestos, balbucios, fala e outras formas de expressão.</p>
<i>O eu, o outro e o nós</i>	<p>(EI01EO02) Perceber as possibilidades e os limites de seu corpo nas brincadeiras e interações das quais participa.</p> <p>(EI01EO06) Interagir com outras crianças da mesma faixa etária e adultos, adaptando-se ao convívio social.</p>
<i>Traços, sons, cores e formas</i>	<p>(EI01TS01) Explorar sons produzidos com o próprio corpo e com objetos do ambiente.</p> <p>(EI01TS03) Explorar diferentes fontes sonoras e materiais para acompanhar brincadeiras cantadas, canções, músicas e melodias.</p>
<i>Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações</i>	<p>(EI01ET06) Vivenciar diferentes ritmos, velocidades e fluxos nas interações e brincadeiras</p>
<i>Corpo, Gestos e Movimento</i>	<p>(EI01CG03) Imitar gestos e movimentos de outras crianças, adultos e animais.</p> <p>(EI01CG01) Movimentar as partes do corpo para exprimir corporalmente emoções, necessidades e desejos.</p>

*Nota.* Fonte: Elaboração própria, com base na BNCC (Ministério da Educação, 2018).

A prática musical para os bebês por meio de atividades lúdicas contribui para o desenvolvimento da atenção e da percepção, quando se canta para eles ocorre à produção de sons vocais diversos e por meio de imitação de sons corporais “pode favorecer a interação e respostas dos bebês, seja por meio da imitação e criação vocal, do gesto corporal, ou da exploração sensório-motora de materiais sonoros, como objetos do cotidiano, brinquedos sonoros, instrumentos musicais de percussão como chocalhos” (Ministério da Educação, 1998a, p. 58).

O canto desempenha um papel de grande importância na educação musical infantil, pois integra a melodia, ritmo e – frequentemente – harmonia, sendo excelente meio para o desenvolvimento da audição. Quando cantam, as crianças imitam o que ouvem e assim desenvolvem condições necessárias à elaboração do repertório de informações que posteriormente lhes permitirá criar e se comunicar por intermédio dessa linguagem (Ministério da Educação, 1998a, p. 59).

“A música é uma forma de comunicação, expressão e uma linguagem sensível do ser humano. Uma maneira de ser e estar no mundo” afirmam Joyce Rosset, Maria Helena Webster, Joyce Eiko Fukuda e Lucila de Almeida (2017, p. 147). Mundo este marcado por inúmeros casos de violência sexual na infância, toda criança precisa ser protegida por um adulto, que pode ser a figura do/a professor/a. A escola transmitindo informações claras desde bebês para ensinar autoproteção, contribui com o enfrentamento do problema, ensinando a diferença entre carinho e violência. Ao utilizar a música “Não pode tocar não – Leiliane Rocha” transmitimos à mensagem de prevenção a violência sexual de forma lúdica de acordo com a faixa etária, para que aos poucos a criança compreenda que as partes íntimas não podem ser tocadas de qualquer forma, por qualquer pessoa. Ao incluirmos recursos didáticos lúdicos, temos a intenção de despertar o interesse da criança e proporcionar uma experiência educativa prazerosa.

#### **4º MOMENTO**

Organizar um espaço para realizar a troca de fraldas, durante esse processo de cuidado, o/a professor/a iniciará sua prática pedagógica potencializando ações focadas na construção da identidade e da subjetividade da criança. O/a professor/a se aproximará da criança a chamará pelo nome, perguntará: “Vamos ver se sua fralda está cheia?” e continuará o diálogo: “Nossa, isso deve estar te incomodando para brincar, porque sua fralda está molhada e pesada! Vamos lá trocar, depois você volta a brincar”. Esse diálogo contribui para que a criança aprenda a comunicar suas necessidades, desejos e emoções, que podem ocorrer por meio de gestos, balbucios ou palavras. O professor sugere que a criança leve o lenço umedecido e ao chegar no trocador convida a criança a subir e anuncia “Vamos tirar a sua calça? Com licença... Me ajude aqui levantando o bumbum, agora vou higienizar sua parte íntima”, essas ações possibilitam que a criança entenda que suas ações tem efeito diante dos adultos. O professor então vai narrando que está higienizando sua vulva ou seu pênis, que já

está terminando de limpar para colocar a fralda sequinha, e diz “Pronto acabamos, agora podemos voltar a brincar” (Rosset et al., 2017).

Na sequência, o ambiente estará preparado com vários bonecos sexuados de tamanhos variados, fraldas descartáveis e lenço umedecido para que as crianças possam interagir com seus pares e com os adultos que a cercam, explorando os materiais e os brinquedos disponíveis, experimentando as possibilidades corporais nas brincadeiras e interações em ambientes acolhedores. A professora vai mostrar por meio de ação como se troca a fralda da boneca, previamente a professora pode misturar mostarda com chocolate, tinta ou outro material simbolizando a fralda estar suja, por isso a boneca precisa que remova a sujeira com lenço e realize a troca de fralda. Ao realizar a limpeza, repetirá a ação de pedir “com licença” para tirar a fralda, explicando e nomeando as partes íntimas e reforçando que as partes íntimas só podem ser tocadas para higienizar ou medicar. Durante a realização da atividade o professor pode comparar o tamanho das bonecas, suas semelhanças e diferenças.

Esta atividade contempla alguns objetivos de aprendizagens descritos na BNCC nos campos de experiência: Escuta, fala, pensamento e imaginação, O eu, o outro e o nós, Corpo, Gestos e Movimento, Traços, sons, cores e formas e Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações, elencados na tabela 16.

Tabela 16

*Identificação dos campos de experiências e objetivos de aprendizagens descritas na BNCC, contempladas no quarto momento da sequência didática para bebês (0 a 1 anos e 6 meses)*

<b>Campo de Experiência</b>	<b>Objetivos de Aprendizagens</b>
<i>Escuta, fala, pensamento e imaginação</i>	(EI01EF01) Reconhecer quando é chamado por seu nome e reconhecer os nomes de pessoas com quem convive
<i>O eu, o outro e o nós</i>	(EI01EO01) Perceber que suas ações têm efeitos nas outras crianças e nos adultos.  (EI01EO04) Comunicar necessidades, desejos e emoções, utilizando gestos, balbucios, palavras.  (EI01EO03) Interagir com crianças da mesma faixa etária e adultos ao explorar espaços, materiais, objetos, brinquedos.
<i>Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações</i>	(EI01ET02) Explorar relações de causa e efeito (mover e remover) na interação com o mundo físico.

	(EI01ET05) Manipular materiais diversos e variados para comparar as diferenças e semelhanças entre eles.
<i>Corpo, Gestos e Movimento</i>	(EI01CG02) Experimentar as possibilidades corporais nas brincadeiras e interações em ambientes acolhedores e desafiantes.

*Nota.* Fonte: Elaboração própria, com base na BNCC (Ministério da Educação, 2018).

No guia para pais e educadores - como trabalhar o livro Pipo e Fifi, a autora Arcari, (2015) descreve o comportamento psicossocial típico de zero a dois anos, explicando que a criança aprende através do relacionamento com os cuidadores, assim ao pedirmos licença para retirar a fralda e explicar a ação que segue de higienização, o adulto está demonstrando respeito ao tocar em suas partes íntimas, sinalizando que o toque está sendo realizado para promoção do seu bem estar, desenvolvendo assim um relacionamento de confiança.

Ao propor a atividade com bonecos sexuados os professores estão contribuindo para que a criança compreenda as diferenças entre meninos e meninas, que faz parte do comportamento psicossocial típico dessa faixa etária como apresenta Arcari (2015).

Durante a troca de fralda pode ocorrer expressões espontâneas dos genitais como ereção e lubrificação, que não tem conotação erótica, a psicóloga Leiliane Rocha (2021a) em seu curso de Prevenção ao Abuso Sexual, explica que é comum, adultos cuidadores relacionarem tais expressões com respostas sexuais dos adultos e repreendem a criança, mas é preciso compreender que essas são apenas respostas biológicas naturais.

Freud alertou para o grave perigo em não compreender a sexualidade infantil, é nesse período que a memória tem maior capacidade de registrar e reproduzir impressões, estas por sua vez são capazes de marcar decisivamente o desenvolvimento posterior (Nunes & Silva, 2006), diante dessas afirmações, a fim de desenvolver uma sexualidade saudável é importante lidar com essas expressões sexuais da criança de forma natural, sem repressão, orientando-a sempre que necessário.

## 5º MOMENTO

Os professores organizarão o ambiente e lembrarão a história do livro “Fifi e Pipo”, da autora Caroline Arcari, em seguida será disponibilizado papel kraft, cola, plástico bolha, algodão, fita de cetim, giz de cera e canetinhas para que as crianças explorem livremente suas propriedades. Em seguida oferecerão as crianças partes do livro impressas para que juntos

possam colorir e fazer colagem dos materiais sugeridos em cada página, realizando as mediações necessárias. Ao apresentar o personagem Pipo (Figura 8) poderá ser iniciado um diálogo, “Crianças vocês lembram-se desse monstrinho? O nome dele é Pipo, vamos colar algodão em sua fraldinha?”. Os professores auxiliarão as crianças a realizarem a colagem. Em seguida apresentarão a Fifi (Figura 9) e realizarão a mesma ação. Dando sequencia na atividade apresentarão os monstrinhos na banheira (Hora do Banho - Figura 10) com a explicação de que as crianças só ficam sem roupa na hora da higienização, convidando-as manipularem o plástico bolha e auxiliando-as na colagem. Em seguida apresentarão a página nove do livro (Ninguém mexe - Figura 11), onde haverá uma fita de cetim dado um laço para que as crianças possam manipular, e os professores repetirão a frase “Fifi e Pipo confiam no tio Edu da creche, que também ensinou que nessas partes ninguém meche”. Os professores convidarão as crianças para colarem as atividades realizadas no papel kraft que será exposto na sala de aula para apreciação (na altura das crianças) e entregará material riscante como giz de cera e canetinhas para elas possam imprimir suas marcas livremente.

Esta atividade contempla alguns objetivos de aprendizagens descritos na BNCC nos campos de experiência: *Escuta, fala, pensamento e imaginação, O eu, o outro e o nós, Traços, sons, cores e formas e Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações*, elencados na tabela 17.



Figura 8. Fifi. Fonte: Fifi e Pipo para bebês (Arcari, 2012).



Figura 9. Fifi. Fonte: Fifi e Pipo para bebês (Arcari, 2012).



Figura 10. Hora do banho. Fonte: Fifi e Pipo para bebês (Arcari, 2012).



Figura 11. Ninguém mexe. Fonte: Fifi e Pipo para bebês (Arcari, 2012).

### Tabela 17

*Identificação dos campos de experiências e objetivos de aprendizagens descritas na BNCC, contempladas no quinto momento da sequência didática para bebês (0 a 1 anos e 6 meses)*

<b>Campo de Experiência</b>	<b>Objetivos de Aprendizagens</b>
<i>Escuta, fala, pensamento e imaginação</i>	<p>(EI01EF04) Reconhecer elementos das ilustrações de histórias, apontando-os, a pedido do adulto-leitor.</p> <p>(EI01EF06) Comunicar-se com outras pessoas usando movimentos, gestos, balbucios, fala e outras formas de expressão.</p> <p>(EI01EF09) Conhecer e manipular diferentes instrumentos e suportes de escrita.</p>
<i>O eu, o outro e o nós</i>	(EI01EO03) Interagir com crianças da mesma faixa etária e adultos ao explorar espaços, materiais, objetos, brinquedos.
<i>Traços, sons, cores e formas</i>	(EI01TS02) Traçar marcas gráficas, em diferentes suportes, usando instrumentos riscantes.
<i>Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações</i>	<p>(EI01ET01) Explorar e descobrir as propriedades de objetos e materiais (textura).</p> <p>(EI01ET03) Explorar o ambiente pela ação e observação, manipulando, experimentando e fazendo descobertas.</p>

Nota. Fonte: Elaboração própria, com base na BNCC (Ministério da Educação, 2018).

O Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (1998a) afirma que “as crianças devem ter liberdade para manusear e explorar diferentes tipos de objetos” (p.179). Nesse sentido, cada material selecionado para o desenvolvimento da atividade do momento, cumpre essa orientação, e proporciona novas oportunidades de aprendizado para as crianças, que aos poucos vão internalizando conceitos de autoproteção a partir da sua vivência diária no contexto escolar.

Ao participar das atividades propostas no livro Fifi e Pipo, as crianças têm acesso a informações claras sobre autoproteção de acordo com a faixa etária, ao mesmo tempo em que conhece novas texturas, toca e tem oportunidade de deixar suas marcas gráficas no papel kraft com materiais riscantes como a canetinha e o giz de cera.

Para os bebês existem materiais riscantes mais grossos, mais macios, canetões próprios para a faixa etária. A partir do momento que essas crianças já sentam e seguram objetos, é importante oferecer riscadores (Rosset et al., 2017).

Quanto menores forem às crianças mais suas representações e noções sobre o mundo estão associadas diretamente aos objetos concretos da realidade conhecida, observada, sentida e vivenciada. O crescente domínio e uso da linguagem, assim como a capacidade de interação, possibilitam, todavia, que seu contato com o mundo se amplie, sendo cada vez mais mediado por representações e por significados construídos culturalmente (Ministério da Educação, 1998. p. 169).

A Educação Sexual para a prevenção a violência sexual na infância pode ser iniciada com os bebês por meio de atividades planejadas no contexto escolar, cuidando e educando as crianças para que, de forma gradativa elas possam desenvolver noções sobre o mundo que as cercam. Assim, a sequência didática apresentada composta por cinco momentos, contemplou vinte e quatro objetivos de aprendizagens descritas na BNCC, por meio de atividades que contribuem com a prevenção da violência sexual contra crianças para bebês de meses a um ano e seis meses, respeitando sua fase de desenvolvimento.

#### 5.2.2.2 CRIANÇAS BEM PEQUENAS (1 ANO E 7 MESES A 3 ANOS E 11 MESES)

Nessa faixa etária a criança já adquiriu novas habilidades, a oralidade está mais desenvolvida, nesse período começa a controlar os esfíncteres, demonstra curiosidades pelo corpo do adulto buscando respostas. Uma professora grávida desperta grande interesse e pode ser o motivo de muitos questionamentos.

Também é comum que a criança explore todo o corpo, incluindo os genitais, na busca por conhecê-lo. Ainda não desenvolveram o senso de privacidade, não se incomodam com a nudez. As pautas de vários diálogos entre seus pares envolvem as funções corporais de excreção (Arcari, 2015).

Segundo Freud, as crianças bem pequenas encontram-se na fase anal, onde sentem prazer em produzir fezes e urina, ao deixar as fraldas tem maior acesso aos genitais e percebem novas sensações corporais. A progressiva autonomia desenvolvida nessa fase envolve novas descobertas e desafia os profissionais da educação a lhes fornecer informações verdadeiras de formas simples e responsável (Nunes & Silva, 2006, p. 85).

Com intuito de contribuir com a prática pedagógica dos profissionais da Educação Infantil e também com o enfrentamento à violência sexual, elaborou-se uma sequência pedagógica para trabalhar a temática com crianças bem pequenas com idade de 1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses.

## **1º MOMENTO**

Organizar o espaço para que as crianças fiquem confortáveis, de um modo que todos consigam ver as ilustrações. Os professores apresentarão ao grupo o livro “Pipo de Fifi” da autora Caroline Arcari (Figura 12), destacando as informações da história (título, nome do autor, ilustração e outros). Farão a leitura da história usando entonação de voz e despertando o interesse em escutá-la, apresentando as imagens para as crianças. Ao final da leitura os professores questionarão as crianças mostrando algumas partes específicas do livro “Qual é a peça de roupa que a Fifi usa? E o Pipo? E explicarão que as partes do corpo que cobrimos com a calcinha e cueca são nossas partes íntimas. Os professores então podem nomear todas as partes do corpo, pedindo que as crianças toquem em suas respectivas partes em frente ao espelho. Por meio das ilustrações do livro, os professores apresentarão as diferenças entre meninos e meninas mostrando as imagens da página 10 e 11 (Figura 13 e 14). Na sequência explicarão que existem algumas partes do corpo que só podem ser tocadas para serem higienizadas ou medicadas por pessoas da rede segurança, não podemos receber carinhos, por isso o livro apresenta toques do Sim e do Não. Os professores podem sugerir que as crianças

gritem bem alto Sim e Não, de acordo com as imagens apresentadas no livro. Para finalizar a atividade as crianças receberão papel A3, lápis de cor, canetinhas e giz de cera para ilustrarem uma pessoa da qual a criança confia.



Figura 12. Capa do Livro Pipo e Fifi. Fonte: Arcari (2013)<sup>11</sup>.

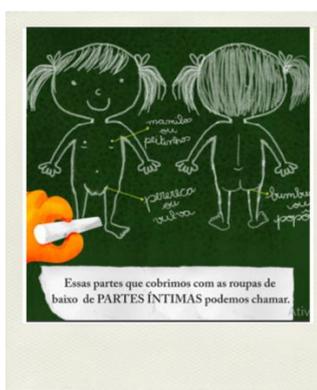


Figura 13. Partes íntimas femininas. Fonte: Livro Pipo e Fifi. Arcari (2013).



Figura 14. Partes íntimas masculinas. Fonte: Livro Pipo e Fifi. Arcari (2013).

<sup>11</sup> Recuperado de <https://ifan.com.br/wp-content/uploads/2020/04/Caroline-Arcari-Pipo-e-Fifi.pdf>.

Esta atividade contempla alguns objetivos de aprendizagens descritos na BNCC no campo de experiência *Escuta, fala, pensamento e imaginação, O eu, o outro e o nós e Corpo, Gestos e Movimento* para crianças bem pequenas de um ano de sete meses a três anos e onze meses, elencados na tabela (18):

Tabela 18

*Identificação dos campos de experiências e objetivos de aprendizagens descritas na BNCC, contempladas no primeiro momento da sequência didática para crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)*

<b>Campo de Experiência</b>	<b>Objetivos de Aprendizagens</b>
<i>Escuta, fala, pensamento e imaginação</i>	<p>(EI02EF03) Demonstrar interesse e atenção ao ouvir a leitura de histórias e outros textos, diferenciando escrita de ilustrações, e acompanhando, com orientação do adulto-leitor, a direção da leitura (de cima para baixo, da esquerda para a direita)</p> <p>(EI02EF04) Formular e responder perguntas sobre fatos da história narrada, identificando cenários, personagens e principais acontecimentos.</p> <p>(EI02EF09) Manusear diferentes instrumentos e suportes de escrita para desenhar, traçar letras e outros sinais gráficos.</p>
<i>O eu, o outro e o nós</i>	<p>(EI02EO02) Demonstrar imagem positiva de si e confiança em sua capacidade para enfrentar dificuldades e desafios.</p> <p>(EI02EO05) Perceber que as pessoas têm características físicas diferentes, respeitando essas diferenças.</p>
<i>Corpo, Gestos e Movimento</i>	<p>(EI02CG05) Desenvolver progressivamente as habilidades manuais, adquirindo controle para desenhar, pintar, rasgar, folhear, entre outros</p>

*Nota.* Fonte: Elaboração própria, com base na BNCC (Ministério da Educação, 2018).

O livro Pipo e Fifi é uma ferramenta de autoproteção que oferece informações apropriadas ao estágio de desenvolvimento das crianças. Contribuindo para a vivência de

uma “infância saudável, proporcionando um ambiente seguro no qual podem aprender os nomes corretos das partes do corpo” e aprender sobre segurança (Unesco, 2019, p. 88).

O ato de leitura é um ato cultural e social. Quando o professor faz uma seleção prévia da história que irá contar para as crianças, independentemente da idade delas, dando atenção para a inteligibilidade e riqueza do texto, para a nitidez e beleza das ilustrações, ele permite as crianças construírem um sentimento de curiosidade pelo livro (Ministério da Educação, 1998a, p. 135).

É fundamental que os professores leiam o livro previamente, façam o planejamento da aula, explore as imagens do livro de modo a despertar o interesse das crianças, levando uma mensagem responsável e necessária para o desenvolvimento integral desse público.

Uma criança nessa faixa etária não sabe diferenciar carinho de violência sexual, ainda mais quando é alguém do seu convívio familiar que a toca para obter prazer sexual, ela pode compreender como algo natural que acontece com todas as outras crianças. Por isso é fundamental que as escolas abordem a temática e as ensinem de forma lúdica e simples sobre os toques considerados demonstrações de afeto e os toques que sinalizam violência.

## **2º MOMENTO**

Previamente os professores organizarão um espaço com banheiras ou bacias, bonecas sexuadas do gênero feminino e masculino, produtos de higiene (sabonete, shampoo, esponja) e toalha. Ao iniciar a aula, os professores organizarão uma roda de conversa com as crianças e explicarão que vão assistir a um vídeo de um ratinho muito esperto e farão alguns questionamentos: “Vocês já viram um ratinho tomando banho? Será que os ratinhos tomam banho? Vocês acham que precisamos tomar banho? Por quê?”. Após o diálogo entre os professores e a turma, será apresentado o vídeo “Meu pé, meu querido pé – Castelo Rá – Tim - Bum” (Figura – 15). Na sequência, será realizada a socialização por meio do diálogo: “Vocês gostaram do vídeo? O que o ratinho estava fazendo? Onde ele tomava banho? E você, onde toma banho? Quais partes do corpo o ratinho lavou? O que ele fez após tomar banho? - Vocês acham que devemos tomar banho todos os dias? Por quê? O que usamos quando vamos tomar banho?”. Dando continuidade à atividade, os professores encaminharão as crianças até a parte externa da sala de aula, explicarão as regras da atividade (dividirão em grupos de acordo com a quantidade de material disponível) e as convidarão para dar banho

nas bonecas, explicando a importância do banho, nomeando todas as partes do corpo das bonecas para que as crianças possam lavar, explicando que ao limpar as partes íntimas é sempre importante pedir licença, pois essa é uma parte muito especial do corpinho, que só pode ser tocada para lavar, limpar e passar remédio. O toque precisa ser rápido, não pode demorar, as crianças precisam da ajuda de um adulto de confiança (que pode ser a vovó, a mãe, a professora...) para tomar banho, mas aos poucos elas vão ganhando autonomia e um dia vão tomar banho sozinhas. Ao finalizar a atividade proposta, as crianças secarão as bonecas, colocarão suas roupinhas e brincarão livremente, os professores podem explicar que a roupinha é uma proteção para o corpinho, que algumas crianças usam fralda e roupinha, outras usam cueca/calcinha e a roupinha, duas peças que protegem as partes íntimas<sup>12</sup>.



Figura 15. “Meu Pé meu querido Pé – Castelo Rá – Tim – Bum”. Fonte: Mundo Nostalgia (2013). Recuperado de [https://www.youtube.com/watch?v=JovcPhnys2Q&list=RDJovcPhnys2Q&start\\_radio=1](https://www.youtube.com/watch?v=JovcPhnys2Q&list=RDJovcPhnys2Q&start_radio=1).

#### Tabela 19

*Identificação dos campos de experiências e objetivos de aprendizagens descritas na BNCC, contempladas no segundo momento da sequência didática para crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)*

<b>Campo de Experiência</b>	<b>Objetivos de Aprendizagens</b>
<i>Escuta, fala, pensamento e imaginação</i>	(EI02EF01) Dialogar com crianças e adultos, expressando seus desejos, necessidades,

<sup>12</sup> Adaptação da atividade proposta pela Secretaria Municipal de Educação de Umuarama – Pr, Coletânea de sequência didática para sondagem de desenho educação infantil de 0 a 3 anos” (Prefeitura Municipal de Umuarama, 2015).

	sentimentos e opiniões.  (EI02EF05) Relatar experiências e fatos acontecidos, histórias ouvidas, filmes ou peças teatrais assistidas etc
<i>O eu, o outro e o nós</i>	(EI02EO01) Demonstrar atitudes de cuidado e solidariedade na interação com crianças e adultos.  (EI02EO04) Comunicar-se com os colegas e os adultos, buscando compreendê-los e fazendo-se compreender.  (EI02EO06) Respeitar regras básicas de convívio social nas interações e brincadeiras.  (EI02EO03) Compartilhar os objetos e os espaços com crianças da mesma faixa etária e adultos.
<i>Corpo, Gestos e Movimento</i>	(EI02CG01) Apropriar-se de gestos e movimentos de sua cultura no cuidado de si e nos jogos e brincadeiras.  (EI02CG04) Demonstrar progressiva independência no cuidado do seu corpo

*Nota.* Fonte: Elaboração própria, com base na BNCC (Ministério da Educação, 2018).

A criança vivencia o banho todos os dias, e gradativamente toma consciência do mundo, dos significados, reúne informações, organiza explicações e vai compreendendo o modo de conceber a cultura a qual está inserida. Algumas crianças nessa fase não têm inibição quanto à nudez, a noção de privacidade vai sendo construída aos poucos.

Quanto menores forem às crianças, mais suas representações e noções sobre o mundo estão associadas diretamente aos objetos concretos da realidade conhecida, observada, sentida e vivenciada. O crescente domínio e uso da linguagem, assim como a capacidade de interação, possibilitam, todavia que seu contato com o mundo se amplie, sendo cada vez mais mediado por representações e por significados construídos culturalmente (Ministério da Educação, 1998a, p. 169).

Por isso incluir objetos concretos como a banheira, a água, o sabonete, o shampoo, a toalha e as bonecas na atividade, proposta no segundo momento da sequência didática, oferece maior compreensão das crianças, aumenta o interesse e participação na atividade. A

orientação dos professores quanto aos cuidados corporais e a prevenção à violência sexual na infância no momento da atividade precisa ocorrer de forma natural, não enfatizando esse ou aquele diálogo, de forma que a criança compreenda a nudez, o banho e tudo que envolve esse momento como algo que faz parte do seu dia a dia e promove seu bem estar.

### 3º MOMENTO

Preparar o espaço para que as crianças sintam-se confortáveis, convidá-las para ouvir a música que será cantada pelos professores (ou apresentada às crianças utilizando um recurso audiovisual) “Toque do Sim, Toque do Não – Tio Som e Tia Laila”<sup>13</sup> (Figura 16), letra descrita na Tabela 20. Na sequência os professores entregarão um tambor confeccionado previamente com material reciclável (Figura 17) para que as crianças possam acompanhar a letra da música que será cantada novamente, elas serão incentivadas a dançar e a bater no tambor de acordo com o ritmo da música. Após todos se divertirem com a atividade proposta, os professores farão uma roda de conversa, e explicarão sobre limite corporal, sobre toques do sim e toques do não, utilizando o recurso pedagógico “Semáforo do Toque” (Figura 18), orientando as crianças que os toques nas partes íntimas que não forem para higienizar ou medicar precisam ser relatados a um adulto de confiança, explicando que o próprio professor pode ser comunicado.

Tabela 20

#### *Letra da música Toque do Sim, Toque do Não*

<p>TOQUE DO SIM, TOQUE DO NÃO (Tio Som e Tia Laila)</p> <p>É o toque do sim          É o toque do não          Você sabe criança          Onde podem pôr a mão?</p> <p>O toque do sim          É um toque legal          Você fica feliz          E se sente especial          Já o toque do não          É um toque do mal          Traz vergonha e dor</p>
--

<sup>13</sup> Vídeo Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=dUEuILLugno> (Figura 16).

Uma culpa sem igual  
Então fica esperto  
Que tudo vai ficar legal

Criança esperta  
Já sabe muito bem  
Há um toque do mal  
E um toque do bem

Se alguém quiser tocar  
No seu corpinho  
E você não confiar  
Então não permita diga não  
Sua mãozinha, sua boca  
Ou qualquer outra parte  
Se alguém for tocar  
E você não gostar  
Então diga não  
Não, não, não, não

Agora meninas  
Ouçam o que eu vou falar  
O seu corpo é um tesouro  
Que você tem que cuidar  
Seu bumbum, sua vulva  
E também os seus peitinhos  
São lugares onde ninguém  
Pode te fazer carinho

Garotos ouçam bem prestem muita atenção  
Seu bumbum e seu pênis  
Devem ter sua proteção  
Vou te passar a real se liga meu irmão  
Se alguém vier fazer carinho  
Você deve dizer não

*Nota.* Fonte: Tio Som (2021)<sup>14</sup>.

---

<sup>14</sup> Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=dUEuILLugno>.



Figura 16. Vídeo Toque do Sim, Toque do Não – Tio Som e Tia Laila. Fonte: Tio Som (2021). Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=dUEuILLugno>.



Figura 17. Tambor construído com materiais reciclados. Fonte: Imagem da Internet. Recuperado de <https://catracalivre.com.br/catraquinha/confira-6-ideias-de-instrumentos-caseiros-para-as-criancas/>.



*Figura 18. Semáforo do Toque. Fonte: Imagem da Internet. Recuperado de <https://br.pinterest.com/pin/214061788533545430/>.*

Esta atividade contempla alguns objetivos de aprendizagens descritos na BNCC nos campos de experiência: *Escuta, fala, pensamento e imaginação, O eu, o outro e o nós, Corpo, Gestos e Movimento e Traços, sons, cores e formas* elencados na tabela 20.

Tabela 21

*Identificação dos campos de experiências e objetivos de aprendizagens descritas na BNCC, contempladas no terceiro momento da sequência didática para crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)*

<b>Campo de Experiência</b>	<b>Objetivos de Aprendizagens</b>
<i>Escuta, fala, pensamento e imaginação</i>	(EI02EF01) Dialogar com crianças e adultos, expressando seus desejos, necessidades, sentimentos e opiniões.
<i>O eu, o outro e o nós</i>	(EI02EO02) Demonstrar imagem positiva de si e confiança em sua capacidade para enfrentar dificuldades e desafios.  (EI02EO03) Compartilhar os objetos e os espaços com crianças da mesma faixa etária e adultos.
<i>Traços, sons, cores e formas</i>	(EI02TS03) Utilizar diferentes fontes sonoras disponíveis no ambiente em brincadeiras cantadas, canções, músicas e melodias  (EI02TS01) Criar sons com materiais, objetos e instrumentos musicais, para acompanhar diversos ritmos de música.
<i>Corpo, Gestos e Movimento</i>	(EI02CG04) Demonstrar progressiva independência no cuidado do seu corpo.  (EI02CG03) Explorar formas de deslocamento no espaço (pular, saltar, dançar), combinando movimentos e seguindo orientações.

*Nota.* Fonte: Elaboração própria, com base na BNCC (Ministério da Educação, 2018).

O terceiro momento contemplou roda de conversa, música, dança, instrumento musical e transmitiu informações sobre prevenção a violência sexual na infância, com

orientações claras sobre os tipos de toques. O Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil explica que “a música na educação infantil mantém forte ligação com o brincar” (Ministério da Educação, 1998a, p. 70).

Jogos e brinquedos musicais são transmitidos por tradição oral. Persistindo nas sociedades urbanas nas quais a força da cultura de massas é muito intensa, pois são fonte de vivências e desenvolvimento expressivo musical. Envolvendo o gesto, o movimento, o canto, a dança e o faz-de-conta, esses jogos e brincadeiras são expressão da infância (Ministério da Educação, 1998a, p. 71).

Assim, por meio de expressões próprias da infância inserimos a temática de prevenção à violência sexual, considerando a fase de desenvolvimento da criança, utilizando recursos lúdicos para transmitir-lhes informações que contribuem com sua segurança e bem estar. Arcari (2015) explica que nessa faixa etária as crianças devem saber quais são as pessoas da sua rede de segurança, que estão autorizadas a auxiliá-las com a higiene.

#### **4º MOMENTO**

Organizar um espaço para que as crianças fiquem confortáveis e apresentar um teatro de fantoches com a história “Kiko e a Mão” (Figura 19) do autor Amsterdam (2013)<sup>15</sup>. Ao finalizar a apresentação, os professores organizarão uma roda de conversa com as crianças e questionarão: “A Mão era amiga de Kiko? Ela fez coisas legais com ele? Quais? Mesmo levando Kiko pra passear, brincando com ele, dando doces, a Mão pode tocar em todas as partes do corpo de Kiko? O que Kiko respondeu quando a mão pediu se podia tocar por baixo da roupa interior?”, então os professores reforçam que mesmo que a pessoa for muito legal, muito amiga, se der doces e presentes, ela não pode tocar em suas partes íntimas, as crianças precisam sempre dizer não e contar para alguém de sua confiança. Em seguida, os professores farão o molde das mãos de cada criança em papel colorido, recortarão, colarão no palito de sorvete. Oferecerão massinha de modelar para que as crianças possam construir o personagem da história Kiko de forma tridimensional. Para encerrar a atividade as crianças serão estimuladas a recontarem a história ouvida na sala de aula utilizando os materiais

---

<sup>15</sup> Disponível no site: [https://biblioteca.sns.gov.pt/wpcontent/uploads/2017/05/crescer\\_Kiko-e-a-ma%CC%83o.pdf](https://biblioteca.sns.gov.pt/wpcontent/uploads/2017/05/crescer_Kiko-e-a-ma%CC%83o.pdf).

construídos por eles (a mão de papel recortado, colado no palito e o boneco de massinha), também poderão levar para casa para recontar para os pais.



Figura 19. Kiko e a mão. Fonte: [https://biblioteca.sns.gov.pt/wpcontent/uploads/2017/05/crescer\\_Kiko-e-a-ma%CC%83o.pdf](https://biblioteca.sns.gov.pt/wpcontent/uploads/2017/05/crescer_Kiko-e-a-ma%CC%83o.pdf).

Esta atividade contempla alguns objetivos de aprendizagens descritos na BNCC nos campos de experiência: *Escuta, fala, pensamento e imaginação, O eu, o outro e o nós, Corpo, Gestos e Movimento e Traços, sons, cores e formas* elencados na tabela 22.

Tabela 22

*Identificação dos campos de experiências e objetivos de aprendizagens descritas na BNCC, contempladas no quarto momento da sequência didática para crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)*

<b>Campo de Experiência</b>	<b>Objetivos de Aprendizagens</b>
<i>Escuta, fala, pensamento e imaginação</i>	(EI02EF04) Formular e responder perguntas sobre fatos da história narrada, identificando cenários, personagens e principais acontecimentos.  (EI02EF05) Relatar experiências e fatos acontecidos, histórias ouvidas, filmes ou peças teatrais assistidos etc.  (EI02EF06) Criar e contar histórias oralmente, com base em imagens ou temas sugeridos.
<i>O eu, o outro e o nós</i>	(EI02EO03) Compartilhar os objetos e os espaços com crianças da mesma faixa

	etária e adultos.
<i>Traços, sons, cores e formas</i>	(EI02TS02) Utilizar materiais variados com possibilidades de manipulação (argila, massa de modelar), explorando cores, texturas, superfícies, planos, formas e volumes ao criar objetos tridimensionais.
<i>Corpo, Gestos e Movimento</i>	(EI02CG04) Demonstrar progressiva independência no cuidado do seu corpo

*Nota.* Fonte: Elaboração própria, com base na BNCC (Ministério da Educação, 2018).

O quarto momento envolve o fazer artístico a partir da história apresentada “Kiko e a Mão” (Amsterdan, 2013), oportunizando as crianças a manipularem materiais diversos, recontarem a história e também levar para casa o aprendizado realizado em contexto escolar. O referencial curricular Nacional para Educação Infantil sugere que “sejam apresentadas atividades variadas que trabalhem uma mesma informação de diversas formas” (Ministério da Educação, 2018, p. 98).

Assim, a prevenção à violência sexual na infância é apresentada a turma por meio de contação de história, teatro, ilustrações, construções tridimensionais e brincadeiras, para que as crianças possam aos poucos internalizar conceitos de autoproteção, ser capaz de identificar toques violentos e pedir ajuda caso necessário.

Ornellas (2021) reforça que “a prevenção aos abusos deve ser iniciada desde cedo, para que as crianças saibam o que é normal e o que deve ser reportado para algum responsável” (p.84). É nesse sentido que todas as atividades foram elaboradas. Ao abordar a temática é sinalizado para a criança que o assunto é importante, que a escola se preocupa e oferece suporte para que a criança possa quebrar o ciclo de violência com o auxílio dos professores.

## 5º MOMENTO

Organizar o espaço com vários portadores textuais como o livro “Pipo e Fifi” da autora Caroline Arcari (2013), a história “Kiko e a mão” de Amsterdan (2013) e folders da campanha de prevenção a violência sexual na infância para que as crianças possam manipular e demonstrar reconhecer seu uso social. Os professores farão as mediações necessárias ao grupo, questionando sobre os materiais que as crianças estão explorando e lembrando-as sobre o que foi apresentado sobre a temática até o momento. Na sequência, será disponibilizado tintas coloridas, pincéis e papel kraft para que elas possam fazer uma linda ilustração sobre o tema que ficará exposto na sala para apreciação.

Esta atividade contempla alguns objetivos de aprendizagens descritos na BNCC no campo de experiência: *Escuta, fala, pensamento e imaginação*, elencados na tabela 24.

Tabela 23

*Identificação dos campos de experiências e objetivos de aprendizagens descritas na BNCC, contempladas no quinto momento da sequência didática para crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)*

<b>Campo de Experiência</b>	<b>Objetivos de Aprendizagens</b>
<i>Escuta, fala, pensamento e imaginação</i>	<p>(EI02EF07) Manusear diferentes portadores textuais, demonstrando reconhecer seus usos sociais.</p> <p>(EI02EF08) Manipular textos e participar de situações de escuta para ampliar seu contato com diferentes gêneros textuais (parlendas, histórias de aventura, tirinhas, cartazes de sala, cardápios, notícias etc.).</p> <p>(EI02EF09) Manusear diferentes instrumentos e suportes de escrita para desenhar, traçar letras e outros sinais gráficos</p>

*Nota.* Fonte: Elaboração própria, com base na BNCC (Ministério da Educação, 2018).

Reunimos diferentes portadores textuais no momento cinco, para que as crianças explorem de forma livre e façam suas próprias interpretações a partir das imagens, mediadas pelos professores sempre que necessário sobre a temática de prevenção a violência sexual na infância. As crianças “desde pequenas estão em contato com a linguagem escrita por meio dos seus diferentes portadores textos como livros, jornais, embalagens e cartazes (. . .)” (Ministério da Educação, 1998a, p. 122), e aos poucos vão aprendendo os significados da escrita.

As palavras só tem sentido em anunciados e textos que significam e são significados por situações. A linguagem não é apenas vocabulário, lista de palavras ou sentenças. É por meio do diálogo que a comunicação acontece (Ministério da Educação, 1998a, p. 121). Assim, estimulando o diálogo, oferecendo oportunidade de acesso ao material indicado para a faixa etária, a criança poderá reportar a professora ou outro adulto que confie alguma situação que se relacione com a temática, pois lhe foi dado condições para isso em contexto escolar.

Ao oferecer tinta e papel kraft, também estamos promovendo um momento de comunicação, pois a arte da criança reflete a cultura ao qual ela está inserida. “A criança trabalha sobre a hipótese de que o desenho serve para imprimir tudo que ela sabe sobre o mundo” (Ministério da Educação, 1998a, p. 93).

A Educação Sexual para a prevenção à violência sexual na infância foi iniciada com os bebês e sequenciou-se com crianças bem pequenas, com intuito de oferecer informações claras sobre limite corporal, identificação de toques considerados suspeitos, informando a criança que ela pode pedir ajuda aos professores, contextualizando as informações de forma lúdica, por meio de atividades planejadas no contexto escolar. Assim, a sequência didática para crianças bem pequenas, foi composta por cinco momentos, contemplou vinte e dois objetivos de aprendizagens descritos na BNCC, por meio de atividades que contribuem com a prevenção da violência sexual contra a criança, respeitando sua fase de desenvolvimento.

#### 5.2.2.3 CRIANÇAS PEQUENAS (4 A 5 ANOS E 11 MESES)

Segundo Freud, as crianças pequenas encontram-se na fase fálica, onde já compreenderam as diferenças anatômicas, alguns já manipularam e perceberam prazer nesse exercício (Nunes & Silva, 2006). Em sua maioria já não usam fraldas e trazem consigo muitos questionamentos sobre sexualidade.

“Nesta fase ampliam-se as possibilidades de trabalho que já vinham sendo desenvolvidas com as crianças de zero a três anos” (Ministério da Educação, 2018, p. 59). Espera-se que as crianças de quatro a cinco anos: já apresentem maior autonomia, tenham se familiarizado com a escrita por meio de manuseio de livros, sejam capazes de utilizar a linguagem do desenho a partir do seu próprio repertório, e se comuniquem de forma clara e compreensiva.

É nesta idade também que a criança obrigatoriamente precisa ser matriculada na Educação Infantil, de acordo com o Art. 208 da Emenda Constitucional n. 59 (Emenda Constitucional n. 59, de 11 de novembro de 2009). Algumas já frequentam os espaços escolares desde bebês e outras estão ingressando pela primeira vez.

Com intuito de contribuir com a prática pedagógica dos profissionais da Educação Infantil e também com o enfrentamento a violência sexual, elaborou-se uma sequência pedagógica para trabalhar a temática com crianças pequenas com idade de 4 a 5 anos e 11 meses.

## 1º MOMENTO

Organizar o espaço para que as crianças fiquem confortáveis, de um modo que todos consigam ver as ilustrações. Os professores apresentarão para o grupo o livro “Não me Toca seu Boboca” da autora Andrea Viviana Taubman (2020) (Figura 20), destacando as informações da história (título, nome do autor, ilustração e outros). Farão a leitura da história usando entonação de voz e despertando o interesse em escutá-la, apresentando as imagens para as crianças. Ao final da leitura os professores as questionarão mostrando algumas partes específicas do livro “Vocês lembram o nome da coelhinha? E o Tio Pipoca, que animal ele se parece? Nesse momento, explicar a expressão popular “Lobo em pele de cordeiro” e continuarão os questionamentos: “Por que as crianças foram até a casa do Tio Pipoca?” Qual era condição para que as crianças fossem brincar lá?” Explicar a diferença entre segredo e surpresa. E continuar as perguntas, “O que o Tio Pipoca fez com a Rita que a assustou?”. Em seguida os professores podem contextualizar o livro, explicando que poderia ter acontecido muitas coisas ruins se a personagem Rita não tivesse sido esperta, as crianças precisam aprender quatro regras de segurança quando um adulto tocar em seu corpo de um jeito suspeito, para serem espertos assim como a Rita, a primeira regra é “Dizer Não”, a segunda é “Gritar bem alto” porque se alguém estiver por perto vai ouvir, a terceira é “Sair correndo” o mais rápido que conseguir, igual aos amigos da Rita e a última é “Contar para alguém de confiança”, para que possam ajudá-los, não precisam ter medo ou vergonha. Na sequência, os professores convidarão as crianças a construir cartazes com as quatro regras de segurança, a turma será dividida e cada grupo receberá cartolina, revistas e impressões para recorte, tesoura, cola, canetinhas, lápis e giz de cera, para elaborarem da forma que desejarem. Os professores mediarão esse processo com os auxílios necessários. Ao final cada grupo apresentará para a turma seu cartaz que será exposto na sala para apreciação (Rocha, 2021a).

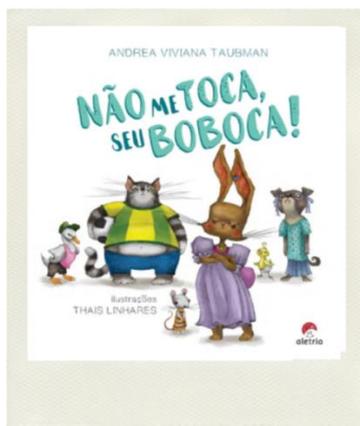


Figura 20. Não me toca seu boboca. Fonte: Acervo pessoal.

Esta atividade contempla alguns objetivos de aprendizagens descritos na BNCC nos campos de experiência: *Escuta, fala, pensamento e imaginação*, *Corpo, gestos e movimento*, *Traços, sons, cores e formas* e *O eu, o outro e o nós* elencados na tabela 24.

Tabela 24

*Identificação dos campos de experiências e objetivos de aprendizagens descritas na BNCC, contempladas no primeiro momento da sequência didática para crianças pequenas (4 a 5 anos e 11 meses)*

<b>Campo de Experiência</b>	<b>Objetivos de Aprendizagens</b>
<i>Escuta, fala, pensamento e imaginação</i>	(EI03EF01) Expressar ideias, desejos e sentimentos sobre suas vivências, por meio da linguagem oral e escrita (escrita espontânea), de fotos, desenhos e outras formas de expressão.
<i>Corpo, gestos e movimento</i>	(EI03CG02) Demonstrar controle e adequação do uso de seu corpo em brincadeiras e jogos, escuta e reconto de histórias, atividades artísticas, entre outras possibilidades.
<i>Traços, sons, cores e formas</i>	(EI03TS02) Expressar-se livremente por meio de desenho, pintura, colagem, dobradura e escultura, criando produções bidimensionais e tridimensionais.
<i>O eu, o outro e o nós</i>	(EI03EO04) Comunicar suas ideias e sentimentos a pessoas e grupos diversos  (EI03EO03) Ampliar as relações interpessoais, desenvolvendo atitudes de participação e cooperação.

*Nota.* Fonte: Elaboração própria, com base na BNCC (Ministério da Educação, 2018).

Os professores trabalham prevenção à violência sexual na infância por meio de uma narrativa que fornece elementos para se pensar na violência sexual, mas ao mesmo tempo não expõe detalhes da situação, levando as crianças a imaginarem o que poderia acontecer se a personagem Rita não conhecesse as regras de autoproteção.

Ter acesso à boa leitura é dispor de uma informação cultural que alimenta a imaginação e desperta o prazer pela leitura. A intenção de fazer com que as crianças desde cedo, apreciem o momento de sentar para ouvir histórias exige que o professor, como leitor, preocupe-se em lê-la com interesse, criando um ambiente agradável e convidativo á escuta atenta, mobilizando a expectativa das crianças, permitindo que elas olhem o texto e a ilustração enquanto a história é lida (Ministério da Educação, 1998a, p. 143).

As imagens expressam emoções e sentimentos que ao serem narradas e apresentadas as crianças, podem transportá-la para aquele contexto, nessa faixa etária eles podem se imaginar vivendo a mesma situação. Ao ensinar as quatro regras de autoproteção, os professores apontam ações claras e práticas para que as crianças possam agir diante de uma possível situação de violência sexual, ampliando seus conhecimentos e elaborando novas formas de agir.

## **2º MOMENTO**

Os professores convidarão as crianças a recontarem a história “Não me toca seu Boboca”, e serão os escribas, anotando no papel Kraft, questionando: “Quem é o personagem? Onde ele estava? Estava sozinho? O que aconteceu? O que ele falou?”. Se for necessário, apresentar novamente as imagens do livro para auxiliar as crianças até finalizarem a história. Na sequência, os professores sugerem para a turma a encenação de um teatro com aquela história ou criarão um novo roteiro a partir da temática, farão a escolha dos personagens, do cenário e farão as adaptações necessárias. Poderão surgir conflitos durante essa atividade que serão mediados pelos professores. Ao realizarem a apresentação os professores farão a filmagem e posteriormente apresentarão as crianças.

Esta atividade contempla alguns objetivos de aprendizagens descritos na BNCC nos campos de experiência: *Escuta, fala, pensamento e imaginação, Corpo, gestos e movimento e O eu, o outro e o nós* elencados na tabela 25.

Tabela 25

*Identificação dos campos de experiências e objetivos de aprendizagens descritas na BNCC, contempladas no segundo momento da sequência didática para crianças pequenas (4 a 5 anos e 11 meses)*

<b>Campo de Experiência</b>	<b>Objetivos de Aprendizagens</b>
<i>Escuta, fala, pensamento e imaginação</i>	(EI03EF05) Recontar histórias ouvidas para produção de reconto escrito, tendo o professor como escriba  (EI03EF04) Recontar histórias ouvidas e planejar coletivamente roteiros de vídeos e de encenações, definindo os contextos, os personagens, a estrutura da história.
<i>Corpo, gestos e movimento</i>	(EI03CG01) Criar com o corpo formas diversificadas de expressão de sentimentos, sensações e emoções, tanto nas situações do cotidiano quanto em brincadeiras, dança, teatro, música  (EI03CG02) Demonstrar controle e adequação do uso de seu corpo em brincadeiras e jogos, escuta e reconto de histórias, atividades artísticas, entre outras possibilidades.  (EI03CG03) Criar movimentos, gestos, olhares e mímicas em brincadeiras, jogos e atividades artísticas como dança, teatro e música
<i>O eu, o outro e o nós</i>	(EI03EO04) Comunicar suas ideias e sentimentos a pessoas e grupos diversos  (EI03EO02) Agir de maneira independente, com confiança em suas capacidades, reconhecendo suas conquistas e limitações.

*Nota.* Fonte: Elaboração própria, com base na BNCC (Ministério da Educação, 2018).

É por meio da observação da escrita que as crianças elaboram hipóteses e constroem aprendizagens. Recontar histórias com o auxílio dos professores, reconstruindo o texto

original a sua maneira, com apoio das ilustrações e da versão lida, contribui para uma maior compreensão da criança sobre o significado do texto (Ministério da Educação, 1998a).

A dramatização da história é um recurso valioso para que as crianças possam aprender conceitos de autoproteção, é no faz de conta que ela compreende formas de agir e pedir ajuda, identificam situações de perigo, ao mesmo tempo em que se divertem.

### 3º MOMENTO

Organizar espaço para que as crianças sintam-se confortáveis, convidá-las para ouvir a música que será cantada pelos professores (ou apresentada às crianças utilizando um recurso audiovisual) *Ninguém mexe comigo – Bruna Caram*<sup>16</sup> (Figura, 21), letra descrita na Tabela-26. Na sequência os professores convidarão as crianças a participarem de uma oficina para a construção do instrumento musical pandeiro (Figura 22), os materiais necessários são dois pratos de papelão laminado, recorte de notas musicais, argolas de chaveiro, guizos ou chapinhas e cola. Após a confecção do pandeiro individual, as crianças serão convidadas a acompanhar a letra da música que será cantada novamente, incentivadas a criar coreografias, a bater e tocar o pandeiro de acordo com o ritmo da música. Após todos se divertirem com a atividade proposta, os professores farão uma roda de conversa, e explicarão sobre limite corporal, sobre toques do sim e toques do não, utilizando o recurso pedagógico *Semáforo do Toque* (Figura 18), orientando as crianças que toques nas partes íntimas que não forem para higienizar ou medicar precisam ser relatados a um adulto de confiança, explicando que o próprio professor pode ser comunicado ou se a criança preferir pode ligar no Disque 100.

Tabela 26 *Letra da música Ninguém Mexe Comigo*

*Letra da música Ninguém Mexe Comigo*

<p><b>NINGUÉM MEXE COMIGO (Bruna Caram)</b></p> <p>É muito importante ser valente  E ser valente é ser confiante  Que gente pequenina já é gente  E toda gente pode ser gigante  Não é todo adulto que faz sempre certo tudo todo o tempo  Criança também sabe muito do seu mundo e do seu sentimento</p>
---

<sup>16</sup> Ninguém mexe comigo. (2020, maio 18). Vídeo Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=J1RHieEwrNE&t=10s> (Figura 17).

Criança também diz: isso não pode!!!  
 Criança também diz quando parar!  
 Ninguém mexe comigo  
 O meu corpo é meu abrigo  
 Só quem me tem respeito é que pode se aproximar

Se eu achar estranho o jeito de alguém me encostar, eu vou gritar!  
 Se eu achar suspeito o jeito de alguém me mexer, eu vou correr!  
 Se alguém me maltratar, eu vou contar!  
 Se eu for contar e não souber pra quem,  
 Eu disco 100!  
 Eu disco 100!  
 Eu disco 100!  
 Eu disco 100!

Então se você achar que alguém por perto está fazendo algo que não é certo  
 Tipo fingir ser amigo e fazer maldades contigo  
 Como te tocar, olhar fotografar ou se mostrar,  
 E se disser que se você contar não vão acreditar,  
 Não importa quem seja, se proteja, ouça bem:  
 Gritar, correr, contar ou discar 100!  
 A culpa não é sua ouça bem, Gritar, correr, contar ou discar 100!  
 Eu disco 100!  
 Eu disco 100!  
 Eu disco 100!

*Nota.* Fonte: Elaboração própria.



*Figura 21.* Vídeo da música “Ninguém mexe comigo”. Fonte: Ninguém mexe comigo. (2020, maio 18). Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=J1RHieEwRNE&t=10s>.



Figura 21. Pandeiro Reciclável. Fonte: Imagem da Internet. Recuperado de <http://anacriative1.blogspot.com/2014/08/instrumento-de-sucata-pandeiro.html>.

Esta atividade contempla alguns objetivos de aprendizagens descritos na BNCC nos campos de experiência: *Escuta, fala, pensamento e imaginação*, *Corpo, gestos e movimento*, *Traços, sons, cores e formas* e *O eu, o outro e o nós* elencados na tabela 27.

Tabela 27

*Identificação dos campos de experiências e objetivos de aprendizagens descritas na BNCC, contempladas no terceiro momento da sequência didática para crianças pequenas (4 a 5 anos e 11 meses)*

<b>Campo de Experiência</b>	<b>Objetivos de Aprendizagens</b>
<i>Escuta, fala, pensamento e imaginação</i>	(EI03EF01) Expressar ideias, desejos e sentimentos sobre suas vivências, por meio da linguagem oral e escrita (escrita espontânea), de fotos, desenhos e outras formas de expressão.
<i>Corpo, gestos e movimento</i>	(EI03CG01) Criar com o corpo formas diversificadas de expressão de sentimentos, sensações e emoções, tanto nas situações do cotidiano quanto em brincadeiras, dança, teatro, música.  (EI03CG03) Criar movimentos, gestos, olhares e mímicas em brincadeiras, jogos e atividades artísticas como dança, teatro e música.  (EI03CG05) Coordenar suas habilidades

	manuais no atendimento adequado a seus interesses e necessidades em situações diversas
<i>Traços, sons, cores e formas</i>	(EI03TS01) Utilizar sons produzidos por materiais, objetos e instrumentos musicais durante brincadeiras de faz de conta, encenações, criações musicais, festas.
<i>O eu, o outro e o nós</i>	(EI03EO05) Demonstrar valorização das características de seu corpo e respeitar as características dos outros (crianças e adultos) com os quais convive.  (EI03EO07) Usar estratégias pautadas no respeito mútuo para lidar com conflitos nas interações com crianças e adultos.

*Nota.* Fonte: Elaboração própria, com base na BNCC (Ministério da Educação, 2018).

Para as crianças nessa faixa etária, os conteúdos relacionados ao fazer musical deverão ser trabalhados em situações lúdicas, fazendo parte do contexto global das atividades. Quando as crianças se encontram em um ambiente afetivo no qual o professor está atento as suas necessidades, falando, cantando, brincando com e para elas, adquirem a capacidade de atenção, tornando-se capazes de ouvir os sons do entorno. Podem aprender com facilidade as músicas mesmo que sua composição não seja fiel (Ministério da Educação, 1998a, p. 67).

A letra da música oferece formas de autoproteção e ensina a criança a ligar no Disque 100, que é um serviço de denúncia de violações dos direitos humanos, que acionam os órgãos competentes possibilitando proteção à criança. Este serviço funciona vinte e quatro horas por dia, incluindo sábados, domingo e feriados. A ligação é gratuita e pode ser realizada de qualquer lugar do Brasil tanto via telefone fixo ou móvel.

A roda de conversa, contextualizando a letra da música e apresentando o semáforo do toque, esclarece a diferença entre toques, oportuniza a participação das crianças, promovendo prevenção à violência sexual na infância de forma lúdica e responsável.

#### **4º MOMENTO**

Os professores organizarão uma caixa surpresa (Figura 23), contendo imagens de todas as partes do corpo humano, incluindo as partes íntimas, então explicarão para as crianças que a brincadeira se chama “Cuidando do Corpo” e assim os professores sortearão

uma imagem por vez, como por exemplo: sorteou uma imagem do pé, então os professores questionarão “Qual o nome dessa parte do corpo?” E explicarão a importância daquela parte sorteada, convidando as crianças a higienizarem de brincadeira, explicando a necessidade de lavar bem, secar entre os dedos. Assim fará com todas as outras partes. Quando as partes íntimas forem sorteadas os professores vão explicar como higienizar e apresentarão formas de autoproteção, esclarecendo que aos poucos as crianças não vão mais precisar da ajuda de nenhum adulto, que serão capazes de lavar-se e limpar-se sozinhos. Que somente algumas pessoas de confiança podem auxiliá-los nesse momento, que qualquer brincadeira ou toque demorado precisam ser relatados para alguém de confiança e que também não podem ser fotografadas sem roupas. Ao final da brincadeira os professores oferecerão massinha de modelar ou argila para que as crianças possam elaborar seu próprio corpo, se as partes íntimas não forem modeladas os professores farão a sugestão e na sequência confeccionarão também peças íntimas (calcinha, cueca, biquíni) de massinha para proteger essas partes especiais do corpinho. Cada criança poderá levar seu boneco para casa (Rocha, 2021a).



*Figura 22.* Caixa Surpresa. Fonte: Imagem da Internet. Recuperado de <https://escolaeducacao.com.br/atividades-recreativas/>.

Esta atividade contempla alguns objetivos de aprendizagens descritos na BNCC nos campos de experiência: *Corpo, gestos e movimento, Traços, sons, cores e formas* e *O eu, o outro e o nós* elencados na tabela 28.

Tabela 28

*Identificação dos campos de experiências e objetivos de aprendizagens descritas na BNCC, contempladas no quarto momento da sequência didática para crianças pequenas (4 a 5 anos e 11 meses)*

<b>Campo de Experiência</b>	<b>Objetivos de Aprendizagens</b>
<i>Corpo, gestos e movimento</i>	(EI03CG04) Adotar hábitos de autocuidado relacionados a higiene, alimentação, conforto e aparência  (EI03CG05) Coordenar suas habilidades manuais no atendimento adequado a seus interesses e necessidades em situações diversas
<i>Traços, sons, cores e formas</i>	(EI03TS02) Expressar-se livremente por meio de desenho, pintura, colagem, dobradura e escultura, criando produções bidimensionais e tridimensionais
<i>O eu, o outro e o nós</i>	(EI03EO02) Agir de maneira independente, com confiança em suas capacidades, reconhecendo suas conquistas e limitações.

*Nota.* Fonte: Elaboração própria, com base na BNCC (Ministério da Educação, 2018).

A atividade proposta acima oferece oportunidade de as crianças observarem o próprio corpo, aprender hábitos de autocuidado, ao mesmo tempo em que são alertadas sobre quem pode auxiliá-las nesse processo, indicando que nem todas as pessoas podem ter acesso a esse momento de intimidade.

É importante lembrar que nesse tipo de trabalho não há necessidade de se estabelecer uma hierarquia prévia entre as partes do corpo que serão trabalhadas. Pensar que para a criança é mais fácil começar a perceber o próprio corpo pela cabeça, depois pelo tronco e por fim pelos membros, por exemplo, pode não corresponder a uma experiência real. Nesse sentido, o professor precisa estar bastante atento aos conhecimentos prévios das crianças acerca de si mesmas e de sua corporeidade, para adequar seus projetos e a melhor maneira de trabalhá-los com o grupo de crianças (Ministério da Educação, 1998a, p. 33).

Ao incentivar a criança a moldar também sua parte íntima, é uma forma de indicar para a criança que os genitais também fazem parte do seu corpo, embora na prática diária de muitos profissionais da educação, essa parte do corpo não é citada, devido a repressão construída ao longo do tempo sobre a temática. Mas para a prevenção à violência sexual na

infância é necessário que a criança compreenda sua existência, suas funções e também formas de protegê-las usando peças de roupas específicas.

## 5º MOMENTO

Os professores organizarão um espaço confortável com livros da Coleção Sentimentos do autor Fábio Gonçalves Ferreira (Figura 24) para que as crianças possam selecionar seu livro favorito, realizar sua própria leitura a partir das imagens ou da recuperação pela memória (uma vez que os professores já fizeram a leitura de todos os livros em outros momentos com a turma), cada criança terá a oportunidade de folhear livros, orientando-se por temas, ilustrações e tentando identificar palavras conhecidas. Em seguida os professores apresentarão as crianças imagens impressos de *emojis* (Figura 25) representando sentimentos que serão apresentados à turma e em seguida colocados em uma caixa surpresa (Figura 23), os professores então farão o sorteio de um *emoji* e tanto os professores quanto as crianças participam. Exemplo sorteou um *emoji* que expressa felicidade, os professores começam perguntando “Que sentimento é esse? O que você acha que deixa as pessoas felizes? Eu fico feliz quando... e vocês quando ficam felizes? Diga duas pessoas que te fazem feliz? Quais as formas de carinho que te deixa feliz? No sorteio de uma expressão de *emoji* triste, as perguntas se repetem *Que sentimento é esse? O que você acha que deixa as pessoas tristes?*

Eu fico triste quando... E vocês quando ficam tristes? Diga duas pessoas que te deixam tristes? Que brincadeiras ou toques te deixa triste? É importante que as perguntas sejam feitas em um tom de brincadeira e não de interrogatório, mas que seja um momento leve, descontraído e divertido. Ao final da atividade os professores orientarão as crianças a levantarem hipóteses em relação à linguagem escrita, realizando o registro de palavras relacionadas ao sentimento por meio da escrita espontânea (Rocha, 2021a).



Figura 23. Coleção Sentimentos. Fonte: Ferreira (2012).

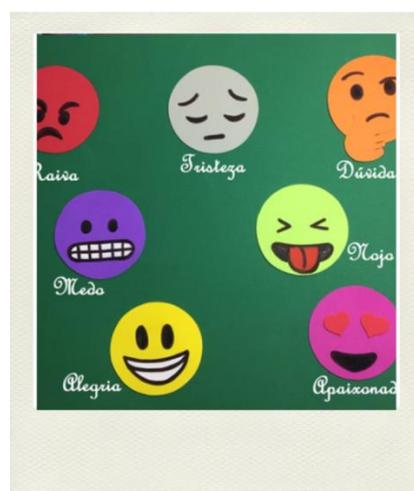


Figura 24. Emoji de sentimentos. Fonte: Imagem da Internet. Recuperado de <https://www.elo7.com.br/emojis-em-eva/dp/164A23E>.

Tabela 29

*Identificação dos campos de experiências e objetivos de aprendizagens descritas na BNCC, contempladas no quinto momento da sequência didática para crianças pequenas (4 a 5 anos e 11 meses)*

<b>Campo de Experiência</b>	<b>Objetivos de Aprendizagens</b>
<i>Leitura, fala, pensamento e imaginação</i>	(EI03EF03) Escolher e folhear livros, procurando orientar-se por temas e ilustrações e tentando identificar palavras conhecidas.  (EI03EF08) Selecionar livros e textos de gêneros conhecidos para a leitura de um

	<p>adulto e/ou para sua própria leitura (partindo de seu repertório sobre esses textos, como a recuperação pela memória, pela leitura das ilustrações etc.).</p> <p>(EI03EF09) Levantar hipóteses em relação à linguagem escrita, realizando registros de palavras e textos, por meio de escrita espontânea.</p>
<i>O eu, o outro e o nós</i>	<p>(EI03EO01) Demonstrar empatia pelos outros, percebendo que as pessoas têm diferentes sentimentos, necessidades e maneiras de pensar e agir.</p> <p>(EI03EO04) Comunicar suas ideias e sentimentos a pessoas e grupos diversos</p>

*Nota.* Fonte: Elaboração própria, com base na BNCC (Ministério da Educação, 2018).

A coleção *sentimentos* do autor Fábio Gonçalves Ferreira, nomeia e explica os sentimentos de maneira simples, dando exemplos de situações cotidianas, que auxilia a criança a relacionar com as emoções que sente em diversas situações. Ao propor que elas possam manipular observar imagens e talvez até identificarem algumas palavras, propicia-se oportunidades de conhecerem as características próprias desse gênero e um maior contato com o portador textual que direciona a atividade apresentada.

O medo é um sentimento presente na maior parte das vítimas de violência sexual, pois para não serem denunciados muitos agressores imprimem esse sentimento na criança e a ameaça de diversas formas. Por temerem serem desacreditadas, ou quando o violentador faz parte do convívio familiar, a criança pode temer perdê-lo, ou sofrer alguma consequência muito grave (Santos & Ippólito, 2011).

A psicóloga Leiliane Rocha (2021a) explica que ao propor uma reflexão sobre os sentimentos e situações cotidianas da criança, de uma forma lúdica e não em tom de interrogatório, pode contribuir para a criança sinalizar que vivenciam violência sexual em contexto extraescolar, e assim a escola pode agir para que o ciclo seja rompido e a criança protegida.

Propor que levantem hipóteses em relação à linguagem escrita é uma forma de contextualizar a atividade, realizando o registro de palavras relacionadas ao sentimento por meio da escrita espontânea, objetiva-se assim “favorecer a construção de escritas de acordo com as ideias construídas pelas crianças e promover a busca de informações específicas de

que necessitem, tanto nos textos disponíveis como recorrendo a informantes (outras crianças e o professor) (Ministério da Educação, 1998a, p. 148).

As atividades apresentadas são possibilidades de prevenção à violência sexual na infância por meio da Educação Sexual, que foi iniciada com os bebês, seguiu com atividades para crianças bem pequenas e sequencia-se com crianças pequenas, finalizando o ciclo de Educação Infantil, com intenção de oferecer informações claras sobre o corpo, limite corporal, identificação de toques considerados suspeitos, informando a criança que ela pode pedir ajuda aos professores, contextualizando as informações de forma lúdica, por meio de atividades planejadas no contexto escolar. Assim, a sequência didática para crianças pequenas, foi composta por cinco momentos, contemplou vinte objetivos de aprendizagens descritos na BNCC, por meio de atividades que contribuem com a prevenção da violência sexual contra a criança, respeitando sua fase de desenvolvimento.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa é sem dúvidas um exercício de autorreflexão da prática docente, possibilitando contribuições e significados para o nosso processo humano e formativo, dentre eles o desenvolvimento da formação continuada na docência, visto que é fruto de muitas leituras e associações com a prática pedagógica, promovendo um processo reflexivo e transformador no meio de atuação pessoal e profissional.

Refletir sobre a sexualidade da criança, suas expressões e os possíveis sinais e sintomas visíveis em contexto educativo, mas que muitas vezes passam despercebidos por diversos profissionais que atuam na área por falta de conhecimento sobre o fenômeno da violência sexual e os tabus que ainda hoje cercam o tema, contribui para o enfrentamento a esse crime presente na sociedade desde os tempos remotos.

Considerando a violência sexual como um fenômeno presente em toda a sociedade, podendo ocorrer com crianças em todas as faixas etárias, em todas as classes sociais, entendido como uma relação de poder que utiliza crianças e adolescentes pra fins sexuais, envolvendo conjunção carnal ou outro ato libidinoso, perpetrado na maioria das vezes por pessoas que fazem parte do convívio das vítimas, em muitos casos o próprio pai. Este trabalho buscou contribuir com o enfrentamento à violência sexual contra a criança sem criar pânico ou medo, por meio de Educação Sexual desde a Educação Infantil, não para encarregar a criança de se auto proteger, mas para informá-las sobre seu corpo e limites que precisam ser respeitados nas relações sociais existentes e também visando uma transformação social, para não haver hierarquizações, desigualdades de poder e desigualdades de gênero, uma vez que a violência sexual contra a criança também se perpetua por meios de tais ações.

Assim a Educação Sexual para a prevenção à violência sexual na infância, busca esclarecer a existência do fenômeno, orientar a criança a não guardar segredos, fator que desempenha um papel extremamente importante na perpetuação desse crime e na proteção do agressor, ensina-lhe sobre o próprio corpo, a identificar toques suspeitos de forma gradativa, de acordo com a faixa etária e propicia repertório aos profissionais da educação infantil para trabalhar a temática se assim desejarem em sala de referência, por meio das sequencias didáticas apresentadas como possibilidades de enfrentamento a violência sexual contra a criança.

Ao mesmo tempo em que existe uma lacuna na formação dos professores que atuam na Educação Infantil no que se refere à sexualidade da criança, às informações sobre violência sexual na infância e os meios de lidar com tais situações, também há um número

significativo de profissionais que atuam em salas de referência, que se depara com crianças vítimas desse crime. A falta de conhecimento sobre a temática prejudica a quebra do ciclo da violência.

Buscou-se ao longo deste trabalho apresentar que, embora a BNCC que atua como a base do currículo educacional nacional não explicita a importância do diálogo sobre questões relacionadas a sexualidade e ao gênero, portanto se omite em relação a proteção integral das crianças, ainda assim existem possibilidades de trabalhar com prevenção a violência sexual na infância cumprindo alguns objetivos de aprendizagens descritos no documento, contribuindo para o enfrentamento a violência sexual na infância.

Por meio de análise documental classificou-se os objetivos de aprendizagens descritos na BNCC etapa Educação Infantil em três categorias temáticas: “O explícito”, “o oculto” e “o inexistente”. Nas discussões sobre o explícito (tema 01), tratou-se de apresentar evidências claras que o trabalho sobre a temática prevenção a violência sexual é possível. Há evidências 5,4% objetivos de aprendizagem que citam palavras como autocuidado e cuidado com o corpo, que podem sim haver uma articulação explícita com o tema. Já para o oculto (tema 02) são 69,9% objetivos de aprendizagem que não são/estão evidentes, necessitando de um olhar atento para introduzir a temática em sala de referência, mas percebe-se que há indícios, o que contabiliza 75,3% dos objetivos de aprendizagens descritos na BNCC etapa da Educação Infantil que há evidências para articulações e possibilidades de trabalhar a temática desde os bebês até as crianças pequenas por meio da Educação Sexual. E assim, 24,7% é inexistente (tema 03), ou seja, não há possibilidade explícita de se trabalhar prevenção a violência sexual contra a criança, pois abrange temáticas específicas da Educação Infantil.

Contudo, enquanto as políticas públicas de enfrentamento à violência sexual contra a criança estão sendo implementadas por meio do Plano Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual Infanto Juvenil aprovado pelo Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda), este trabalho buscou contribuir com um dos eixos de prevenção que assegura ações preventivas contra o abuso e/ou exploração sexual de crianças, fundamentalmente pela educação, por meio da sensibilização e autodefesa, uma vez que muitas crianças vítimas de violência sexual encontram no contexto educativo uma possibilidade de proteção, auxiliando a prática pedagógica dos professores, por meio de sequências didáticas detalhadas para cada faixa etária, apresentando passo a passo de sua execução, o que contribuirá no seu fazer pedagógico.

Logo, evidencia-se assim que há possibilidades de se trabalhar prevenção a violência sexual na Educação Infantil por meio de Educação Sexual cumprindo os objetivos de

aprendizagens descritos nos campos de experiências da BNCC etapa Educação Infantil, mesmo que o documento não se comprometa com Educação Sexual e Prevenção a violência Sexual na infância. De tal modo, fica o convite para os profissionais que atuam na Educação Infantil, para que reflitam sobre o fenômeno da violência sexual na infância e que este tema se solidifique por meio da prática pedagógica. Fica evidente a necessidade de uma Educação Sexual efetiva e emancipatória que trate da temática da prevenção à violência sexual, não apenas pela necessidade de discussão, mas para assegurar a proteção de tantas crianças que ainda são vítimas dessa nossa realidade.

## REFERÊNCIAS

- Abreu, Ana Rosa, Pereira, Maria Cristina Ribeiro, Soares, Maria Tereza Peres, Nogueira, Neide. (1995). *Orientação Sexual*. Recuperado de <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro102.pdf>.
- Aires, Alice. (2022, setembro 22). Em carta, criança de 9 anos relata ter sido estuprada pelo pai e avô: 'Doía muito, mas ele continuava. *GI*. Recuperado de <https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2022/09/22/em-carta-crianca-de-9-anos-relata-ter-sido-estuprada-pelo-pai-e-avo-doia-muito-mas-ele-continuava.ghtml>.
- Amsterdan, Grey. (2013). *Kiko e a mão*. Recuperado de <https://biblioteca.sns.gov.pt/artigo/livro-para-criancas-sobre-abusos-sexuais/>.
- Ariès, Philippe. (1986). *História Social da Criança e da família (2 ed.)*. Guanabara.
- Arcari, Caroline. (2013). *Pipo e Fifi prevenção a violência sexual na infância*. Instituto Cores. Recuperado de: <https://ifan.com.br/wp-content/uploads/2020/04/Caroline-Arcari-Pipo-e-Fifi.pdf>.
- Arcari, Caroline. (2015). *Pipo e Fifi: guia para pais e educadores como trabalhar o livro em espaços educativos*. Recuperado de [www.pipoefifi.org.br](http://www.pipoefifi.org.br).
- Arcari, Caroline. (2012). *Fifi e Pipo para bebês prevenção a violência sexual para crianças de 0 a 3 anos*. Instituto Cores. Recuperado de: [https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/crianca-e-adolescente/violencia-sexual/cartilhas/pipo\\_e\\_fifi-para\\_bebes.pdf](https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/crianca-e-adolescente/violencia-sexual/cartilhas/pipo_e_fifi-para_bebes.pdf).
- Azevedo, Maria Amélia Nogueira de, & Guerra, Viviane Nogueira de Azevedo. (Org.). (1989). *A Síndrome do pequeno poder: violência física e sexual contra crianças e adolescentes*. Iglu. Recuperado de <https://repositorio.usp.br/item/000797848>.
- Bardin, Laurence. (1977). *Análise de conteúdo* (L. A. Rego & A. Pinheiro, Trad.). Edições 70.
- Brasil. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF: Presidência da República, [2022]. Recuperado de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 15 maio 2023.
- Brasil. [Código penal (1940)]. *Decreto de lei 2.048 de 07 de dezembro de 1940. Código Penal*. Recuperado de [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/del2848compilado.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848compilado.htm). Acesso em: 07/09/2023.
- Brasil. (2021). Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira *Censo da Educação Básica 2020: notas estatísticas*. Brasília, DF: INEP. Recuperado de <https://www.gov.br/inep/pt-br>.
- Braga, Eliane Rosi Maio. (2008). *Palavrões ou palavras: um estudo com educadoras/es sobre sinônimos usados na denominação de temas relacionados ao sexo*. [Tese de

- Doutorado]. Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara. Repositório Institucional. Recuperado de <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/101618?show=full>.
- Brino, Rachel de Faria, & Williams, Lucia Cavalcante Albuquerque. (2003). Concepções da Professora acerca do Abuso Sexual Infantil. *Cadernos de Pesquisa*, 119, 113-128. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/cp/a/mSgkZPYQvjHWXyH7gsL6B9d/?format=pdf&lang=pt>.
- Bueno, Dayana da Silva, Barros, Tatiana de, & Ferraz, Beatriz Mangione Sampaio. (2020). *Práticas Pedagógicas na Educação Infantil: programa de creche para todas as crianças*. (1a ed) Fundação Abrinq pelos direitos das crianças e adolescentes. Recuperado de: <https://issuu.com/fmcsv/docs/praticas-pedagogicas-na-educacao-infantil-2020>.
- Bueno, Rita de Cassia Pereira, & Ribeiro, Paulo Rennes Marçal. (2018). História da Educação Sexual no Brasil: Apontamentos para reflexão. *Revista Brasileira De Sexualidade Humana*, 29(1), 49–56. <https://doi.org/10.35919/rbsh.v29i1.4>.
- Childfundbrasil*. (2022). Brasil ocupa 2º lugar no ranking de exploração sexual de crianças e adolescentes. Recuperado de <https://www.childfundbrasil.org.br/blog/brasil-ocupa-segundo-lugar-em-ranking-de-exploracao-infantil/>.
- Cohen, Claudio, & Gobetti, Gisele Joana. (2000). *Abuso sexual intrafamiliar*. Recuperado de <https://www.usp.br/cearas/ARTIGOS/oIncestoOabusoSexualIntrafamiliar.htm>.
- Cohen, Renata Alves da Silva. (2021). *O Entendimento de Professoras e Familiares Referente ao Processo de Desfralde de Crianças Bem Pequenas* [Trabalho de Conclusão de Curso]. Universidade Federal de Santa Maria. Recuperado de <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/20651>.
- Consentir. (2023). In D. Ribeiro, F. Neves, & C. S. Moreira. Dicionário Online de Português. 7Gaus. Recuperado de <https://www.dicio.com.br/consentir/>.
- Cunha, Célio, Sousa, José Vieira, & Silva, Maria Abádia (Org.). *O Método Dialético na Pesquisa em Educação*. Campinas: Autores Associados, 2014.
- Cunha, Maria Leolina Couto. (2021). *Abuso sexual contra crianças e adolescentes – abordagem de casos concretos em uma perspectiva multidisciplinar e interinstitucional*. República Federativa do Brasil, Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Secretaria Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. Brasília, 2022. Recuperado de <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2021/maio/CartilhaMaioLaranja2021.pdf/view>.
- Dell'Aglio, Debora Dalbosco, & Garcia, Aida Cassia Leal. (1997). Uma Experiência de Educação Sexual Na Pré-Escola. *Paideia FFCLRP*, 97-110. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/S0103-863X1997000100008>.
- Dimenstein, Gilberto. (1992). *Meninas da Noite: a prostituição de meninas escravas no Brasil*. Editora Ática.
- Emenda Constitucional n. 59, de 11 de novembro de 2009*. (2009, 11 de novembro). Acrescenta § 3º ao art. 76 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias para

reduzir, anualmente, a partir do exercício de 2009, o percentual da Desvinculação das Receitas da União incidente sobre os recursos destinados à manutenção e desenvolvimento do ensino de que trata o art. 212 da Constituição Federal, dá nova redação aos incisos I e VII do art. 208, de forma a prever a obrigatoriedade do ensino de quatro a dezessete anos e ampliar a abrangência dos programas suplementares para todas as etapas da educação básica, e dá nova redação ao § 4º do art. 211 e ao § 3º do art. 212 e ao caput do art. 214, com a inserção neste dispositivo de inciso VI. Recuperado de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/emendas/emc/emc59.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc59.htm).

*Explícito*. (2023). In D. Ribeiro, F. Neves, & C. S. Moreira. Dicionário Online de Português. 7Graus. Recuperado de <https://www.dicio.com.br/explicito/>.

Faleiros, Vicente de Paula, & Faleiros, Eva Silveira. (2008). *A escola que protege: enfrentando a violência contra criança e adolescentes* (2a ed.). Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Recuperado de [http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/escqprote\\_eletronico.pdf](http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/escqprote_eletronico.pdf).

Felipe, Jane. (2006, jan-jul). Afinal, quem é mesmo pedófilo? *Cadernos Pagu*, (26), 201-223. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/S0104-83332006000100009>.

Ferreira, Fabio Goncalves. (2012). *Coleção Sentimentos*. Bombom Books.

Figueiró, Mary Neide Damico. (2001). *A formação de Educadores Sexuais: possibilidades e limites*. [Tese de doutorado]. Faculdade de Filosofia e Ciências - Universidade Estadual Paulista. Repositório Institucional. Recuperado de <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/190864>.

Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2022). *Violência doméstica e Sexual*. Anuário brasileiro de Segurança Pública (pp. 147-190). Recuperado de <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/06/anuario-2022.pdf?v=5>.

Foucault, Michel. (1988). *História da Sexualidade: a vontade de saber (13a ed.)* (M. T. da C. Albuquerque, & J. A. G. Albuquerque, Trad.). Editions Gallimard. Recuperado de [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2940534/mod\\_resource/content/1/Hist%C3%B3ria-da-Sexualidade-1-A-Vontade-de-Saber.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2940534/mod_resource/content/1/Hist%C3%B3ria-da-Sexualidade-1-A-Vontade-de-Saber.pdf).

Freud, Sigmound. (2016). *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos (1801-1905)* (1a ed.) (P. C. de Souza, Trad.). Companhia das Letras.

Fuccia, Eduardo Veloso. (2019, outubro 5). Pedófilo que filmou estupros de bebê e menino deficiente é condenado a 45 anos. *Vade News*. Recuperado de <https://vadenews.com.br/pedofilo-que-filmou-estupros-de-bebe-e-menino-deficiente-e-condenado-a-45-anos/Acesso>.

Furlani, Jimena. (2017). *Educação Sexual na sala de aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico racial numa proposta de respeito as diferenças*. Belo Horizonte. Autêntica.

Gadelha, Graça. (2013). *Plano Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes*. Recuperado de [https://crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/sedh/08\\_2013\\_pnevsca.pdf](https://crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/sedh/08_2013_pnevsca.pdf).

- Gil, Antonio Carlos. (2007). *Como elaborar projetos de pesquisa*. (9a ed.). Atlas.
- Gil, Antonio Carlos (2021). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 7 ed. [2 reimp]. São Paulo: Atlas.
- Guerra, Viviane Nogueira de Azevedo, Santoro, Mario, Jr., & Azevedo, Maria. (1992). Violência doméstica contra crianças e adolescentes e políticas de atendimento: do silêncio ao compromisso. *Rev. Bras. Cresc. Des. Hum.* S. Paulo, II (1). Recuperado de <https://www.revistas.usp.br/jhgd/article/view/44977/48589>.
- Guimarães, Isaura. (1995). *Educação Sexual na Escola: Mito e realidade*. Mercado de Letras.
- Guimarães, Daniela, & Arenari, Rachel. (2018). Na Creche, Cuidados Corporais, Afetividade e Dialogia. *Educação em Revista*, 34, 1-19. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698186909>.
- Inoue, Silvia Regina Viodres, & Ristum, Marilena. (2008). Violência Sexual: caracterização e análise de casos revelados na escola. *Estudos de Psicologia*, 25 (1). Recuperado de <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/Ryhzvgk9jn3VK9brXPZLDDp/?lang=pt&format=pdf>.
- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP. (2021). *Censo da Educação Básica 2020: notas estatísticas*. Brasília, DF: INEP. Recuperado de [https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas\\_e\\_indicadores/notas\\_estatisticas\\_censo\\_escolar\\_2020.pdf](https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/notas_estatisticas_censo_escolar_2020.pdf).
- Jesus, Rosana Maria de, & Lempke, Natalia Nunes Scoralick. (2015). Manifestações Emocionais das Crianças na Educação Infantil. *Revista digital FAPAM*, 6, 309-325. Recuperado de <https://periodicos.fapam.edu.br/index.php/synthesis/article/view/120/117>.
- King, Helen. (1998). Preparando o terreno: sexologia grega e romana. In R. Porter, & M. Teichh (Org.), *Conhecimento sexual, ciência sexual: a história das atitudes em relação a sexualidade* (pp. 45-63). Fundação editora da Unesp.
- Lara, Adriane Alves dos Santos Gonzales, Kassburg, Anielle Evelyn Silva, Freire, Cleuza da Silva, Barros, Dagmar Modesto Batista, Martins, Gleice Aparecida, Damascena, Nilva Dias, Silva, Rosângela Ercy da, Brito, Rosângela Nonato de, Corrêa, Tainah de Oliveira Gonçalves, Barbosa, Verônica Delgado do Nascimento. (2021). A SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL. *Revista Ibero-Americana De Humanidades, Ciências E Educação*, 09–108. Recuperado de <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/2950>.
- Leão, Andreza de Marques Castro, & Muzzeti, Luci Regina. (2018). *Problematizando a violência sexual na formação continuada de professores/as* [Apresentação de Trabalho]. Anais do VI Congresso Nacional de Formação de Professores – XIV Congresso Nacional Paulista de formação de educadores (pp. 1- 10). FAPESP, São Paulo.
- Leão, Andreza de Marques Castro, Ribeiro, Paulo Rennes Marçal, & Bedin, Regina Celia. (2010). Sexualidade e Orientação Sexual Na Escola Em Foco: algumas reflexões sobre a formação de professores. *Revista Linhas*, 11(1), 26-52. Recuperado de <https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/2015>.
- Leão, Andreza de Marques Castro, & Ribeiro, Paulo Rennes Marçal. (2013). A (in) existência da sexualidade no curso de Pedagogia: o currículo oculto em evidencia. *Revista Ibero*

- Americana de Estudos em Educação*. 8 (1), 275-290. Recuperado de <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/6530>.
- Lei n. 11.829, de 25 de novembro de 2008*. (2008, 25 de novembro). Altera a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente, para aprimorar o combate à produção, venda e distribuição de pornografia infantil, bem como criminalizar a aquisição e a posse de tal material e outras condutas relacionadas à pedofilia na internet. Brasília: Presidência da República. Recuperado de [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/111829.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111829.htm).
- Lei n. 13.306, de 04 de julho de 2006*. (2006, 04 de julho). Altera a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente, a fim de fixar em cinco anos a idade máxima para o atendimento na educação infantil. Recuperado de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2016/lei/113306.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/113306.htm).
- Lei n. 13.431, de 04 de abril de 2017*. (2017, 04 de abril). Estabelece o sistema de garantia de direitos da criança e do adolescente vítima ou testemunha de violência e altera a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente). Brasília: Presidência da República. Recuperado de <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2017/lei-13431-4-abril-2017-784569-publicacaooriginal-152306-pl.html>.
- Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990*. (1990, 13 de julho). Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília: Presidência da República. Recuperado de [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm#:~:text=Disp%C3%B5e%20sobre%20o%20Estatuto%20da,Adolescente%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%A2ncias.&text=Art.%201%C2%BA%20Esta%20Lei%20disp%C3%B5e,e%20dezoito%20anos%20de%20idade](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm#:~:text=Disp%C3%B5e%20sobre%20o%20Estatuto%20da,Adolescente%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%A2ncias.&text=Art.%201%C2%BA%20Esta%20Lei%20disp%C3%B5e,e%20dezoito%20anos%20de%20idade).
- Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, Presidência da República. Recuperado de [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm).
- Lima, Célia Fernanda. A cada hora, três crianças são vítimas de violência sexual no Brasil. Recuperado de: <https://lunetas.com.br/a-cada-hora-tres-criancas-sao-vitimas-de-violencia-sexual-no-brasil/#:~:text=Resumo-,A%20cada%20hora%20tr%C3%AAs%20crian%C3%A7as%20s%C3%A3o%20v%C3%ADtimas%20de%20viol%C3%A2ncia%20sexual,sexual%20infantil%20al%C3%A9m%20do%20papel>.
- Louro, Guacira Lopes. (1997). *Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista* (6a ed.). Vozes.
- Loyola, Maria Andrea. (1998). *A sexualidade nas Ciências Humanas*. Editora Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- Maia, Ana Luísa de Menezes, Medeiros, Iasmin, & Denis Gonçalves Ferreira (2018). Sexualidade: uma nova área de conhecimento. *Saúde & Conhecimento – Jornal de*

- Medicina UNIVAG, 2, 18-22. Recuperado de <https://www.periodicos.univag.com.br/index.php/jornaldemedicina/article/view/1065/0>.
- Maia, Ana Claudia Bortolozzi, Pastana, Marcela, Pereira, Patricia Cristine, & Spaziani, Raquel Batista. (2011). Projeto de intervenção em educação sexual com educadoras e alunos de uma pré-escola. *Rev. Ciênc. Ext.*, 7(2), 115-129. Recuperado de [https://ojs.unesp.br/index.php/revista\\_proex/article/view/419](https://ojs.unesp.br/index.php/revista_proex/article/view/419).
- Marconi, Marina de Andrade, & Lakatos, Eva Maria. (2003). *Fundamentos de metodologia científica*. (5a ed.). Atlas.
- Martelli, Andrea Cristina. (2013). *Abuso Sexual contra crianças e adolescentes: o que a escola tem a ver com isso?* [Apresentação de Trabalho]. 3º Simpósio Internacional de Educação Sexual: corpos, identidade de gênero, e heteronormatividade no espaço escolar. Maringá, Paraná.
- Martinelli, Maria Lucia. (1999). *Pesquisa qualitativa: um instigante desafio*. (2a ed.). Veras.
- Mastroianni, Fabio de Carvalho, Alves, Angelo Augusto Rodrigues, Andreati, Ana Beatriz, & Leão, Andreza de Marques Castro. (2021). Violência sexual infantojuvenil: contribuições e responsabilidades dos profissionais de psicologia. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 12, 40-62. Recuperado de <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/eip/article/view/39025>.
- Mendes, Marcia Cristina Ferreira, Moura, Anaise Alves de, & Aragão, Marcia da Paz Arruda. (2020). A Prática de Professores da Educação Infantil como Ação Preventiva da Violência Sexual de Crianças. *Revista on line de Política e Gestão Educacional*, 24(3), 1900-1914. Recuperado de <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/14468>.
- Ministério da Educação e do Desporto (1998a). *Referencial curricular nacional para a educação infantil*. 3 vol. Brasília.
- Ministério da Educação. (1998b). *Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental*. Brasília, DF. Recuperado de <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf>.
- Ministério da Educação. (2018). *Base Nacional Comum Curricular*. Recuperado de <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>.
- Monteiro, Solange Aparecida de Souza, & Storto, Letícia Jovelina (2019). Educação Infantil: uma reflexão plural da história e da sexualidade. *Revista Ibero Americana de Estudos em Educação*, 14(1), 237-252. Recuperado de <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/11865>.
- Montiel, Larissa Wayhs Trein, & Sarat, Magda. (2020). (Navirai, 1974-2005). *Anuário de História de La Educacion*, 21(1), 125-145. Recuperado de <http://www.scielo.org.ar/pdf/histed/v21n1/2313-9277-histed-21-01-125.pdf>.
- Mozzato, Anelise Rebelato, & Grzybovski, Denise. (2011). Análise de Conteúdo como Técnica de Análise de Dados Qualitativos no Campo da Administração: Potencial e Desafios. *RAC*, 15(4), 731-747. Recuperado de

<http://www.spell.org.br/documentos/ver/1537/analise-de-conteudo-como-tecnica-de-analise-de--->.

Mundo Nostalgia (2013, abril 29). *Castelo Rá Tim Bum Ratinho*. [vídeo]. Youtube. Recuperado de [https://www.youtube.com/watch?v=JovcPhnys2Q&list=RDJovcPhnys2Q&start\\_radio=1](https://www.youtube.com/watch?v=JovcPhnys2Q&list=RDJovcPhnys2Q&start_radio=1)

Nunes, Cesar, & Silva, Edna. (2006). *A educação sexual da criança: subsidios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade* (1a ed.). Autores Associados.

Ninguém mexe comigo. (2020, maio 18). *Ninguém mexe comigo: crianças e adolescentes merecem respeito e proteção, sim!* [vídeo]. Youtube. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=J1RHieEwRNE&t=10s>.

Oculto. (2023). In D. Ribeiro, F. Neves, & C. S. Moreira. Dicionário Online de Português. 7Graus. Recuperado de <https://www.dicio.com.br/oculto/>.

Ornellas, Carolina. (2021). Na Educação Infantil e no Ensino Fundamental (1º ao 5º ano). In M. Ribeiro (Org.), *A Conversa sobre Sexualidade na Escola*. Wak.

Ramos, Ivone dos Reis. (2017). *Cuidar, brincar e educar com afetividade, em parceria com a família na Educação Infantil*. [Monografia de Graduação em Pedagogia]. Faculdade Calafiori. Recuperado de <http://calafiori.edu.br/wp-content/uploads/2019/09/CUIDAR-BRINCAR-E-EDUCAR-COM-AFETIVIDADE-EM-PARceria-COM-A-FAM%C3%8DLIA-NA-EDUCA%C3%87%C3%83O-INFANTIL.pdf>.

Ramos, Fabio Pestana. (2010). A história trágico-marítima das crianças nas embarcações portuguesas do século XVI. In M. Del Priore (Org.), *A história da criança no Brasil* (7a ed., pp.17-50). Contexto.

Ribeiro, Marcos. (2020). *Educação em sexualidade: conteúdos-metodologias-entraves*. Wak.

Ribeiro, Paulo Rennes Marçal. (2017). Entrevista Educação para Sexualidade. *Revista Diversidade e Educação*, 5(2), 7-15. Recuperado de Doi 10.14295/de.v5i2.7867.

Ribeiro, Paulo Rennes Marçal. (2019). Desafios contemporâneos em educação sexual: a perda do ambiente mental, social e escolar. In: R. D. da Silva *et al.* (Org.), *Interseccionalidade e transgressões em Educação Sexual* (pp. 29-39). Editora Syntagma.

Rico, Rosi. (2023) *Base coloca necessidade de os estudantes aprender a cuidar da saúde física e do equilíbrio emocional*. Recuperado de <https://novaescola.org.br/bncc/conteudo/12/competencia-8-autoconhecimento-e-autocuidado>.

Rocha, Leiliane. (2021a). *Curso PAS – prevenção ao abuso sexual*. Palestra ministrada a pais e profissionais inscritos. Recuperado de <https://leilianerocha.com.br/cursopas>.

Rocha, Leilane. (2021b, maio 18). *Música Não Pode Tocar Não (nova versão)*. [vídeo]. Youtube. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=OOgCLwh5J4g>.

- Rodrigues, Maria do Socorro Pereira, & Leopardi, Maria Tereza. (1999) *O método de análise de conteúdo: uma versão para enfermeiros*. Fundação Cearense de Pesquisa em Cultura.
- Rosset, Joyce, Webster, Maria Helena, Fukuda, Joyce Eiko, & Almeida, Lucila. (2017). *Práticas comentadas para inspirar formação do professor de Educação Infantil – creche o a 3 anos e 11 meses*. 1 ed. Editora Brasil.
- Safernet (s.d.). Safernet vence competição mundial e desenvolverá tecnologias de prevenção ao abuso sexual infantil online. Safernet. Recuperado de <https://new.safernet.org.br/content/safernet-vence-competicao-mundial-e-desenvolvera-tecnologias-de-prevencao-ao-abuso-sexual>.
- Safernet (2021, maio, 18). Denúncias de pornografia infantil cresceram 33, 45% em 2021, aponta a Safernet Brasil. Safernet. Recuperado de <https://new.safernet.org.br/content/denuncias-de-pornografia-infantil-cresceram-3345-em-2021-aponta-safernet-brasil>.
- Saffioti, Heleieth Iara Bongiovani. (1987). *O poder do macho*. Moderna.
- Saffioti, Heleieth Iara Bongiovani. (1989a). A síndrome do pequeno poder. In M. A. Azevedo, & V. N. Guerra (Orgs.), *A Síndrome do pequeno poder: violência física e sexual contra crianças e adolescentes* (pp. 13-22). Iglu.
- Saffioti, Heleieth. Iara Bongiovani. (1989b). A síndrome do pequeno poder. In M. A. Azevedo, & V. N. Guerra (Orgs.), *A Síndrome do pequeno poder: violência física e sexual contra crianças e adolescentes* (pp. 49-95). Iglu.
- Saffioti, Heleieth Iara Bongiovani. (2004). *Gênero, patriarcado, violência*. Fundação Perseu Abramo.
- Sanderson, Christiane. (2005). *Abuso sexual em crianças*. M. Books do Brasil Editora Ltda.
- Santos, Benedito Rodrigues dos, & Ippolito, Rita. (2011). *Guia escolar: Identificação de sinais de abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes*. EDUR. Recuperado de <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000016936.pdf>.
- Santos, Fernanda Marsaro dos. (2012). Análise de conteúdo: a visão de Laurence Bardin. *Revista Eletrônica de Educação*, 6(1). Edições 70. Recuperado de <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/291>.
- Sarmiento, Manuel Jacinto. (2007). Visibilidade social e educação da infância. In V. M. Vasconcellos, & M. J. Sarmiento (Orgs.), *Infância (in)visível*. Junqueira e Marin.
- Sartori, Thiago Luiz. (2022). Análise da Educação Sexual em face ao estudo da sexualidade: marginalização da Educação Sexual na BNCC. *Ver. Bras. Psico, e Educ*, 23.1-12. Recuperado de <https://doi.org/10.30715/doxa.v23i00.15558>.
- Sayão, Debora Tome. (2002). *Corpo e movimento: alguns desafios para Educação Infantil*. *Zeroseis*, 4(5), 1-11. Recuperado de <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/11156/10629>.

- Schindhelm, Virginia Georg. (2011) A Sexualidade na Educação Infantil. *RevistAleph*, 16(5), 35-47. Recuperado de <https://periodicos.uff.br/revistaleph/article/view/39056/22494>.
- Prefeitura Municipal de Umuarama. (2015). Secretaria Municipal de Educação de Umuarama. *COLETÂNEA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA SONDAÇÃO DE DESENHO EDUCAÇÃO INFANTIL DE 0 A 3 ANOS*. <http://edu.umuarama.pr.gov.br/secretaria-de-educacao/>.
- Silva, Ricardo Desidério da. (2009). Educação em ciência e sexualidade: o professor como mediador das atitudes e crenças sobre sexualidade no aluno [Dissertação de Mestrado]. Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Exatas, UEM. Recuperado de <http://repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/4444>.
- Silva, Ricardo Desiderio da. (2015). *Educação Audiovisual da Sexualidade: olhares a partir do kit anti-homofobia* [Tese de doutorado]. Faculdade de Ciências e Letras, Unesp. Repositório Institucional. Recuperado de <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/126523>.
- Silva, Raimundo Jose Pereira, & Sá-Silva, Jackson Ronie. (2019). Corpo Infantil, artefatos culturais e o processo de pedofilização social. *Rev. Interinstitucional Artes de Educar*. Rio de Janeiro, 5(3), 612-627. Recuperado de <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/riae/article/view/45792>.
- Soma, Sheila Mara Prado, & Williams, Lucia Cavalcante Albuquerque. (jan.-abr., 2019). O Livro infantil especializado como estratégia de prevenção do abuso sexual. *Psicologia: Teoria e Prática*, 21(1), 186-203.
- Soma, Sheila Mara Prado, & Williams, Lucia Cavalcante Albuquerque. (2014). Livros Infantis para Prevenção do Abuso Sexual Infantil: Uma Revisão de Estudos. *Temas em Psicologia*, 22 (2), 353-361. DOI: 10.9788/TP2014.2-07.
- Silva, Alessandra Rocha Santos Silva, Soma, Sheila Mara Prado, & Watarai, Cristina Fukuda. (2011). *O Segredo da Tartanina: um livro a serviço da proteção e prevenção contra o abuso sexual infanto-juvenil* (2a ed). Vila Crescente.
- Spaziani, Raquel Batista. (2013). *Violência Sexual Infantil: Compreensões de Professoras sobre Conceito e Prevenção* [Dissertação de Mestrado]. Faculdade de Ciências e Letras, Unesp. Repositório Institucional. Recuperado de <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/97497?show=full>.
- Spaziani, Raquel Batista. (2017). *Violencia sexual contra crianças: a inserção da perspectiva de gênero em pesquisas de pós graduação da área da educação (1987-2015)* [Tese de doutorado]. Faculdade de Ciências e Letras, Unesp. Repositório Institucional. Recuperado de <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/151606>.
- Spaziani, Raquel Batista, & Maia, Ana Claudia Bortolozzi. (2015). Educação para a Sexualidade e Prevenção da Violência Sexual na Infância: concepções de professoras. *Rev. Psicopedagogia*, 32(97), 61-71. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-84862015000100007](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862015000100007).

- Spizirri, Giancarlo. (2010). Pedofilia – considerações atuais. *Diagn Tratamento*, 15(1), 43-44. Recuperado de <http://files.bvs.br/upload/S/1413-9979/2010/v15n1/RDTv15n1a1148.pdf>.
- Stearns, Peter. (2010). *História da sexualidade*. Editora Contexto.
- Taubman, Andrea Viviana. (2020). *Não me toca seu boboca* (3a ed.). Aletria.
- Tio Som. (2021, maio 12). *Toque do Sim, Toque do Não – Tio Som e Tia Laila – música sobre abuso sexual contra criança* [vídeo]. Youtube. Recuperado de: <https://www.youtube.com/watch?v=dUEuILLugno>.
- Tomás, Catarina. (2014). As Culturas da Infância na Educação de Infância: um olhar a partir dos direitos da criança. *Interações*, (32), 129-144, Recuperado de: <https://doi.org/10.25755/int.6352>.
- Tomazini, Aline Dias. (2020). *Educação em sexualidade: um estudo documental dos Parâmetros Curriculares Nacionais e da Base Comum Curricular*. [Trabalho de conclusão de curso para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”. Repositório Institucional. Recuperado de [https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/244292/tomazini\\_ad\\_tcc\\_rcla.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/244292/tomazini_ad_tcc_rcla.pdf?sequence=1&isAllowed=y).
- Unesco (2019). *Orientações técnicas internacionais de educação em sexualidade: uma abordagem baseada em evidências* (2a ed.). Recuperado de <https://www.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/369308por.pdf>.
- Willians, Lucia Cavalcante de Albuquerque. (2012). *Pedofilia: identificar e prevenir*. Brasiliense.
- Xavier, Constantina, Filha. (2012). Educação para as sexualidades, a igualdade de gênero e as diversidades/diferenças na Educação das Infâncias – questões a problematizar. In C. Xavier, Filha, *Sexualidade, Gênero e diferenças na Educação das Infâncias*. (pp. 17-34). ED UFMS.